

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

Escola de Ciências Humanas e Sociais

**A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte: A relação com a Empatia e os
Traços Psicopáticos numa Amostra de Adolescentes Portugueses**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Daniela Mariana Carvalho Martins

Orientação: Professora Doutora Alice Margarida dos Santos Simões

Coorientação: Professora Doutora Inês Moura de Sousa Carvalho Relva



Vila Real, 2020

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

Escola de Ciências Humanas e Sociais

**A exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte: A relação com a Empatia e os
Traços Psicopáticos numa Amostra de Adolescentes Portugueses**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Daniela Mariana Carvalho Martins

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau
mestre em psicologia clínica pela Universidade de
Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de
Educação e Psicologia, Escola de Ciências Humanas
e Sociais sob a orientação da Professora Doutora
Alice Margarida dos Santos Simões e Professora
Doutora Inês Moura de Sousa Carvalho Relva

Vila Real, 2020

Declaro que todo o conteúdo e/ou ideias presentes são de minha inteira responsabilidade. Este trabalho foi expressamente elaborado como dissertação original para efeito de obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica, sendo apresentado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia.

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.”*

Luís de Camões

Agradecimentos

A presente dissertação de mestrado resulta de um esforço e trabalho individual acompanhado pelo contributo de pessoas significativas e importantes na minha vida, que me ajudaram alcançar um objetivo de vida que há muito ambicionava. É importante exprimir os meus sinceros agradecimentos, a algumas pessoas que me ajudaram em mais uma etapa da minha vida.

À **Professora Doutora Alice Margarida dos Santos Simões**, minha orientadora científica, com quem tive a oportunidade de aprender e crescer, pela sua infindável sabedoria. Obrigada por me ter ensinado a sonhar com os pés no chão e, sobretudo, por sempre ter acreditado no valor deste trabalho. Obrigada por todos os conselhos, por toda a dedicação e disponibilidade, por todas as palavras de coragem, e por todos os esforços essenciais à realização deste trabalho.

À **Professora Doutora Inês Moura de Sousa Carvalho Relva**, agradeço por todo o apoio e compreensão, por toda a sua dedicação, disponibilidade e rigor, e, acima de tudo, pela confiança que depositou em mim.

Agradeço a vocês, minhas professoras, a vossa prontidão e entrega, bem como a partilha de conhecimentos ao longo de todo o trabalho.

Agradeço aos meus **Pais** e à minha irmã **Patrícia**, por todos os ensinamentos, valores, e por sempre acreditarem em mim e nunca desistirem das minhas capacidades. Agradeço-vos pela oportunidade que me deram, pelos esforços que têm feito para me possibilitar a prossecução de estudos superiores e pela concretização de um sonho de vida. Sou eternamente grata pelo vosso amor incondicional. Prometo-vos honrar a conquista de hoje e continuar a lutar por mais e melhor.

Ao meu namorado e amigo **Rúben Correia**, por ter sido o meu fiel companheiro ao longo desta caminhada. Por todo o apoio, disponibilidade, compreensão, segurança e carinho. Por ser o meu ponto de ancoragem nos momentos mais difíceis e por fazer dos meus erros, aprendizagens, mostrando que o errar faz parte da condição humana. Obrigada por sempre me incentivares e acreditares nas minhas capacidades.

Às minhas amigas, especialmente à **Mara Gomes** e à **Tatiana Gonçalves**, companheiras de sonhos que, juntas, fomos alcançando. Obrigada pela amizade e por terem transformado este momento solitário, numa etapa rica em aprendizagens, companheirismo e carinho, fazendo-me acreditar que juntas conseguiríamos alcançar o nosso objetivo.

Aos colegas de mestrado, companheiros deste percurso enriquecedor, em especial a minha companheira de investigação, **Maria Beatriz Lopes**, por todo o apoio, amizade, força e incentivo que sempre me transmitiu.

Aos meus primos, **Carina Silva**, **Fábio Guimarães**, **Bruno Bento** e **Mara Lopes**, por me transmitirem força, confiança e coragem. Agradeço-vos por sempre acreditarem no meu mérito e por me incentivarem a querer ser mais e melhor.

À **Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**, enquanto Instituição de ensino que me acolheu ao longo destes cinco anos. Agradeço a oportunidade de realizar este projeto, assim como, ao corpo docente do curso de Psicologia que fez parte deste percurso e por todos os ensinamentos transmitidos. Por último, **a todas as Instituições Escolares**, que se disponibilizaram e aceitaram a recolha de dados. Agradeço a todos os adolescentes que constituem a amostra da presente investigação.

A todos, o meu sincero e profundo, **OBRIGADA!**

Índice

Introdução.....	1
ESTUDO EMPÍRICO I: “A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte e a Relação com a Empatia numa Amostra de Adolescentes Portugueses”.....	5
Resumo	6
Abstract.....	7
A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte e a relação com a Empatia numa Amostra de Adolescentes Portugueses	8
Empatia: Compreensão do construto	10
A Exposição a Ambientes Abusivos/Suporte e a Empatia	13
Método	14
Participantes	14
Instrumentos	14
Procedimentos	16
Estratégias de análise de dados	17
Resultados.....	18
Associação entre as diferentes dimensões do <i>EASE-PI</i>	18
Associação entre as diferentes dimensões do <i>EASE-PI</i> e do <i>BES-A</i>	20
Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos/suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função do sexo	21
Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos/suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função da idade	21
Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos/suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função de ter ou não irmãos.....	23
Discussão.....	24
Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros.....	27
Referências bibliográficas	30

ESTUDO EMPÍRICO II: “A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte na Emergência de Traços Psicopáticos numa Amostra de Adolescentes Portugueses” 39

Resumo	40
Abstract.....	41
A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte na Emergência de Traços Psicopáticos numa Amostra de Adolescentes Portugueses	42
Psicopatia: Compreensão do construto	45
A Psicopatia e a exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte	47
Método	49
Participantes	49
Instrumentos	49
Procedimentos	52
Estratégias de análise de dados	53
Resultados.....	54
Associação entre as diferentes dimensões do inventário <i>EASE-PI</i> e <i>YPI-RE</i>	54
Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos/suporte e traços psicopáticos em função do sexo.....	57
Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos/suporte e traços psicopáticos em função da idade.....	58
Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos/suporte e traços psicopáticos em função de ter ou não irmãos	62
Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos/suporte e traços psicopáticos em função de com quem vive.....	63
Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos/suporte na emergência de traços psicopáticos.....	64
Discussão.....	72
Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros.....	79
Referências bibliográficas	82

Considerações finais	97
Referências gerais.....	101
ANEXOS	123

Índice de tabelas

Estudo Empírico I

Tabela 1	19
Correlações entre as dimensões do EASE-PI para o Pai e para a Mãe, média e desvio-padrão (N=728)	19
Tabela 2	20
Correlações entre as dimensões do EASE-PI e BES-A, média e desvio-padrão (N=728)	20
Tabela 3	21
Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A em função do sexo	21
Tabela 4	23
Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A em função da idade	23
Tabela 5	24
Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A, em função de ter ou não irmãos	24

Estudo Empírico II

Tabela 1	56
Correlações entre as dimensões do <i>EASE-PI</i> e <i>YPI-RE</i>, média e desvio-padrão (N=728)	56
Tabela 2	58
Análise diferencial dos inventários <i>EASE-PI</i> e <i>YPI-RE</i> em função do sexo.....	58
Tabela 3	61
Análise diferencial dos inventários <i>EASE-PI</i> e <i>YPI-RE</i> em função da idade.....	61
Tabela 4	62
Análise diferencial dos inventários <i>EASE-PI</i> e <i>YPI-RE</i> em função de ter ou não irmãos	62
Tabela 5	64
Análise diferencial dos inventários <i>EASE-PI</i> e <i>YPI-RE</i> em função de com quem vive	64
Tabela 6	65
Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Encanto Desonesto)	65
Tabela 7	66
Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Grandiosidade)	66
Tabela 8	67
Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Mentira).....	67
Tabela 9	68
Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Manipulação)	68
Tabela 10	69

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Frieza Emocional).....	69
Tabela 11	70
Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Impulsividade)	70
Tabela 12	71
Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Falta de Sentido de Responsabilidade).....	71
Tabela 13	72
Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Busca de Emoções)	72

Lista de Siglas e Acrónimos

EASE-PI – *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*

BES-A – Versão Breve da Escala Básica de Empatia

YPI-RE – *Youth Psychopathic Inventory Traits Reconstructed*

CAE – Comportamento Abusivo Emocional

CAF – Comportamento Abusivo Físico

A/S – Amor/Suporte

PI – Promoção de Independência

MP – Modelagem Positiva

EDS – Encanto Desonesto

GRD – Grandiosidade

MNT – Mentira

MNP – MNP

ARM – Ausência de Remorsos

AE – Ausência de Emoções

IMP – Impulsividade

FRP – Falta de Sentido de Responsabilidade

BEM – Busca de emoções

FRZ – Frieza Emocional

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

CEF – Cursos de Educação e Formação

M – Média

DP – Desvio padrão

PO – Poder Observado

MANOVA– Análise de Variância Multivariada

RMSEA– Root Mean Square Error of Approximation

CFI – Comparative Fit Index

GFI – Goodness of Fit Index

RMSR – Root Mean Square Residual

AMOS – Analysis of Moment Structures

SPPS – Statistical Package for Social Sciences

Introdução

Os indivíduos na fase da adolescência experienciam distintas mudanças, incluindo o desenvolvimento de identidades coerentes, o desenvolvimento da independência dos pais e o desenvolvimento da função empática (Alberto, 2014).

A exposição de crianças e/ou jovens, a situações de violência é uma violação muito grave dos direitos humanos e impede que o seu desenvolvimento seja normal e em condições saudáveis. Os maus-tratos praticados contra os mais novos podem trazer inúmeros prejuízos para o desenvolvimento da criança e potencializam a evolução de problemas comportamentais que se têm vindo a manifestar cada vez mais cedo (Pesce, 2009).

Pesquisas anteriores demonstraram que diversas formas de exposição múltipla de vitimização, apresentam consequências prejudiciais para a saúde mental dos jovens, bem como para o seu desenvolvimento (Ometto et al., 2016; Turner, Shattuck, Finkelhor, & Hamby, 2017). Esta é uma problemática que configura duas dimensões: abusiva e negligente. O abuso implica uma interação entre a criança e as pessoas que assumem o papel de cuidadores, englobando o abuso físico, psicológico e sexual. A negligência traduz a ausência de relação, por omissão ou rejeição da criação de um vínculo com a criança (Alberto, 2014; Magalhães, 2010).

No âmbito dos processos desenvolvimentistas, o ambiente desempenha um papel crucial. Como tal, torna-se importante entender a empatia como uma competência social, que cresce em interação com os outros. O conceito de empatia pode ser compreendido segundo dois constructos diferentes: empatia cognitiva e empatia afetiva. A primeira corresponde ao reconhecimento emocional e à compreensão da subjetividade dos outros (Blair, 2005), enquanto que a segunda é caracterizada através da predisposição para experimentar sentimentos de compaixão e preocupação com o bem-estar dos outros (Hoffman, 2000; Motta, Falcone, Clark, & Magalhães, 2006).

O constructo da psicopatia na adolescência, ainda é controverso nos dias de hoje devido à falta de estabilidade temporal ao nível da personalidade (Salekin & Lynam, 2010). Contudo a maioria dos estudos empíricos realizados tem aceite este constructo no sentido de o entender melhor (Frick, O'Brien, Wootton, & McBurnett, 1994; Fung, Gao, & Raine, 2010; Lynam, Caspi, Moffitt, Loeber, & Stouthamer-Loeber, 2007; Salekin, 2016).

A psicopatia é definida como uma perturbação complexa, determinada por uma constelação distinta de características interpessoais, afetivas e comportamentais (Hawes, Byrd, Waller, Lynam, & Pardini, 2017). Define-se como um constructo multidimensional que inclui uma variedade de domínios da personalidade (Lynam et al., 2008), caracterizada pela inexistência de remorsos, egocentrismo, insensibilidade afetiva, manipulação, charme e afeto superficial, impulsividade, mentira patológica, insegurança e falha em aceitar a responsabilidade pelas suas ações (Cleckley, 1941; Hare, 2003).

A literatura evidencia o contexto familiar como o primeiro a providenciar as condições que potenciam o desenvolvimento de empatia e de outras competências do indivíduo (Anastácio & Lima, 2017). As experiências relacionais iniciais influenciam, em parte, as relações posteriores dos sujeitos, como verificado num estudo de Miller e Knutson (1997), onde foi possível comprovar uma associação positiva entre a história infantil punitiva com o comportamento antissocial. No mesmo sentido, numa investigação de Barbieri e Pavelqueires (2012), verifica-se que a psicopatia se desenvolve através do meio social negligenciado. Diante disso, resta saber se a relação e combinação entre estes fatores podem estar presentes no desenvolvimento da personalidade psicopática.

O presente trabalho encontra-se dividido em dois estudos empíricos diferentes, mas complementares. Ambos os estudos norteiam o estudo da exposição a ambientes abusivos e de suporte, embora incluam outras variáveis e objetivos diferentes. Neste sentido, o primeiro estudo empírico, intitulado “*A exposição a ambientes abusivos e de suporte e a relação com a*

empatia numa amostra de adolescentes portuguesas”, objetiva, analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia, bem como explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia em função de variáveis sociodemográficas, tais como o sexo, idade dos adolescentes e se tem ou não irmãos. O segundo estudo intitulado “*A exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos numa amostra de adolescentes portuguesas*”, pretende analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e os traços psicopáticos; explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função das variáveis sociodemográficas, tais como o sexo, a idade dos adolescentes, ter ou não irmãos e com quem vive; e perceber se a exposição a ambientes abusivos e de suporte prediz a emergência de traços psicopáticos.

O interesse por esta temática prende-se com a relevância que apresenta e que tem vindo a suscitar mais estudos nesta área, uma vez que existe um incremento dos casos reportados de crianças vítimas de maus-tratos e comportamentos disruptivos nos adolescentes, podendo contribuir para a formação de psicopatas na vida adulta.

Ambos os estudos empíricos assumem um cariz inovador, dada a escassez de investigações científicas, nacionais e internacionais, que reportem a experiência da exposição a ambientes abusivos e de suporte relacionados com a emergência de traços psicopáticos, na trajetória de vida dos adolescentes.

ESTUDO EMPÍRICO I

A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte e a Relação com a Empatia numa Amostra
de Adolescentes Portugueses

“Exposure to Abusive and Supportive Environments and the Relationship with Empathy in a
Sample of Portuguese Adolescents”

Resumo

De acordo com a literatura, os indivíduos na fase da adolescência vivenciam distintas mudanças, incluindo o desenvolvimento de identidades coerentes, o desenvolvimento da independência dos pais e o desenvolvimento da função empática. Assim, a presente investigação tem como principais objetivos analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia; explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em função de variáveis sociodemográficas, tais como o sexo, idade dos adolescentes e se tem ou não irmãos. A amostra foi constituída por 728 adolescentes portugueses com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos. No momento de recolha dos dados, procedeu-se à aplicação do inventário *Versão Breve da Escala Básica de Empatia (BES-A)*, da *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory (EASE-PI)* e um questionário sociodemográfico. Os resultados sugerem que as dimensões do inventário da exposição a ambientes abusivos e de suporte, nomeadamente os fatores de apoio se correlacionam positivamente com a empatia cognitiva, e os fatores de abuso se correlacionam positivamente com a empatia afetiva. Verificou-se ainda que a existência de comportamentos abusivos físicos, exercidos pelos pais, estão mais presentes no sexo masculino comparado com o sexo feminino, e o sexo feminino apresenta níveis de empatia (cognitiva e afetiva) mais elevados. Outro resultado obtido, diz respeito à existência de comportamentos abusivos emocionais e físicos, exercidos por ambos os pais, ser menor no grupo da faixa etária entre os 12 e os 15 anos, comparativamente com os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos. E por último, constatou-se ainda que o comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe, é maior quando os jovens têm irmãos, e o amor e suporte, exercido pelos pais, parece ser menor quando os jovens têm irmãos. Apesar de a pesquisa nesta área, nas últimas décadas, se ter vindo a afirmar, ao nível nacional os estudos são ainda incipientes, fornecendo uma visão pouco integrada das dinâmicas que estes fenómenos acarretam. Assim, seria ideal optar pela realização de estudos longitudinais, para se obter novas informações e ser possível uma análise comparativa mais detalhada, no sentido de melhor compreender se a exposição a ambientes abusivos prediz a empatia.

Palavras-Chave: Adolescência; comportamentos abusivos; comportamentos de suporte; empatia; EASE-PI; BES-A.

Abstract

According to the literature, individuals in adolescence experience distinct changes, including the development of coherent identities, the development of parental independence, and the development of empathic function. Thus, this research aims to analyze the association between exposure to abusive and supportive environments and empathy; explore the differences between exposure to abusive and supportive environments and empathy due to sociodemographic variables such as gender, age of adolescents and whether or not they have siblings. The sample consisted of 728 Portuguese adolescents aged 12 to 20 years. At the time of data collection, the Brief Basic Empathy Scale (BES-A), Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory (EASE-PI) inventory and a sociodemographic questionnaire were applied. The results suggest that the dimensions of the inventory of exposure to abusive and supportive environments, namely support factors, correlate positively with cognitive empathy, and factors of abuse positively correlate with affective empathy. It was also found that the existence of abusive physical behaviors, exerted by parents, are more present in males compared to females, and females have higher levels of empathy (cognitive and affective). Another result, related to the existence of emotional and physical abusive behaviors, exerted by both parents, is smaller in the age group between 12 and 15 years old, compared to young people aged between 16 and 20 years old. And finally, it was also found that the abusive emotional behavior, exercised by the mother, is greater when young people have siblings, and the love and support, exercised by parents, seems to be less when young people have siblings. Although research in this area, in recent decades, has been affirmed, at the national level studies are still incipient, providing a poorly integrated view of the dynamics that these phenomena entail. Thus, it would be ideal to opt for longitudinal studies, to obtain new information and to be possible a more detailed comparative analysis, in order to better understand if exposure to abusive environments predicts empathy.

Keywords: Adolescence; abusive behaviors; supportive behaviors; empathy; EASE-PI; BES-A.

A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte e a Relação com a Empatia numa Amostra de Adolescentes Portugueses

Em Portugal, a temática dos maus-tratos assumiu maior protagonismo na década de oitenta. As comunidades pediátricas em cooperação com outros organismos alertaram a sociedade para o fenómeno. A ratificação por Portugal da “Convenção dos Direitos da Criança” das Nações Unidas, no dia 20 de novembro de 1990, é considerada um marco histórico no reconhecimento da importância deste fenómeno. Em 1999, foi redigida a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, que entrou em vigor a 1 de janeiro de 2001, e que permitiu uma nova abordagem à problemática dos maus-tratos, tanto em termos preventivos como interventivos (Magalhães, 2002).

Nos últimos anos, este tema tem sido alvo de diversas investigações e merecido algum destaque nos *media*, tais como a vitimação múltipla na violência e no crime, vitimação múltipla infantil e juvenil (Caridade, Sani, & Nunes, 2019), entre outros. Sabe-se que muitas crianças/adolescentes, têm uma vida pautada por situações abusivas e/ou de negligência, possuindo relações interpessoais de desvalorização, que ameaçam a sua integridade física e psicológica e a sua dignidade enquanto pessoas. Os contextos em que estas se inserem são imprevisíveis, muitas vezes instáveis, colocando em risco o seu bem-estar, o seu desenvolvimento, autonomia e, por vezes, a própria vida (Alberto, 2014).

Atualmente, sabe-se que os maus-tratos em crianças e jovens são compreendidos como uma problemática de saúde pública a nível mundial. O maltrato infantil é considerado como qualquer ato de abuso e negligência que ocorra numa criança menor de 18 anos, incluindo todos os tipos de violência física e/ou emocional, abuso sexual, negligência e exploração comercial, resultando num potencial dano para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança. Estes podem ocorrer em diversos contextos, tais como: o familiar, o institucional e o social (Magalhães, 2002).

Os maus-tratos infantis podem ser categorizados como ativos ou passivos. Os maus-tratos ativos, normalmente envolvem o uso da força física e de uma linguagem agressiva, inadequada à idade da criança. Nesta categoria podemos encontrar os maus-tratos físicos, os maus-tratos psicológicos e o abuso sexual. Por outro lado, os maus-tratos passivos, referem-se a toda e qualquer omissão ou escassez de cuidados que comprometem o bem-estar da criança, e nele incluem-se as situações de negligência (Magalhães, 2010).

Por maus-tratos físicos, entendem-se todas as agressões físicas provocadas à criança, seja na forma de castigos corporais, queimaduras, asfixias ou afogamentos, morder, pontapear,

esbofetear, bem como os trabalhos forçados e inadequados à idade. Este é o tipo de maus-tratos mais fácil de identificar, pois deixa marcas visíveis no corpo da criança. Contudo, quando ocorre sem deixar marcas exteriores, torna-se difícil a sua deteção, podendo levar à hospitalização da criança ou mesmo à sua morte (Azevedo & Maia, 2006).

Os maus-tratos psicológicos, apesar de serem também frequentes, são mais difíceis de identificar (Magalhães, 2010). Segundo Duque (2008), existem cinco formas distintas de maus-tratos psicológicos: a *rejeição*, que corresponde a uma falta de interesse dos pais pela criança, normalmente porque estes são demasiado exigentes e os filhos não conseguem alcançar os objetivos traçados pelos pais; o *isolamento*, que se refere a uma falta de comunicação entre os pais e a criança, o que faz com que esta não se sinta amada, isolando-se; a *corrupção*, que inclui todas as formas de desonestidade para com a criança, abrangendo o suborno e a recompensa desmerecida; a *sujeição*, na qual a criança é dominada pela manipulação dos seus medos, ameaçando-a e aterrorizando-a; e o *ignorar* a criança, em que as crianças são simplesmente desvalorizadas por aqueles que mais amam.

O abuso sexual compreende todas as práticas que envolvem a criança num sistema de gratificação e satisfação sexual do adulto que tem uma posição de autoridade e poder sobre o menor. O abuso sexual pode ser intra ou extrafamiliar, sendo que o primeiro tende a ser mais frequente. O abusador é, normalmente, um indivíduo do sexo masculino e, raramente é uma pessoa desconhecida da criança (Alberto, 2014).

Algumas das consequências dos maus-tratos são o desenvolvimento de um padrão de vinculação desorganizado, défices no desenvolvimento intelectual, cognitivo, social, físico e sexual, dificuldades na regulação emocional, problemas interpessoais em contexto escolar e familiar, sintomas dissociativos, baixa autoestima, suicídio e desenvolvimento de perturbações psicológicas, quer na infância, quer na idade adulta (Burge, 2007).

Em sentido oposto, acresce a necessidade de apresentar os fatores de proteção/ambientes de suporte, de forma a minimizar os fatores de risco. Assim, designam-se como fatores protetores, aqueles que protegem a criança contra a perpetuação do abuso, reduzindo e eliminando a exposição aos fatores de risco, aumentando a sua resistência aos mesmos. Segundo Leça et al. (2011), os fatores de proteção constituem, deste modo, uma “arma” poderosa na tentativa de controlar, evitar, equilibrar ou até mesmo anular os fatores de risco existentes. Neste conjunto de fatores protetores encontram-se incluídas variáveis biopsicossociais que dizem respeito à criança ou jovem, à sua família /representantes, e aos seus contextos de vida.

Um desenvolvimento familiar e social saudável da criança/jovem, com desejos de autonomia e comportamentos exploratórios, uma personalidade mais extrovertida e amigável, uma autoestima alta, e um bom sucesso escolar, são alguns exemplos de fatores protetores relativamente às características das crianças e jovens (Marin et al., 2013).

No que diz respeito à variável família, é importante que a criança/jovem mantenha uma vinculação segura com a família ou adultos de referência, uma vez que esta promove uma estrutura de suporte. Uma estrutura familiar com regras, num ambiente positivo com bons modelos de referência fornece à criança/jovem um suporte necessário para o seu desenvolvimento integral, sendo considerados fatores protetores, assim como, quando estes modelos de referência têm o conhecimento das suas competências parentais e mantêm competências interpessoais adequadas (Mondin, 2017).

A mãe e o pai, enquanto agentes de socialização, reúnem técnicas e estratégias, sendo denominadas de práticas parentais. Práticas que envolvem o apoio dos pais no processo de cuidado dos filhos, com ênfase na comunicação, nas estratégias construtivas de resolução de conflitos, na expressão de amor e afeto, aceitação da criança e valorização pessoal, encorajamento da competência social e incentivo ao desenvolvimento da autonomia, relacionam-se com aspetos desenvolvimentais adaptativos, sendo consideradas práticas parentais positivas e protetoras. Uma relação conjugal estável e sem conflitos, beneficia igualmente o ambiente familiar com o que a criança se depara, assim como a satisfação pessoal do seu cuidador e no desenvolvimento da criança (Mondin, 2017).

Por outro lado, práticas negativas, como castigos corporais e negligência, estão associados à menor competência emocional e social no decorrer da trajetória desenvolvimental (Schmidt, Staudt, & Wagner, 2016).

Concluindo, todos estes fatores referidos acima, não se encontram diretamente relacionados com a perpetração ou não do abuso uma vez que cada caso deve ser analisado e interpretado de forma única e singular. Contudo é necessário ter em conta que para muitos autores, a família é o fator mais importante, podendo esta ser identificada como fator de risco ou como fator de proteção, dependendo do estilo parental utilizado (Marin et al., 2013).

Empatia: Compreensão do constructo

O termo empatia deriva da palavra grega *empathia*, que significa “paixão” ou “ser muito afetado”, tendo sido utilizada por autores como Lipps, Brentano e Robert Vischer, em 1873, que a descreviam como um processo de imitação interna denominado *Einfühlung* (Sampaio, Camino, & Roazzi, 2009).

O conceito de empatia pressupõe a capacidade de projeção e imitação do que é transmitido pelo outro. O processo de empatia pode ser entendido, “não só como puramente relacionado com o reconhecimento e partilha de emoções do outro, mas principalmente como algo dependente da capacidade em compreender a sua reação emocional, em consonância com o contexto” (Goldstein & Michaels, 1985, p.8).

No âmbito dos processos desenvolvimentistas, o ambiente desempenha um papel crucial. Como tal, torna-se importante entender a empatia como uma competência social, que cresce em interação com os outros. Numa perspetiva sequencial, o processo de empatia pode ser entendido em função de traços afetivos, cognitivos e comunicativos. Deste modo, numa primeira fase está implícito o processo de perceção do estado emocional e pensamentos da outra pessoa, através de pistas de comportamento observável. Numa segunda fase, esta perceção conduz a respostas cognitivas e afetivas no observador, geradas pela capacidade em se colocar no lugar do outro. Desta forma, é necessário que posteriormente exista uma fase de “separação/distanciamento”, que lhe permita diferenciar os sentimentos e pensamentos do observador em relação aos experienciados pela outra pessoa (Pires & Roazzi, 2016). A literatura defende que a empatia está relacionada com diversas variáveis cognitivas e afetivas da formação do ser humano. Deste modo, o conceito de empatia pode ser compreendido segundo dois constructos diferentes: empatia cognitiva e empatia afetiva. A empatia cognitiva corresponde ao reconhecimento emocional e à compreensão da subjetividade dos outros (Blair, 2005), enquanto que a empatia afetiva é caracterizada através da predisposição para experimentar sentimentos de compaixão e preocupação com o bem-estar dos outros (Hoffman, 2000; Motta, Falcone, Clark, & Manhães, 2006). Como tal, a empatia cognitiva traduz-se na compreensão e a empatia afetiva na responsividade emocional.

Como exposto anteriormente, a empatia está relacionada com variáveis cognitivas e afetivas do desenvolvimento do ser humano e tem funções adaptativas, como proporcionar a aceitação dos pares (Warden & Mackinnon, 2003), o ajustamento social (Crick, 1996; Strayer, 1992), o desempenho académico e a saúde mental (Beyers & Loeber, 2003; Blair, 1997), tornando-se numa variável fundamental para o desenvolvimento sociocognitivo infantil. Segundo Thompson (1992), a capacidade de relacionamento e entendimento do outro vai progredindo ao longo de todo o ciclo vital.

Mota, Falcone, Clark e Magalhães (2006), consideram que o desenvolvimento da empatia está relacionado com as condições de socialização oferecidas pelo contexto em que as crianças crescem, destacando-se a importância de promover o desenvolvimento dessa

habilidade social no contexto escolar, na medida em que pode ser estimulada e desenvolvida por meio das práticas educativas.

O papel dos pais é determinante no desenvolvimento da empatia, pois é nas interações entre pais e filhos que as crianças aprendem a expressar, e interpretar emoções influenciando o seu desenvolvimento emocional. Os cuidadores fornecem estímulos emocionais nos momentos apropriados, reforçando e incentivando demonstrações emocionais e respondendo às mudanças das expressões da criança (Pires & Roazzi, 2016).

As variáveis ambientais que se relacionam a um contexto que ofereça à criança uma variedade de oportunidades para experimentar e expressar diferentes emoções, favorecem o desenvolvimento da empatia. Deste modo, as práticas educativas adotadas pelos pais ou cuidadores tanto podem favorecer como prejudicar o potencial empático das crianças (Comodo, Del Prette, & Del Prette, 2017).

Sendo a adolescência um período acompanhado por diversas mudanças, é de considerar o impacto que as mesmas podem ter no desenvolvimento da capacidade empática. As oportunidades de interação social do indivíduo ampliam-se, pelo que a empatia pode constituir-se como um importante impulsionador destas relações e do seu impacto positivo no desenvolvimento do adolescente (Anastácio & Lima, 2017).

Mediante a revisão de literatura focada no desenvolvimento da função empática ao longo da adolescência, é possível perceber como transversais determinadas diferenças entre a empatia cognitiva e afetiva. Os estudos tendem a apontar para o aumento da capacidade de reconhecimento emocional ao longo da adolescência, ao nível da empatia cognitiva (Herba et al., 2006; Williams et al., 2009; Schwenck et al., 2012). Por outro lado, no que diz respeito à empatia afetiva, não existem evidências consistentes da sua evolução ao longo da idade (Hoffman, 2000; Van der Graff et al., 2013; Schwenck et al., 2012).

Na compreensão sobre como a empatia se comporta em função do género, surge como prevalente a noção de que as raparigas apresentam níveis mais elevados de empatia, comparativamente com os rapazes (Eisenberg & Lennon, 1983; Schwenck et al., 2012). Os rapazes tendem a manifestar um decréscimo na capacidade empática durante o período da adolescência, principalmente no que diz respeito à componente afetiva (Van der Graaff et al., 2013). Por sua vez, as raparigas manifestam valores estáveis de empatia cognitiva e afetiva, durante este período (Van der Graaff et al., 2013).

Apesar de pouca literatura dedicada à análise destas diferenças, torna-se essencial entender que fatores poderão estar envolvidos na mediação da empatia em rapazes e raparigas, durante o período da adolescência. Como tal, é de salientar a influência social dos papéis e

expectativas de gênero que, em consonância com o aumento das relações interpessoais e as rápidas mudanças que marcam esta fase desenvolvimental, tendem a evoluir e a contribuir de forma diferente para o comportamento de ambos os gêneros. Deste modo, tende a existir um encorajamento das raparigas para a demonstração de emoções, enquanto que os rapazes são orientados para uma maior inibição emocional (Van der Graff et al., 2013).

A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte e a Empatia

A família surge como o sistema mais importante no desenvolvimento das crianças, pois é o primeiro intermediário que existe entre a criança e o mundo exterior. O contexto familiar é o primeiro que providencia as condições que podem potenciar o desenvolvimento de empatia e de outras competências do indivíduo (Anastácio & Lima, 2017; Assunção & Matos, 2010).

As relações fraternas são únicas e muito relevantes na construção do sujeito e do laço social, podendo ser as relações mais longas na vida dos sujeitos, sendo caracterizadas quer por emoções positivas (amizade, solidariedade e apoio), quer por emoções negativas (como ciúme, rivalidade e violência) (Dunn, 2007; Fernandes, 2005; Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007). As experiências relacionais iniciais influenciam, em parte, as relações posteriores dos sujeitos, as famílias onde os irmãos mantêm relações positivas e próximas, tendem mais tarde a estabelecer relações amistosas com a família alargada (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011) e com os outros fora da família. Por outro lado, as famílias caracterizadas pela violência entre o casal estão frequentemente associadas à violência dos pais para com os filhos, e muitas vezes, ligadas à violência na fratria e a outras formas de violência extrafamiliar (Relva, Fernandes, & Mota, 2012).

Sabe-se que, demonstrações empáticas dos pais influenciam positivamente o filho e que a carência dessa capacidade parental está associada a problemas de regulação emocional e comportamental da criança. Pais empáticos são descritos como tendo em conta os pontos de vista dos filhos, sendo capazes de os compreender e partilhar; contrariamente, pais pouco empáticos estão emocionalmente menos envolvidos e menos predispostos para satisfazer as necessidades dos filhos (Anastácio & Lima, 2017; Feshbach, 1987).

As crianças/jovens vítimas de abuso manifestam um comportamento interpessoal inadequado perante as expressões de mal-estar e sofrimento dos pares: nestas situações, as crianças maltratadas respondem inadequadamente, pois revelam falta de preocupação empática e respondem negativa ou agressivamente ao sofrimento expresso pelo outro; contrariamente ao que acontece com as crianças não maltratadas, que apresentam preocupação empática e tristeza perante o mal-estar dos colegas (George & Main, 1979; Klimes-Dougan & Kistner, 1990).

Existem evidências empíricas (e.g., Fernandes, Leme, Elias, & Soares, 2018; Martins et al., 2017) de que o afeto familiar está intrinsecamente relacionado com a empatia, mesmo quando são controladas as variáveis demográficas e psicossociais.

Na sequência do referido anteriormente, e dada a escassez de estudos que explorem as variáveis em questão, foram definidos os seguintes objetivos para o presente estudo: (a) analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia; e (b) explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia em função de variáveis sociodemográficas, tais como o sexo, idade dos adolescentes e se tem ou não irmãos.

Método

Participantes

Neste estudo foram inquiridos 839 indivíduos pertencendo ao Ensino Básico e Secundários de escolas TEIP - Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, sediadas no norte do país. Estes foram selecionados de forma não aleatória (por conveniência) dos quais foram excluídos 111, tendo sido considerados como *outliers*. A amostra final foi constituída por 728 participantes, dos quais 431 (59.2%) pertenciam ao sexo masculino e 297 (40.8%) pertenciam ao sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e 20 anos, com média das idades igual a 15.78 anos ($DP = 1.934$).

Dos 728 participantes, 213 frequentavam o ensino regular; 2 o Curso de educação e formação (CEF) e 513 cursos profissionais. No que respeita ao ano de escolaridade, 53 indivíduos frequentavam o 7º ano de escolaridade, 75 o 8ºano, 83 o 9º ano, 180 o 10º ano, 161 o 11ºano e 176 o 12ºano.

Mais de metade dos participantes tinham irmãos (83.1%) e os restantes (16.9%) não têm irmãos, com uma média igual a 1.23 irmãos ($DP=1.017$).

Instrumentos

Com o intuito de adquirir dados pessoais acerca dos participantes, foi aplicado um questionário sociodemográfico e escolar, em que foram exploradas questões relacionadas com informação relativa ao sujeito, da sua família e do seu subsistema fraternal.

Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory - EASE-PI (Nicholas & Bieber, 1997), tem como objetivo analisar a exposição a ambientes abusivos e de suporte, nomeadamente práticas abusivas e de suporte efetuadas pelo pai e mãe. É constituída

por 70 itens distribuídos por duas subescalas: a de abuso (emocional, físico e sexual) e a de suporte (Amor/Suporte; Promoção da Independência e Modelagem Positiva), com um formato de resposta de escala de *Likert* em cinco pontos, desde 0 (nunca) a 4 (Sempre). Desta forma, sugere-se que quanto maior a pontuação obtida em cada dimensão, maior é o tipo de abuso perpetrado nas subescalas de abuso, e por outro lado, maior é o suporte obtido nas subescalas de suporte. No que respeita às propriedades psicométricas, o EASE-PI original, obteve boa consistência interna em todas as subescalas, calculadas a partir do alfa de *Cronbach*, apresentando um nível de .88 na subescala de abuso emocional (CAE), de .91 na de abuso físico (CAF) e .90 na subescala de abuso sexual. Relativamente às subescalas associadas ao suporte, apresenta um nível de alfa de *Cronbach* de .84 na subescala de Amor/Suporte (A/S), .78 na subescala de promoção de independência (PI) e de .87 na subescala de modelagem positiva (MP). Além disso, a sua confiabilidade foi analisada por teste-reteste, mostrando-se bastante estável.

No presente estudo utilizaram-se apenas as subescalas de abuso físico, emocional, e de suporte. A subescala de abuso sexual não foi utilizada por não se enquadrar nos objetivos da presente investigação. Relativamente aos valores da confiabilidade, obteve-se uma boa consistência interna nas diferentes subescalas. As subescalas referentes à mãe, apresentaram alfas de *Cronbach* de .85 na subescala CAE, .78 para a subescala de CAF, .91 para a subescala de A/S, .71 para a subescala de PI, e .72 para a subescala de MP. Relativamente aos valores da confiabilidade, as subescalas referentes ao pai, apresentaram alfas de *Cronbach* de .81 na subescala CAE, .76 para a subescala de CAF, .94 para a subescala de A/S, .72 para a subescala de PI, e .77 para a subescala de MP.

Relativamente à análise fatorial confirmatória, o ajustamento dos valores foi confirmado, sendo $\chi^2(197)=760.274$; $p=.000$; *Ratio*=3.859; CFI=.92; GFI=.91; RMR=.116 e RMSEA=.06 para as subescalas referentes à mãe, e de $\chi^2(196)=778.047$; $p=.000$; *Ratio*=3.970; CFI=.93; GFI=.91; RMR=.153 e RMSEA=.06 para as subescalas referentes ao pai.

Versão Breve da Escala Básica de Empatia – BES-A (Jolliffe & Farrington, 2006; adaptada para a população portuguesa por Pechorro, Ray, Salas-Wright, Marôco, & Gonçalves, 2015). Permite avaliar o nível de empatia de adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (uma vez que a idade dos participantes varia entre 12 e 20 anos de idade, importa referir que este motivo não invalidou a fiabilidade dos resultados, sendo que a idade de 19 e 20 anos, correspondeu apenas a 2 participantes). Este instrumento é constituído por 7 itens, distribuídos por dois fatores – empatia cognitiva (4 itens) e empatia afetiva (3 itens). A resposta a cada um dos itens é dada através de uma escala *Likert* de *cinco pontos*, de Discordo

totalmente a Concordo totalmente. Pontuações mais elevadas indicam níveis de empatia mais elevados. Relativamente às características psicométricas, a escala BES apresenta bons índices de consistência interna para rapazes e raparigas, com alfa de *Cronbach* .79/.77 para a escala total, .79/.75 para a empatia afetiva e .84/.84 para a empatia cognitiva (Pechorro et al., 2015). Na presente amostra, a análise da consistência interna deste instrumento apresentou um alfa de *Cronbach* .70 para a escala total, .74 para a empatia afetiva e .60 para a empatia cognitiva (Marôco & Garcia-Marques, 2006).

Relativamente à análise fatorial confirmatória, o ajustamento dos valores foi confirmado, sendo $\chi^2(13) = 44.818$; $p = .000$; *Ratio* = 3.448; CFI = .97; GFI = .98; RMR = .033 e RMSEA = .06.

Procedimentos

Numa primeira fase da investigação e de modo a obter uma melhor compreensão e suporte teórico acerca da temática em estudo, foi realizada a recolha bibliográfica, através do recurso a base de dados científicas (e.g., *B-on*, *PubMed*, *EBSCO*, entre outras), pesquisando particularmente revistas, artigos científicos e jornais, com o enfoque direcionado para as variáveis em estudo.

Posteriormente, procedeu-se à seleção dos instrumentos de avaliação para administrar na presente investigação, e foi requerido o consentimento aos autores originais dos instrumentos a utilizar. Após o parecer dos autores, procedeu-se à construção do protocolo de investigação. Durante o processo de tradução e adaptação da escala EASE-PI, seguiram-se recomendações estabelecidas internacionalmente (Hambleton, Merenda, & Spielberger, 2005). Inicialmente procedeu-se à tradução do instrumento para português. De seguida um tradutor bilingue fez a respetiva retroversão para inglês, tendo sido posteriormente comparada com o instrumento original. Aceite a versão provisória da tradução das escalas para português, foi então realizado um estudo pré-teste com 20 indivíduos com idades entre os 12 e os 18 anos, para que estes analisassem a qualidade da tradução, detetassem eventuais problemas e apresentassem considerações e sugestões que visassem a melhoria semântica da escala. Chegou-se assim à versão final da escala. Seguidamente, foi submetido à Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, tendo obtido parecer favorável quanto à sua realização. Por fim, e com o objetivo de conseguir autorização para a presente investigação, foi enviado um pedido de inquéritos em meio escolar à Direção-Geral de Educação (DGE), tendo aprovação.

Os dados foram recolhidos em turmas de diferentes escolas TEIP, sediadas no norte de Portugal. Procedeu-se à obtenção de autorização dos diretores dos estabelecimentos de ensino, e de seguida, foram entregues aos diretores de turma os consentimentos informados. Os alunos com idades inferiores a 18 anos, fizeram chegar aos respetivos encarregados de educação, os consentimentos informados.

Após a obtenção das autorizações institucionais, os questionários, anónimos, foram autoadministrados e o seu preenchimento foi voluntário, sem recurso a qualquer tipo de incentivo externo. O período de recolha da amostra, decorreu ao longo de dois meses (janeiro e fevereiro) do ano 2019. O tempo máximo de aplicação dos instrumentos, não excedeu os 50 minutos.

O horário de administração foi previamente acordado com os professores responsáveis pelas turmas, acontecendo geralmente, antes ou depois do período de lecionação. A todos os participantes, foram esclarecidos os objetivos da investigação no momento anterior ao preenchimento do protocolo. Para evitar a homogeneidade amostral, os participantes foram recrutados em diferentes áreas de ensino, nomeadamente, na área de ensino regular, ensino profissional e cursos CEF.

Estratégias de análise de dados

A presente investigação apresenta um cariz metodológico quantitativo, transversal e correlacional, uma vez que se pretende verificar a relação entre as variáveis presentes no estudo, corroborando-os com resultados alcançados em estudos anteriormente realizados.

Numa fase inicial, procedeu-se à codificação do protocolo sendo elaborada uma base de dados para posterior análise, com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences - SPSS*, na sua versão 25.0 para o sistema *Windows*.

Numa fase posterior, foi realizada a limpeza da amostra através da identificação de *missings*, de forma a identificar elementos cujas respostas se poderiam distanciar da média, podendo afetar a média e desvio padrão da amostra. Neste sentido, procedeu-se à identificação de *outliers* multivariados (calculando a distância de *Mahalanobis*), que permite usar a média e a variância para cada variável, de modo a identificar os participantes com valores críticos e que se encontram significativamente afastados da média geral da amostra (Field, 2005).

Foram testados os pressupostos da normalidade, procedendo-se à análise da assimetria através dos coeficientes de assimetria (*skeweness*) e achatamento (*kurtosis*), assumindo-se o cumprimento da normalidade, uma vez que os valores compreendiam o intervalo -1 e 1. Foi analisada a informação estatística relativamente ao teste de *Kolmogorov-Smirnov*,

particularmente o valor de significância (p), os gráficos de Histogramas, os *Q-QPlots* e os *Boxplot* (Marôco, 2007).

Após as análises anteriormente realizadas foram assegurados os pressupostos da normalidade, pelo que se procedeu à análise estatística com recurso a testes paramétricos. Para estimar a consistência interna dos instrumentos, foram calculados os valores de *alpha de Cronbach* (Marôco, 2014).

Seguidamente, através do programa estatístico *AMOS* na versão 23.0 foram realizadas Análises Confirmatórias de 1ª ordem, de modo a testar a adequação dos instrumentos utilizados na presente investigação, por intermédio da análise dos índices de ajustamento do modelo.

Numa fase posterior, procedeu-se à análise estatística dos dados, por meio de uma análise descritiva, envolvendo o cálculo de frequências, médias e desvios padrões das variáveis em estudo. Após as análises descritivas efetuaram-se as análises correlacionais interescares através r de *Person* com o objetivo de medir o grau de correlação linear entre as variáveis quantitativas. Estas podem ser positivas ou negativas, e apresentar um grau de associação baixo, moderado ou forte (Pallant, 2005). Para Cohen (1988), a correlação é fraca quando existe uma variação de $r = .10$ a $.29$ ou $r = -.10$ a $-.29$; moderada quando $r = .30$ a $.49$ ou $r = -.30$ a $-.49$ e forte quando $r = .50$ a 1.0 ou $r = -.50$ a -1.0 .

Realizaram-se, ainda, análises diferenciais multivariadas (MANOVAS), de modo a avaliar as diferenças significativas entre as variáveis sociodemográficas e os instrumentos. De acordo com Cohen 1988, os valores do eta quadrado podem variar de 0 a 1, sendo que não existe efeito de magnitude, quando o valor é $< .01$, o efeito é pequeno quando o valor é $\geq .01$, moderado quando é $> .06$ e forte quando o valor é $> .14$.

Resultados

Associação entre as diferentes dimensões do inventário EASE-PI

Com o objetivo de verificar as associações entre as diferentes dimensões da exposição a ambientes abusivos e de suporte, foram realizadas análises de **correlações interescares** com as respetivas médias e desvios-padrão.

Nas correlações correspondentes ao pai e à mãe (Tabela 1), verificam-se associações negativas e significativas de magnitude forte, entre a dimensão Amor/Suporte (A/S) e o Comportamento Abusivo Emocional (CAE) ($r = -.574$, $p < .01$ no pai; $r = -.609$, $p < .01$ na mãe). Verificaram-se ainda associações negativas e significativas de magnitude moderada entre as dimensões Amor/Suporte (A/S) e o Comportamento Abusivo Físico (CAF) ($r = -.339$, $p < .01$

no pai; $r = -.458, p < .01$ na mãe), entre a Promoção de Independência (PI) e o Comportamento Abusivo Emocional (CAE) ($r = -.341, p < .01$ no pai; $r = -.397, p < .01$ na mãe). Verificaram-se associações negativas e significativas de magnitude fraca entre a Promoção de Independência (PI) e o Comportamento Abusivo Físico (CAF) ($r = -.261, p < .01$ no pai) e por outro lado, associações negativas e significativas de magnitude moderada na mãe ($r = -.356, p < .01$ na mãe). Finalmente, verificaram-se associações negativas e significativas de magnitude moderada entre a Modelagem Positiva (MP) e o Comportamento Abusivo Emocional (CAE) ($r = -.477, p < .01$ no pai; $r = -.461, p < .01$ na mãe), e por último, entre a Modelagem Positiva (MP) e o Comportamento Abusivo Físico (CAF) ($r = -.311, p < .01$ no pai; $r = -.382, p < .01$ na mãe).

Por outro lado, verificaram-se associações positivas e significativas de magnitude forte entre a dimensão Comportamento Abusivo Físico e o Comportamento Abusivo Emocional ($r = .584, p < .01$ no pai; $r = .653, p < .01$ na mãe), associações positivas e significativas de magnitude moderada entre a Promoção de Independência e o Amor/Suporte ($r = .478, p < .01$) no pai, e por outro lado de magnitude forte ($r = .525, p < .01$) na mãe. Verificaram-se ainda, associações positivas e significativas de magnitude forte entre a Modelagem Positiva e o Amor/Suporte ($r = .800, p < .01$ no pai; $r = .755, p < .01$ na mãe), e por último, associações positivas e significativas de magnitude moderada entre a Modelagem Positiva e a Promoção de Independência ($r = .483, p < .01$ no pai; $r = .491, p < .01$ na mãe).

Tabela 1

Correlações entre as dimensões do EASE-PI para o Pai e para a Mãe, média e desvio-padrão (N=728)

	Pai					Mãe				
	CAE	CAF	AS	PI	MP	CAE	CAF	AS	PI	MP
Comportamento Abusivo Emocional (CAE)	1					1				
Comportamento Abusivo Físico (CAF)	.584**	1				.653**	1			
Amor/Suporte (AS)	.574**	.339**	1			.609**	.458**	1		
Promoção de Independência (PI)	.341**	.261**	.478**	1		.397**	.356**	.525**	1	

Modelagem Positiva (MP)	.477**	.311**	.800**	.483**	1	.461**	.382**	.755**	.491**	1
<i>M</i>	24.81	15.50	68.33	23.82	25.46	25.08	16.33	71.74	24.03	26.26
<i>DP</i>	6.74	3.65	12.24	4.47	4.16	7.49	4.33	9.44	4.26	3.49

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$. Os negritos representam correlações significativas.

Associação entre as diferentes dimensões do EASE-PI e do BES-A

Com o objetivo de verificar as associações entre as diferentes dimensões do EASE-PI e as diferentes dimensões de empatia, foram realizadas análises de **correlações entre as dimensões**.

Nas correlações correspondentes ao pai, verificaram-se associações positivas e significativas de magnitude fraca, entre a dimensão Amor/Suporte e a BES-A Cognitiva ($r=.090, p < .05$), entre a Promoção de Independência e a BES-A Cognitiva ($r=.085, p < .05$), entre a Modelagem Positiva e a BES-A Cognitiva ($r=.156, p < .01$), entre o Comportamento Abusivo Emocional e a BES-A Afetiva ($r=.085, p < .05$), entre o Comportamento Abusivo Físico e a BES-A Afetiva ($r=.086, p < .05$).

Nas correlações correspondentes à mãe, verificaram-se associações positivas e significativas de magnitude fraca, entre a dimensão Amor/Suporte e a BES-A Cognitiva ($r=.115, p < .01$), entre a Modelagem Positiva e a BES-A Cognitiva ($r=.182, p < .01$), entre o Comportamento Abusivo Emocional e a BES-A Afetiva ($r=.082, p < .05$), e por último, entre o Comportamento Abusivo Físico e a BES-A Afetiva ($r=.093, p < .05$).

Tabela 2

Correlações entre as dimensões do EASE-PI e BES-A, média e desvio-padrão (N=728)

	Pai					<i>M± DP</i>	Mãe					<i>M± DP</i>
	CAE	CAF	AS	PI	MP		CAE	CAF	AS	PI	MP	
BES-A Afetiva	.085*	.086*	-.018	-.055	.010	9.09 ±2.7 90	.082*	.093*	-.004	-.035	.017	9.09 ±2.7 90
BES-A Cognitiva	.005	-.057	.090*	.085*	.156**	16.6 2±2. 112	.035	-.004	.115*	.071	.182*	16.6 2±2. 112
<i>M</i>	24.81	15.50	68.33	23.82	25.4 6		25.08	16.33	71.74	24.03	26.26	
<i>DP</i>	6.737	3.645	12.24 2	4.470	4.16 4		7.486	4.334	9.444	4.259	3.490	

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$. Os negritos representam correlações significativas.

Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função do sexo

Para perceber os determinantes da exposição a ambientes abusivos/suporte e empatia quanto ao sexo, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(12,714)} = 6.936$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .105$, Wilks - $\lambda = .895$, $PO = 1.000$. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino, sendo o efeito de magnitude moderado e o poder observado elevado.

Conforme é possível verificar na tabela 4, apenas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino, na dimensão comportamento abusivo físico, tanto na mãe como no pai, da EASE-PI apresentando, [$F_{(1,725)} = 9.051$; $p = .003$; $\eta_p^2 = .012$ na mãe; $F_{(1,725)} = 32.114$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .042$ no pai], sendo que o sexo masculino ($M = 16.70$; $DP = 4.465$, na mãe; $M = 16.11$; $DP = 4.142$ no pai), apresenta uma média superior, comparativamente ao sexo feminino ($M = 15.80$; $DP = 4.084$, na mãe; $M = 14.62$; $DP = 2.527$ no pai). Também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão “Cognitiva” da BES-A, verificando-se [$F_{(1,725)} = 23.216$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .031$], sendo que o sexo masculino ($M = 16.32$; $DP = 2.117$), apresenta uma média inferior, comparativamente ao sexo feminino ($M = 17.06$; $DP = 2.028$).

Tabela 3

Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A em função do sexo

		Sexo		<i>p</i>	<i>Sentido da significância</i>	η_p^2	PO
		Masculino(M) M±DP	Feminino(F) M±DP				
CAF	Mãe	16.70±4.465	15.80±4.084	.003	M>F	.012	.852
	Pai	16.11±4.142	14.62±2.527	.000	M>F	.042	1.000
BES-A Cognitiva		16.32±2.117	17.06±2.028	.000	M<F	.031	.998

Nota: Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função da idade

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*), sendo este critério utilizado especialmente para fins estatísticos e

políticos (Eisenstein, 2005). Perante esta definição e de forma a facilitar a interpretação dos resultados em função da idade, dividiu-se a idade em dois grupos (1º Grupo=12 anos até 15 anos e 2º Grupo=16 anos até 20 anos).

Para perceber os determinantes da exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia quanto à idade, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(12,714)} = 5.761$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .088$, Wilks - $\lambda = .912$, $PO = 1.000$. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos e os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos, sendo o efeito de magnitude moderado e o poder observado elevado.

Através da tabela 5 é possível observar que existem diferenças significativas na variável comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe e pelo pai, [$F_{(1,725)} = 6.768$; $p = .009$; $\eta_p^2 = .009$ na mãe; $F_{(1,725)} = 14.199$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .019$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 24.03$; $DP = 7.196$ na mãe; $M = 23.54$; $DP = 5.809$ no pai), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M = 25.76$; $DP = 7.601$ na mãe; $M = 25.65$; $DP = 7.168$ no pai); na variável comportamento abusivo físico, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 17.728$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .024$ na mãe; $F_{(1,725)} = 12.603$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .017$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 15.44$; $DP = 3.828$, na mãe; $M = 14.89$; $DP = 2.683$ no pai), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M = 16.92$; $DP = 4.546$, na mãe; $M = 15.91$; $DP = 4.111$ no pai); na variável amor/suporte, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 32.540$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .043$ na mãe; $F_{(1,725)} = 42.349$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .055$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 74.30$; $DP = 8.430$, na mãe; $M = 72.07$; $DP = 10.386$ no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M = 70.05$; $DP = 9.700$, na mãe; $M = 65.87$; $DP = 12.751$ no pai); na variável promoção de independência, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 7.869$; $p = .005$; $\eta_p^2 = .011$ na mãe; $F_{(1,725)} = 9.773$; $p = .002$; $\eta_p^2 = .013$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 24.65$; $DP = 4.262$, na mãe; $M = 24.51$; $DP = 4.126$ no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M = 23.63$; $DP = 4.632$, na mãe; $M = 23.36$; $DP = 4.632$ no pai); na variável modelagem positiva, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 32.492$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .043$ na mãe; $F_{(1,725)} = 35.588$; $p = .000$; $\eta_p^2 = .047$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 27.18$; $DP = 3.175$, na mãe; $M = 26.61$; $DP = 3.586$

no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 25.65$; $DP= 3.556$, na mãe; $M= 24.70$; $DP= 4.345$ no pai), e por último na variável “Cognitiva” da BES-A, verificando-se [$F_{(1,725)} = 10.025$; $p= .002$; $\eta_p^2 = .014$], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M= 16.94$; $DP= 2.245$), apresentam uma média superior, comparativamente aos adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 16.42$; $DP= 1.996$).

Tabela 4

Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A em função da idade

		Idade		<i>p</i>	<i>Sentido da significância</i>	η_p^2	PO
		12 Anos até 15 Anos (1) M±DP	16 Anos até 20 Anos (2) M±DP				
CAE	Mãe	24.03±7.196	25.76±7.601	.009	1<2	.009	.738
	Pai	23.54±5.809	25.65±7.168	.000	1<2	.019	.964
CAF	Mãe	15.44±3.828	16.92±4.546	.000	1<2	.024	.988
	Pai	14.89±2.683	15.91±4.111	.000	1<2	.017	.944
A/S	Mãe	74.30±8.430	70.05±9.700	.000	1>2	.043	1.000
	Pai	72.07±10.386	65.87±12.751	.000	1>2	.055	1.000
PI	Mãe	24.65±4.262	23.63±4.213	.005	1>2	.011	.800
	Pai	24.51±4.126	23.36±4.632	.002	1>2	.013	.877
MP	Mãe	27.18±3.175	25.65±3.556	.000	1>2	.043	1.000
	Pai	26.61±3.586	24.70±4.344	.000	1>2	.047	1.000
BES-A Cognitiva		16.94±2.245	16.42±1.996	.002	1>2	.014	.885

Nota: Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte, empatia afetiva e empatia cognitiva em função de ter ou não irmãos

Para explorar as diferenças da exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em função do de ter ou não irmãos, realizou-se uma MANOVA, onde se obteve o seguinte resultado, $F_{(12,714)} = 2.246$, $p= .009$, $\eta_p^2 = .036$, Wilks - $\lambda = .964$, $PO = .956$. Como $p < .05$ verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os jovens que têm irmãos e os que não têm, sendo o efeito de magnitude elevado, bem como o poder observado.

Perante a análise da tabela 6, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na variável comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe, [$F_{(1,725)} = 6.339$; $p= .012$; $\eta_p^2 = .009$], sendo que os adolescentes que têm irmãos ($M= 25.40$; $DP= 7.796$),

apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que não têm irmãos ($M= 23.50$; $DP= 5.478$), e na variável amor/suporte, exercido pela mãe e pelo pai, [$F_{(1,725)} = 7.984$; $p= .005$; $\eta_p^2 = .011$, na mãe; $F_{(1,725)} = 9.621$; $p= .002$; $\eta_p^2 = .013$, no pai] sendo que os adolescentes que têm irmãos ($M= 71.30$; $DP= 9.719$ na mãe; $M= 67.69$; $DP= 12.544$ no pai) apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes que não têm irmãos ($M= 73.89$; $DP= 7.627$ na mãe; $M= 71.48$; $DP= 10.105$ no pai).

Tabela 5

Análise diferencial das dimensões do EASE-PI e BES-A, em função de ter ou não irmãos

		Irmãos		<i>p</i>	<i>Sentido da significância</i>	η_p^2	PO
		Sim (1) M±DP	Não (2) M±DP				
CAE	Mãe	25.40±7.796	23.50±5.478	.012	1>2	.009	.716
	Pai	24.99±6.919	23.90±5.694	.094	n.s.	.004	.388
A/S	Mãe	71.30±9.719	73.89±7.627	.005	1<2	.011	.806
	Pai	67.69±12.544	71.48±10.105	.002	1<2	.013	.872

Nota: Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

Discussão

A exposição de crianças e jovens, a ambientes abusivos no contexto familiar, interfere com o desenvolvimento de empatia e de outras competências inerentes ao desenvolvimento do ser humano (Anastácio & Lima, 2017; Assunção & Matos, 2010).

Os estudos realizados no contexto português, acerca desta temática, são ainda reduzidos, assim sendo este estudo procurou contribuir para a literatura existente acerca da relação da exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia.

Abordando o tema da exposição a ambientes abusivos e de suporte, verificou-se que as dimensões abusivas (comportamento abusivo físico, comportamento abusivo emocional) associam-se negativamente com as dimensões de suporte (amor/suporte, promoção de independência, modelagem positiva), evidenciando que na presença dos fatores abusivos, os fatores de apoio são menores ou vice-versa. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que apontam para que práticas parentais negativas, associadas a atos de negligência e abusos, estão associadas a menores competências emocionais e sociais no decorrer da trajetória desenvolvimental de cada indivíduo (Schmidt, Staud, & Wagner, 2016). Segundo a literatura existente, destaca-se a transmissão intergeracional de práticas parentais e que historicamente, mãe e pai, aprendem a cuidar dos filhos considerando como modelo, sobretudo, os métodos

adotados pelos seus próprios progenitores ou cuidadores (Schmidt et al., 2016). Embora não seja sempre linear, deve-se analisar caso a caso e interpretar de forma única e singular, pois nem sempre quem maltrata foi maltratado e vice-versa (Smith & Thornberry, 1995).

Ainda em resposta ao primeiro objetivo do estudo, referente à associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia, é possível verificar que o amor/suporte, a promoção de independência e a modelagem positiva encontram-se relacionados positivamente com a empatia cognitiva. Por outro lado, os comportamentos abusivos emocionais e comportamentos abusivos físicos, estabelecem relação positiva com a empatia afetiva. Este facto, pode ser explicado pela interpretação que cada sujeito realiza perante cada ambiente, sendo que a empatia cognitiva corresponde ao reconhecimento emocional e compreensão da subjetividade dos outros, e por outro lado, a empatia afetiva diz respeito à predisposição de cada um, para experienciar sentimentos de compaixão e bem-estar dos outros (Blair, 2005; Hoffman, 2000; Motta et al., 2006). O papel dos pais ou cuidadores, é determinante no desenvolvimento da empatia nas crianças/jovens, pois é através das suas interações, que as crianças aprendem a expressar, e interpretar emoções, influenciando o seu desenvolvimento emocional. É esperado que os cuidadores forneçam estímulos emocionais apropriados, reforçando e incentivando as demonstrações emocionais e respondendo às mudanças de expressão das crianças (Pires & Roazzi, 2016). Quando o contrário acontece, e estando na presença de comportamentos abusivos, a empatia de cada sujeito parece ser comprometida. Numa revisão sistemática de Luke e Banerjee (2013), os participantes que foram expostos a ambientes abusivos, apresentaram desempenhos inferiores para diversos indicadores de compreensão social, nomeadamente, diferenças mais evidentes nas competências emocionais, competências de conhecimento emocional e compreensão emocional comparativamente com as competências de reconhecimento emocional, corroborando os resultados apresentados.

Relativamente à diferença entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia em função do sexo, verificou-se que a existência de comportamentos abusivos físicos, exercidos quer pelo pai como pela mãe, está mais presente no sexo masculino comparado com o sexo feminino, indo ao encontro de outros estudos (e.g., Machado, Matos, & Moreira, 2003). Parece existir, deste modo, um enfoque nos domínios da educação acabando por favorecer a emergência de trajetórias distintas em função do sexo. No sexo masculino para ser mais fácil normalizar-se o desvio, o insucesso e violência, em consequência da sua masculinidade «naturalmente» agressiva e disruptiva (Matos, Almeida, & Vieira, 2014). Este facto vai em sentido contrário com o papel socialmente estabelecido em relação à mulher/mãe, a quem é

conferido o dever de cuidar e educar. Isto pode ser parcialmente explicado, pelo stresse e sobrecarga diária decorrente do acumular de funções assumidas pela mulher na sociedade contemporânea, somando-se à responsabilidade pela educação dos filhos, e às exigências de fornecer as necessidades materiais do lar muitas vezes sozinha (Ferreira, Côrtes, & Gontijo, 2019). Outra diferença significativa encontrada refere-se ao sexo feminino apresentar níveis de empatia (cognitiva e afetiva) mais elevados, comparativamente com o sexo masculino, corroborando a literatura descrita anteriormente, em que é descrito existir um encorajamento para a demonstração das emoções no sexo feminino, e por outro lado, uma inibição emocional no sexo masculino (Eisenberg & Lennon, 1983; Schwenck et al., 2012; Van der Graff et al., 2013).

No que diz respeito às diferenças face à exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia em função da idade, verificou-se que a existência de comportamentos abusivos emocionais e físicos, exercidos por ambos os pais, é menor no grupo da faixa etária entre os 12 e os 15 anos, comparativamente com os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos. No sentido oposto, constatou-se ainda que os fatores de suporte, como por exemplo, o amor/suporte, a promoção de independência e a modelagem positiva, bem como a empatia afetiva e cognitiva, são maiores nos jovens dos 12 e os 15 anos, o que seria de esperar, já que os comportamentos abusivos são menores nesta faixa etária. Este facto pode ser explicado, pelo motivo de que no início da adolescência, existe uma relação de maior dependência em relação aos pais, sendo que esta relação sofre modificações posteriormente, quando se inicia o processo de crescente autonomia dos filhos, e a independência passa a ser a regra para um maior afastamento entre pais e filhos (Weber & Ton, 2011). O jovem adquire um maior grau de liberdade, não só na exploração do *self*, mas também no estabelecimento de novas relações de vinculação, nomeadamente a importância da relação com os pares (Jongenelen et al., 2007).

No que respeita às diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e empatia em função de ter ou não irmãos, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe, e nos fatores de suporte (amor/suporte). Relativamente ao comportamento abusivo emocional exercido pela mãe, este facto, vai em sentido contrário ao papel socialmente estabelecido em relação à mulher/mãe, a quem é conferido o dever de cuidar e educar. Isto pode ser parcialmente explicado, pelo stresse e sobrecarga diária decorrente do acumular de funções assumidas pela mulher na sociedade contemporânea, somando-se à responsabilidade pela educação dos filhos, e às exigências de fornecer as necessidades materiais do lar muitas vezes sozinha (Ferreira, Côrtes, & Gontijo, 2019). Por outro lado, o amor/suporte, exercido tanto pelo pai como pela

mãe, na perspectiva dos participantes, parece ser menor quando os jovens têm irmãos. Este facto vai ao encontro das investigações (e.g., Carvalho, Relva, & Fernandes, 2018) realizadas no âmbito das relações fraternas, em que nos fornecem informação sobre a família, como sendo um lugar de aprendizagem, interação e um espaço para a vivência de relações afetivas profundas. Como em todas as relações familiares, o laço fraterno passará por diversas mudanças ao longo dos ciclos da vida, e na adolescência, os irmãos procuram-se, em especial, para conversar a respeito de questões sobre as quais têm dificuldade em falar com os progenitores, isto contribui para o aumento da cumplicidade entre os irmãos e reduz o amor/suporte dos pais (Alarcão 2000; Pereira & Arpini, 2017). Seguindo a mesma linha de pensamento, numa investigação de Poonam e Punia (2012), onde avaliaram o impacto dos fatores parentais e contextuais no tratamento diferenciado dos filhos ao nível do afeto, privilégios e disciplina, concluíram que os pais e as mães eram mais carinhosos com os irmãos mais novos das díades.

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

O presente estudo procurou analisar a relação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a empatia numa amostra de adolescentes portugueses. Existem evidências empíricas que refutam a importância da ausência de ambientes abusivos, o afeto familiar e a prática de competências parentais positivas, na emergência de traços empáticos, contudo a literatura acerca desta temática é ainda escassa. Primeiramente destaca-se o cariz único e inovador da presente investigação, dada a escassez de estudos nacionais e internacionais que abordem a associação entre as variáveis em estudo (comportamento abusivo emocional, comportamento abusivo físico, amor/suporte, promoção da independência, modelagem positiva, empatia cognitiva e empatia afetiva). Esta investigação possibilitou perceber que na presença dos fatores abusivos, os fatores de apoio são menores; demonstrou ainda que o amor/suporte, a promoção de independência e a modelagem positiva encontram-se relacionados com a empatia cognitiva, e por outro lado, os comportamentos abusivos emocionais e comportamentos abusivos físicos, estabelecem relação com a empatia afetiva; verificou-se também, que a existência de comportamentos abusivos físicos, exercidos quer pelo pai como pela mãe, é maior no sexo masculino comparado com o sexo feminino; observou-se ainda, que a existência de comportamentos abusivos emocionais e físicos, exercidos por ambos os pais, é menor no grupo da faixa etária entre os 12 e os 15 anos, comparativamente com os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos; e por último, foi possível constatar

que o comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe, é maior quando os jovens têm irmãos, e o amor/suporte, exercido pelos pais, é menor quando os jovens têm irmãos.

Ao longo do processo de investigação verificaram-se algumas limitações inerentes ao estudo. Inicialmente cabe ressaltar o facto de a presente investigação ser de carácter transversal, impossibilitando de estabelecer relações de causa e efeito entre as variáveis. O facto de o método de recolha ser através de questionários de autorrelato é outra limitação, uma vez que se verifica com mais facilidade a desejabilidade social que pode estar patente. Importa salientar também, a extensão do protocolo de investigação, que parece ser o principal fator responsável pela exclusão de *outliers*. E por último, destaca-se ainda o tamanho da amostra, pois não é representativa da população portuguesa.

Apesar de a pesquisa nesta área, nas últimas décadas, se ter vindo a afirmar, ao nível nacional os estudos são ainda incipientes, fornecendo uma visão pouco integrada das dinâmicas que estes fenómenos acarretam. Assim, em termos de pistas futuras, seria ideal optar pela realização de estudos longitudinais, para se obter novas informações e ser possível uma análise comparativa mais detalhada; seria pertinente aumentar o tamanho da amostra e alargar a faixa etária com o intuito de obter resultados mais significativos; analisar a perspectiva de mais um elemento da família; avaliar questões relacionadas com a violência a nível sexual e perceber qual o suporte a que estes jovens recorrem; compreender se a exposição a ambientes abusivos prediz o tipo de empatia, e por último perceber se o afeto familiar se relaciona com a empatia, mensurando outras variáveis demográficas e psicossociais. A inclusão da dimensão comportamento abusivo sexual do EASE-PI, poderá também revelar-se uma mais valia.

Com a realização desta investigação e mediante os resultados obtidos, enfatiza-se a importância de profissionais da área de saúde e educação, como forma efetiva para a redução dos casos de exposição a ambientes abusivos, para que possam ser tomadas medidas preventivas. De acordo com Azevedo e Maia (2006) a concretização de um programa de prevenção deverá ter por base, três níveis: a prevenção primária, a prevenção secundária e a prevenção terciária. A prevenção primária pretende evitar o aparecimento do problema através da sensibilização/informação à população em geral no sentido de evitarem situações agressivas, promovendo uma cultura de não-violência e de melhores condições de vida, pretendendo atenuar o número de prevalência do abuso, desviando o seu surgimento e aumentando a qualidade de vida de uma criança e/ou jovem (Silva, 2010). A prevenção secundária procura despistar os fatores de risco associados ao mau-trato infantil agindo diretamente sobre a criança e os progenitores e/ou cuidadores (Alberto, 2004). E por último, a prevenção terciária tem como objetivo impedir a ocorrência de novas situações de mau-trato e intervir para ultrapassar e

minorar as possíveis consequências na criança/jovem (Azevedo & Maia, 2006). Quando a prática de maus-tratos infantis é continuada, pode-se utilizar outro tipo de estratégia para terminar com o abuso e proceder ao tratamento adequado às famílias, que vão desde psicoterapias individuais a terapias de grupo, com a finalidade de ajudar os progenitores a superarem e a controlarem os seus impulsos violentos, com o fim de adquirirem competências parentais adequadas (Silva, 2010). Alguns estudos (e.g., Leça et al., 2011; Magalhães, 2010) apontam ainda para a necessidade do tratamento das crianças e jovens vítimas de maus-tratos, reforçando a sua autoestima, para além de uma abordagem extensiva à família, melhorando assim as interações familiares e as capacidades parentais dos progenitores. Neste tipo de prevenção de carácter terciário, as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens assumem um papel fundamental, sendo a entidade que procura prevenir e resolver situações de menores em que a sua integridade física, psíquica ou moral possa estar em risco. Segundo Montano (2010), estas instituições são fulcrais na nossa sociedade, uma vez que exercem um trabalho significativo na prevenção e intervenção de situações de risco de famílias sinalizadas, fundamentalmente pelo trabalho de cooperação entre os diversos membros da comunidade que as envolvem.

Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alberto, I. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- Alberto, I. (2014). Maus-tratos e negligência de crianças: Modelos e formatos de intervenção. In M. Matos, *Vítimas de crime e violência: Práticas de intervenção* (pp. 13-26). Braga: Psiquilíbrios.
- Almeida, A. N., André, I. M., & Almeida, H. N. (1999). Sombras e marcas: Os maus tratos às crianças na família. *Análise Social*, 34(150), 91-121.
- Anastácio, S., & Lima, L. N. (2017). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Congresso Internacional de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 5, 23-23. Universidade de Coimbra.
- Assunção, R., & Matos, P. (2010). A vinculação parental e amorosa em adolescentes: O papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva. In *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1574-1588). Universidade do Minho, Portugal: repositório online.
- Azevedo, M., & Maia, A. (2006). *Maus tratos à criança* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Beyers, J. M., & Loeber, R. (2003). Untangling developmental relations between depressed mood and delinquency in male adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(3), 247-266. doi.org/10.1023/A:1023225428957.
- Blair, R. J. R. (1997). Moral reasoning and the child with psychopathic tendencies. *Personality and Individual Differences*, 22(5), 731-739. doi.org/10.1016/S0191-8869(96)00249-8.
- Blair, R. J. R. (2005). Responding to the emotions of others: Dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations. *Conscientiousness and Cognition*, 14(4), 698-718. doi: 10.1016/j.concog.2005.06.004.

- Briere J. (1992). Methodological issues in the study of sexual abuse effect. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60(2), 196-203. doi.org/10.1037/0022-006X.60.2.196.
- Burge, P. (2007). Prevalence of mental disorders and associated services variables among Ontario children who are permanent wards. *Canadian Journal of Psychiatry*, 52, 305-314. doi.org/10.1177/070674370705200505.
- Canha, J. (2003). *Criança maltratada: O papel de uma pessoa de referência na sua recuperação. Estudo prospectivo de 5 anos*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Calheiros, M. M. (2006). *A construção social do mau-trato e negligência parental: Do senso comum ao conhecimento científico*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Camilo, C., & Garrido, M. V. (2003). Desenho e avaliação de programas de desenvolvimento de competências parentais para pais negligentes: Uma revisão e reflexão. *Análise Psicológica*, 3(XXXI), 245-268. doi: 10.14417/S0870-8231201300030003.
- Caridade, S., Sani, A., & Nunes, L. (2019). Vitimação múltipla na violência e no crime: (Des)ajustamento e fatores protetivos. In S. Caridade, A. Sani, L. Nunes, R. Estrada & F. Viana (Eds.), *Abordagens contemporâneas de vitimação, violência e do crime* (pp.19-36). Lisboa: Coisas de Ler.
- Carvalho, J. L. D., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise Psicológica*, 36(1), 61-73. doi: 10.14417/ap.1354.
- Cohen, J. (1988). Set correlation and contingency tables. *Applied Psychological Measurement*, 12(4), 425-434.
- Comodo, C. N., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Intergeracionalidade das habilidades sociais entre pais e filhos adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-9. doi:10.1590/0102.3772e33311.

- Crick, N. R. (1996). The role of overt aggression, relational aggression, and prosocial behavior in the prediction of children's future social adjustment. *Child Development*, 67, 2317-2327. doi:10.2307/1131625.
- Dancey, C., & Reidy, J. (2014). *Statistics without maths for psychology*. London: Pearson Higher Ed.
- Duque, C. (2008). *Maus-tratos: Que intervenção? A abordagem da Psicologia Legal*. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/3100666/MAUS-TRATOS-Que-intervencao-A-Abordagem-da-Psicologia-Legal>. [Acedido em 25.07.2019].
- Dunn, J. (2007). Siblings and socialization. In J. Grusec & P. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 309-327). New York: The Guilford Press.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: Definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*, 2(2), 6-7. doi:10.10.123/456.
- Eisenberg, N., & Lennon, R. (1983). Sex differences in empathy and related capacities. *Psychological Bulletin*, 94(1), 100-131. doi.org/10.1037/0033-2909.94.1.100.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 20, 297-304. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300001>.
- Fernandes, L. D. M., Leme, V. B. R., Elias, L. C. D. S., & Soares, A. B. (2018). Preditores do desempenho escolar ao final do ensino fundamental: Histórico de reprovação, habilidades sociais e apoio social. *Temas em Psicologia*, 26(1), 215-228. doi.org/10.9788/TP2018.1 -09Pt.
- Feshbach, N. (1987). Parental empathy and child adjustment/maladjustment. In N. Eisenbrg, & J. Strayer (Eds.), *Empathy and its development* (pp. 271-291). New York: Cambridge University Press.

- Ferreira, C. L. S., Côrtes, M. C. J. W., & Gontijo, E. D. (2019). Promoção dos direitos da criança e prevenção de maus tratos infantis. *Ciência & Saúde Coletiva*, *24*, 3997-4008. doi.org/10.1590/1413-812320182411.04352018.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. London: Sage Publications.
- Flores, R. L. (2004). The effect of poverty on young children's ability to organize everyday events. *Journal of Children and Poverty*, *10*, 99-118. doi: doi.org/10.1080/1079612042000271558.
- George, C., & Main, M. (1979). Social interaction of young abused children: Approach, avoidance and aggression. *Child Development*, *50*, 306-318.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, *22*(4), 771-787. doi.org/10.1590/S0103-65642011005000031.
- Goldstein, A. P., & Michaels, G. Y. (1985). *Empathy: Development, training, and consequences*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Hambleton, R., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. London: Psychology Press.
- Herba, C. M., Landau, S., Russel, T., Ecker, C., & Philips, M. L. (2006). The development of emotion-processing in children: Effects of age, emotion, and intensity. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *47*(11), 1098-1106. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01652.
- Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. NY: Cambridge University Press.
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2007). Vinculação na adolescência. In I. Soares, *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 99-120). Braga: Psiquilíbrios.

- Jovev, M., McKenzie, T., Whittle, S., Simmons, J. G., Allen, N. B., & Chanen, A.M. (2013). Temperament and maltreatment in the emergence of borderline and antisocial personality pathology during early adolescence. *Journal of the Canadian Academy Child Adolescent Psychiatry*, 22(3), 220-229.
- Klimes-Dougan, B., & Kistner, J. (1990). Physically abused preschooler's response to peers' distress. *Development Psychology*, 26, 599-602. doi:10.1037/0012-1649.26.4.599.
- Leça, A., et al. (2011). *Maus Tratos em crianças e jovens, guia prático de abordagem, diagnóstico e intervenção*. (pp-10-20). Lisboa. [Em linha] Disponível em «https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/ficheiros-externos/doc-guia_maus-tratos_2-marco-2011-12h-pdf.aspx» [Acedido em: 21/11/2019].
- Luke, N., & Banerjee, R. (2013). Differentiated associations between childhood maltreatment experiences and social understanding: A meta-analysis and systematic review. *Developmental Review*, 33(1), 1-28. doi:10.1016/j.dr.2012.10.001.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Magalhães, T. (2002). *Maus-tratos em crianças e jovens: Guia prático para profissionais*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Magalhães, T. (2010). *Abuso de crianças e jovens: Da suspeita ao diagnóstico*. Porto: Lidel.
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. O., Silva, I. M., Lopes, R. C., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2),123-132. doi:10.1590/s0102-37722013000200001.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS (3ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90. doi:978-989-96763-1-2.
- Marôco, J. (2014). *Análise das equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Portugal: ReportNumber.
- Martins, R. P. M. P., Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Manfroi, E. C., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2017). Práticas parentais: Associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia Argumento*, 32(78), 89-100. doi.org/10.7213/psicol.argo.32.078.AO04.
- Matos, R., Almeida, T., & Vieira, A. (2014). Questões de Género em Gangues juvenis em Portugal. Perspetivas de atores que intervêm no fenómeno. In V. Duarte & M. I. Cunha (Eds.), *Violências e delinquências juvenis femininas: Género e (in)visibilidades sociais* (pp.115-140). Famalicão: Editora Húmus.
- Mondin, E. M. C. (2017). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244.
- Montano, T. (2010). *Promoção e proteção dos direitos das crianças: Guia de orientações para os profissionais da educação na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo*. Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. [Em linha] Disponível em: <<http://www.cnpcjr.pt/left.asp?03.0>>. [Consultado em 03/12/2019].
- Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark, C., & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 523-532.

- Nicholas, K., & Bieber, S. (1997). Assessment of perceived parenting behaviors: The Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory (EASE-PI). *Journal of Family Violence, 12*(3), 275-291.
- Ometto, M., de Oliveira, P. A., Milioni, A. L., Dos Santos, B., Scivoletto, S., Busatto, G. F., ... & Cunha, P. J. (2016). Social skills and psychopathic traits in maltreated adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry, 25*(4), 397-405.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual*. Berkshire: Allen & Unwin.
- Peters, S. D., Wyatt G. E., & Finkelhor D. (1986). *Prevalence: A sourcebook on child sexual abuse*. Beverly Hills: Springer publishing company.
- Pereira, C. R. R., & Arpini, D. M. (2017). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia Argumento, 30*(69), 275-285. doi: 10.7213/psicolargum.v30i69.23283.
- Pechorro, P., Ray, J. V., Salas-Wright, C. P., Marôco, J., & Goncalves, R. A. (2015). Adaptation of the basic empathy scale among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law, 21*(7), 699-714. doi.org/10.1080/1068316X.2015.1028546.
- Pires, M. F., & Roazzi, A. (2016). Empatia e sua avaliação: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Amazônica, 17*(1), 158-172.
- Pooman, P., & Punia, S. (2012). Impact of parental and contextual facts on differential treatment of siblings in the families. *Studies on Home and Community Science, 6*(2), 107-112. doi.org/10.1080/09737189.2012.11.885375.
- Relva, I., Fernandes, O. M., & Mota, C. (2012). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research, 5*, 46-62. doi: 10.1108/17596591311290740.

- Sampaio, L. R., Camino, C. P. D. S., & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspetos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 212-227.
- Schmidt, B., Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2016). Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: Uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 9, 2-18. doi: 10.4013/ctc.2016.91.01.
- Schwenck, C., et al. (2012). Empathy in children with autism and conduct disorder: Group-specific profiles and developmental aspects. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 53(6), 651-659. doi:10.1111/j.1469-7610.2011.02499.
- Silva, S. (2010). *Arte de educar*. (Tese de doutoramento). Universidade do Minho.
- Smith, C., & Thornberry, T. P. (1995). The relationship between childhood maltreatment and adolescent involvement in delinquency. *Criminology*, 34(4), 451-481. doi.org/10.1111/j.1745-9125.1995.tb01186.
- Stamm, B. H. & Friedman, M. J. (2000). Cultural diversity in the appraisal and expression of trauma. In A. Y. Shalev, R. Yehuda, A. C. McFarlene (Ed.). *International handbook of human response to trauma* (p. 69-85). New York: Springer Science.
- Strayer, J. (1992). Perspectivas afectivas y cognitivas sobre la empatia. En N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.). *La empatia y su desarrollo* (pp. 241-270). Bilbao: Desclée de Brower.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Principal components and factor analysis: Using multivariate statistics* (3ª ed.). California: Harper Collins College.
- Thompson, R. A. (1992). Empatía y comprensión emocional: El desarrollo temprano de la empatía. En N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.). *La empatía y su desarrollo* (pp. 133-161). Bilbao: Desclée de Brower.
- Turner, H. A., Shattuck, A., Finkelhor, D., & Hamby, S. (2017). Effects of poly-victimization on adolescent social support, self-concept, and psychological distress. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(5), 755-780. doi.org/10.1177/0886260515586376.

- Van der Graff, J., Branje, S., DeWeid, M., Hawk, S., VanLier, P. & Meeus, W. (2013). Perspective taking and empathic concern in adolescence: Gender differences in developmental changes. *Developmental Psychology*, *50*(3). doi: 10.1037/a0034325.
- Williams, L. M., Mathersul, D., Palmer, D. M., Gur, R. C., Gur, R. E., & Gordon, E. (2009). Explicit identification and implicit recognition of facial emotions: I. Age effects in males and females across 10 decades. *Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology*, *31*, 257-277. doi.org/10.1080/13803390802255635.
- Warden, D., & Mackinnon, S. (2003). Prosocial children, bullies and victims: An investigation of their sociometric status, empathy and social problem-solving strategies. *British Journal of Developmental Psychology*, *21*, 376-385. doi:10.1348/026151003322277757.
- Weber, M. (2008). *Fundamentos de sociologia*. Porto: Rés Editora.
- Weber, L. N. D., & Ton, C. (2011). Maternal practices and social skills of Brazilian Youngsters. *International Journal of Development and Educational Psychology*, *1*(1), 399-408.
- Wispe, L. (1986). The distinction between sympathy and empathy: To call forth a concept, a word is needed. *Journal of Personality and Social Psychology*, *50*, 314-321. doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.314.

ESTUDO EMPÍRICO II

A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte na Emergência de Traços Psicopáticos
numa Amostra de Adolescentes Portugueses

“Exposure to Abusive and Supportive Environments in the Emergence of Psychopathic Traits
in a Sample of Portuguese Adolescents”

Resumo

Compreende-se a psicopatia como uma perturbação de personalidade. Neste sentido, pesquisas empíricas têm enfatizado o modelo dimensional na compreensão desta perturbação, possibilitando estudos na população em geral. Assim, a presente investigação tem como principais objetivos analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e os traços psicopáticos; explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função das variáveis sociodemográficas, tais como o sexo, a idade dos adolescentes, ter ou não irmãos e com quem vive; e perceber se a exposição a ambientes abusivos e de suporte prediz a emergência de traços psicopáticos. A amostra foi constituída por 728 adolescentes portugueses com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos. No momento de recolha dos dados, procedeu-se à aplicação do inventário *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory* (EASE-PI), e do *Youth Psychopathic Inventory Traits Reconstructed* (YPI-RE) e a um questionário sociodemográfico. Os principais resultados sugerem que a exposição a ambientes abusivos e de suporte predizem (positiva/negativamente) a presença de todos os traços psicopáticos, à exceção das características de ausência de remorsos e ausência de emoções. Importa referir que existem poucas investigações, no contexto português, que analisem a relação dos traços psicopáticos e a fratria. Assim sendo, o estudo foi pertinente, uma vez que, se objetivou fornecer mais um contributo positivo à compreensão da associação que existe entre a exposição a ambientes abusivos com a emergência de traços psicopáticos e a fratria.

Palavras-chave: Adolescência; comportamentos abusivos; comportamentos de suporte; traços psicopáticos; EASE-PI; YPI-RE.

Abstract

Understand a psychopathy as a personality disorder. In this sense, empirical research focuses on the dimensional model in understanding this disorder, allowing studies in the general population. Thus, this research aims to analyze the association between exposure to abusive and supportive environments and psychopathic traits; explore the differences between exposure to abusive and supportive environments and psychopathic traits as a function of sociodemographic variables such as gender, the age of adolescents, whether or not they have siblings and with whom they live; and to understand if exposure to abusive and supportive environments predicts the emergence of psychopathic traits. The sample consisted of 728 Portuguese adolescents aged 12 to 20 years. At the time of data collection, the inventory Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory (EASE-PI), the Youth Psychopathic Inventory Traits Reconstructed (YPI-RE) and a sociodemographic questionnaire were applied. The main results suggest that exposure to abusive and supportive environments predicts (positively / negatively) the presence of all psychopathic traits, except for the characteristics of no remorse and no emotion. It should be noted that there are few investigations in the Portuguese context that analyze the relationship of psychopathic traits and phratry. Therefore, the study was pertinent, since it aimed to provide another positive contribution to the understanding of the association that exists between exposure to abusive environments with the emergence of psychopathic traits and fraternity.

Keywords: Adolescence; abusive behaviors; supportive behaviors; psychopathic traits; EASE-PI; YPI-RE.

A Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte na Emergência de Traços Psicopáticos numa Amostra de Adolescentes Portugueses

A exposição de crianças e jovens a ambientes abusivos é um grave problema mundial, atingindo e prejudicando esta população no decorrer do seu desenvolvimento.

Os maus-tratos a crianças e jovens existem desde a antiguidade, em todas as classes sociais e em diferentes culturas. Relatos sobre a vida das crianças e adolescentes das civilizações greco-romana e hebraica, já ilustravam a presença da violência. A disciplina e a severidade eram primordiais (Pires & Miyazaki, 2005).

Atualmente, grande parte dos maus-tratos ocorre no âmbito intrafamiliar (Weber, Viezzer, Brandenburg, & Zocche, 2002). Somente no final do século XIX, iniciou-se um movimento em prol dos direitos das crianças e dos adolescentes. O marco do início dessa luta foi o Caso Mary Ellen, nos Estados Unidos, sendo o primeiro caso documentado de condenação por maus-tratos contra a criança que se tem notícia. Na ocasião, os seus cuidadores foram condenados através de uma lei que proibia os maus-tratos a animais, uma vez que as crianças não tinham uma legislação própria que garantisse a sua proteção. Após o caso Mary Ellen surgiu, em Nova Iorque, a Sociedade de Prevenção da Crueldade contra a Criança, em 1874 (Day et al., 2003).

Embora a infância tenha adquirido maior importância nos aspetos sociais, jurídicos e familiares, a condição de punição física, ainda continua a ser vista como uma prática educativa não apenas aceitável, como recomendada (Pires & Miyazaki, 2005). O reconhecimento desses, enquanto um problema é relativamente recente.

Ainda que os atos violentos contra crianças e adolescentes tenham ocorrido ao longo da história, o conceito de maus-tratos deve ser entendido enquanto construído socialmente, fundado a partir de crenças, valores, padrões e permissões de determinada época e cultura (Baptista, França, Costa, & Brito, 2008).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002, p. 59), a definição de maus-tratos é compreendida como:

“Toda forma de maus-tratos físicos e/ou emocionais, abuso sexual, abandono ou trato negligente, exploração comercial ou outro tipo, da qual resulte um dano real ou potencial para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade da criança, no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder”.

Os maus-tratos infantis podem ser categorizados como ativos ou passivos. Os maus-tratos ativos, normalmente envolvem o uso da força física e de uma linguagem agressiva, inadequada à idade da criança. Nesta categoria podemos encontrar os maus-tratos físicos, os maus-tratos psicológicos e o abuso sexual. Por outro lado, os maus-tratos passivos, referem-se a toda e qualquer omissão ou escassez de cuidados que comprometem o bem-estar da criança, e nele incluem-se as situações de negligência (Magalhães, 2010).

Os maus-tratos e o abandono infantil, estão determinados por fatores individuais, familiares e sociais. Embora seja possível identificar as famílias maltratantes e negligentes com características e padrões de funcionamento similares, estas famílias não constituem um grupo homogêneo (Arruabarrena & de Pául, 2002).

Estudos revelaram, alguns fatores de risco relacionados com as famílias para os maus-tratos contra a criança, sendo eles: família monoparental, pobreza, desemprego, baixa escolaridade, ambientes conflituosos, alta aceitação da violência e agressão sofrida pelos pais na infância (fazendo-o acreditar que a violência é uma forma adequada para educar) (Weber et al., 2002). Não apenas o baixo nível socioeconômico e profissional das famílias é determinante para os maus-tratos, mas também a sua associação com a menor probabilidade de acesso a estruturas de redes de suporte social e a ignorância acerca de estratégias educativas eficazes. Todas estas combinações podem ser potenciadoras de violência (Weber et al., 2002). As relações familiares, as características parentais, a personalidade dos progenitores, a fraca vinculação com os menores, a existência de conflitos conjugais, a monoparentalidade, as baixas competências parentais surgem também associadas a um fator de vulnerabilidade para a ocorrência dos maus-tratos (Silva, Schek, & Silveira, 2014). Em muitos casos, a violência pode ser entendida pelas famílias abusadoras como uma estratégia para a resolução de problemas (Weber et al., 2002).

Em oposição aos fatores potenciadores dos maus-tratos acima identificados, acresce a necessidade de apresentar os fatores de proteção de forma a minimizar os fatores de risco. Os fatores de proteção são definidos como as variáveis que tornam o sujeito capaz de não delinquir, isto é podem ser considerados fatores contentores que podem influenciar, positivamente, a não reincidência de comportamentos antissociais do sujeito, mesmo quando se verifica a presença de fatores de risco com valor preditivo elevado (Andrews & Bonta, 2010). Existem dois tipos de fatores de proteção, os fatores pessoais e os fatores externos. Os fatores de proteção pessoal envolvem questões ao nível do traço da personalidade (e.g., resiliência), orientação social positiva, competências cognitivas e emocionais, e definições pró-sociais de género. Os fatores de proteção externos envolvem a existência de coesão e proximidade a nível familiar,

existência de figuras de referência, existência de relações que reforçam a competência, os compromissos individuais e proporcionem um sistema de crenças pró-sociais, e estilos de vida saudáveis (Andrews & Bonta, 2003; Rogers, 2000). Neste conjunto de fatores protetores encontram-se incluídas variáveis biopsicossociais que dizem respeito à criança ou jovem, à sua família /representantes, e aos seus contextos de vida. Um desenvolvimento familiar e social saudável da criança/jovem, com desejos de autonomia e comportamentos exploratórios, uma personalidade mais extrovertida e amigável, uma autoestima alta, e um bom sucesso escolar, são alguns exemplos de fatores protetores relativamente às características das crianças e jovens (Marin et al., 2013).

A resiliência, sendo um fator de proteção pessoal, diz respeito aos indivíduos que parecem ser facilmente imunes à adversidade, à privação e ao stresse, comparativamente com outras pessoas. Uma criança resiliente, isto é, intrinsecamente mais protegida ao mau trato, trata-se de uma criança que demonstra boas capacidades intelectuais, uma boa autoestima, aparenta encarar de maneira positiva as adversidades com que se depara, e uma grande flexibilidade e/ou capacidade de se adaptar a várias situações (Angst, 2017).

Em relação à variável familiar, é importante que a criança/jovem mantenha uma vinculação segura com a família ou adultos de referência, uma vez que esta promove uma estrutura de suporte. Uma estrutura familiar com regras, num ambiente positivo com bons modelos de referência fornece à criança/jovem um suporte necessário para o seu desenvolvimento integral, sendo assim considerados fatores protetores, assim como, quando estes modelos de referência têm o conhecimento das suas competências parentais e mantêm competências interpessoais adequadas (Mondin, 2017).

Egeland et al. (1993) sugerem que um prestador de cuidados responsivo permite à criança/jovem que tenha uma melhor capacidade de confiança nos outros. A família pode ser considerada como responsável pelo processo de socialização da criança, uma vez que é através da mesma que a criança adquire comportamentos, habilidades e valores adequados e desejáveis à sua cultura. Uma relação conjugal estável e sem conflitos beneficia igualmente o ambiente familiar a que a criança se depara, assim como a satisfação pessoal do seu cuidador e no desenvolvimento da criança. Um ambiente familiar positivo, é um forte preditor para os jovens não demonstrarem comportamentos delinquentes ou comportamentos não saudáveis (Lidchi, 2016).

Os fatores de proteção dos maus-tratos estão também relacionados com a satisfação que os progenitores têm na sua atividade profissional e com o nível socioeconómico da família, com uma condição financeira satisfatória e uma habitação adequada. O acesso a serviços de

apoio comunitário como, serviços sociais, educação, saúde, entre outros, podem constituir uma forma de combater o perigo (Kim, Park, & Kim, 2016).

Concluindo, todos estes fatores referidos acima, não se encontram diretamente relacionados com a perpetuação ou não do abuso, uma vez que cada caso deve ser analisado e interpretado de forma única e singular. Contudo é necessário ter em conta que para muitos autores, a família é o fator mais importante, podendo esta ser identificada como fator de risco ou como fator de proteção, dependendo do estilo parental utilizado (Ryan, Williams, & Courtney, 2013).

Os maus-tratos podem provocar danos para a criança, adolescente, família e sociedade para toda a vida. O impacto da violência é influenciado por diversos fatores, como por exemplo: idade, grau de desenvolvimento, tipo de abuso, frequência, duração, gravidade do abuso e a relação existente entre a vítima e abusador (Lidchi, 2016).

Segundo Alberto (2014), as consequências dos maus-tratos compreendem os domínios físico/orgânico, cognitivo, comportamental e psicoafectivo. Ao nível do domínio cognitivo, verificam-se défices na atenção e/ou memória, no desempenho intelectual, problemas na aprendizagem e dificuldades na linguagem. No domínio comportamental, observam-se manifestações tendencialmente internalizantes (e.g., inibição motora, isolamento e evitamento) ou externalizantes (e.g., hiperatividade, hostilidade, agitação motora e agressividade), é frequente ocorrer uma ambivalência relacional por parte da criança que alterna entre a busca e a rejeição de relações. Relativamente ao domínio psicoafectivo, destaca-se o medo, culpa, perda e luto, raiva, baixa autoestima, instabilidade emocional, dependência relacional, sintomatologia depressiva, desânimo aprendido, falta de confiança nos outros, competências relacionais e sociais pobres, dificuldades em controlar os sentimentos e comportamentos, sentimento de incompetência, perspetivas negativas e ameaçadoras do meio envolvente e, por último, o sentimento de que não são merecedoras de amor e respeito por parte dos outros (Alberto, 2014).

Psicopatia: Compreensão do constructo

A adolescência corresponde a uma fase do desenvolvimento do indivíduo, repleta de transformações: a nível físico, social e psíquico (Martins, 2012). Os adolescentes enfrentam uma série de novas tarefas, incluindo o desenvolvimento de identidades coerentes, o estabelecimento de relações com os pares e o desenvolvimento da independência dos pais. Estas mudanças podem contribuir para a descontinuidade da personalidade patológica e, em especial, para a psicopatia (Lynam et al., 2009).

Atualmente, o tema Psicopatia ou Perturbação de Personalidade Antissocial, tem ganho relevância devido ao seu alto grau de complexidade. Um facto alarmante para a sociedade é a

existência de condutas violentas entre crianças e adolescentes, bem como comportamentos impulsivos (isolados e passageiros), cujo seu grau de agressividade é elevado, persistente e repetitivo, e podem ser vistos como potenciadores de traços psicopáticos (Monteiro & Popenga, 2016).

Quando pensamos em psicopatia, surge-nos a imagem de pessoas com aparência má e descuidada, dura e bruta, e que poderiam ser facilmente reconhecidas na população. Mas esse pensamento está muito longe da realidade. Os psicopatas são muito ténues no que fazem, enganando e representando muito bem a quem querem convencer e manipular para atingir os seus objetivos finais (Silva, 2014).

Deste modo, existem inúmeros questionamentos em relação aos fatores que contribuem para a formação dessa personalidade, considerada uma perturbação, em crianças e adolescentes que já apresentam condutas violentas, sendo ela neurobiológica ou influenciada pelo meio social em que o indivíduo vive (Monteiro & Popenga, 2016).

A psicopatia é definida como uma perturbação complexa, determinada por uma constelação distinta de características interpessoais, afetivas e comportamentais (Hawes, Byrd, Waller, Lynam, & Pardini, 2017). Define-se como um constructo multidimensional que inclui uma variedade de domínios da personalidade (Lynam, Loeber, & Stouthamer-Loeber, 2008), caracterizada pela inexistência de remorsos, egocentrismo, insensibilidade, manipulação, charme e afeto superficial, impulsividade, mentira patológica, insegurança e falha em aceitar a responsabilidade pelas ações (Cleckley, 1941; Hare, 2003).

A questão da psicopatia juvenil e adolescente só começou a ser discutida seriamente há pouco mais de 20 anos, mais concretamente com as investigações de Frick et al. (1994) e Lynam (1996). Salekin (2006) e Salekin e Lynam (2010) adiantam fortes razões para acreditarmos que a psicopatia existe na adolescência de forma reconhecível. Por sua vez, Lynam (2002), refere que os traços de personalidade (correspondentes a dimensões e subdimensões do Modelo dos Cinco Fatores) associados à psicopatia na vida adulta, são estáveis a partir dos 14 anos de idade, e vários estudos em larga escala recentemente publicados, comprovaram que existe uma forte evidência empírica admissível e consistente sobre a estabilidade dos traços psicopáticos, propriamente ditos, nesta faixa etária (Frick, Kimonis, Dandreaux, & Farrell, 2003; Lynam, Caspi, Moffitt, Loeber, & Stouthamer-Loeber, 2007; Obradovic et al., 2007).

Num artigo de Seagrave e Grisso (2002), está presente a importância de o clínico não confundir traços inerentes ao desenvolvimento, e por isso transitórios, da própria adolescência com a associação de traços desviantes protopsicopáticos da personalidade. Ainda segundo o estudo de Blair e Coles (2000) os jovens com traços psicopáticos, apresentam problemas no

processamento emocional e défices na inibição comportamental ou impulsividade, afirmando que estes são mais propensos a desenvolver problemas de externalização.

A Psicopatia e a Exposição a Ambientes Abusivos e de Suporte

Os maus-tratos infantis têm sido frequentemente associados a habilidades sociais e características antissociais. Num estudo de Braga, Gonçalves, Basto-Pereira e Maia (2017), foi possível verificar que todos os tipos de exposição a ambientes abusivos, são preditores longitudinais independentes de comportamentos antissociais agressivos na adolescência. Contudo, existem controvérsias sobre o efeito de cada tipo de maus-tratos no comportamento social (Ometto et al., 2016).

Não se pode afirmar que os efeitos do abuso sejam maiores nos rapazes do que nas raparigas, têm apenas uma expressão diferente. Enquanto os rapazes parecem estar mais em risco de desenvolver problemas de externalização e distúrbios como a desordem de conduta, as raparigas estão mais em risco de desenvolver problemas de internalização e distúrbios como a depressão – designadamente, as raparigas tendem a inibir a zanga e a agressão, que substituem pela obediência excessiva e os cuidados resultantes da inversão dos papéis parentais (Figueiredo, 1998).

Num estudo realizado por Miller e Knutson (1997), foi possível verificar que existe uma associação positiva entre a história infantil punitiva e o comportamento antissocial. O mesmo se verifica, no estudo de Barbieri e Pavelqueires (2012), onde explicam que a falta de afetividade, maus tratos, abusos sexuais na infância e adolescência, podem influenciar o surgimento de psicopatia, indicando que a psicopatia se desenvolve através do meio social negligenciado. Diante disso, resta saber se a relação e combinação entre estes fatores podem estar presentes no desenvolvimento da personalidade psicopática.

Com a investigação de Docherty, Kubik, Herrera e Boxer (2018), foi possível verificar que a experiência de maus-tratos na infância aumenta o risco de insensibilidade/ falta de culpa estando associada ao comportamento delinvente. Os jovens maltratados demonstram também dificuldades no desenvolvimento de estratégias adaptativas no meio social, optando por uma adaptação patológica (Ng-Mak, Salzinger, Feldman, & Stueve, 2004). O início precoce de abuso verbal e negligência emocional está associado a maus-tratos mais frequentes e graves, manifestando-se em sintomas de ansiedade, depressão, ideação suicida e baixo rendimento académico (Turner et al., 2017).

Indivíduos com características de desinibição e manipulação interpessoal encontram-se relacionados com o impacto dos maus-tratos sofridos na infância/adolescência (Watts, Donahue, Lilienfeld, & Latzman, 2017). Num estudo de McCord e McCord (1964), verificou-se que a falta de afeto parental (negligência emocional) é um forte precipitante da personalidade psicopática. Perante a pesquisa sobre os maus-tratos na infância e os traços psicopáticos, é possível concluir que os maus tratos são um forte preditor de características psicopáticas (Bernstein, Stein, & Handelsman, 1998; Lang, Klinteberg, & Alm, 2002). Adicionalmente indivíduos que foram maltratados (abusados e / ou negligenciados) tendem a apresentar maiores níveis de psicopatia em comparação com aqueles que não foram vítimas (Weiler & Widom, 1996). É ainda de referir que os indivíduos com ausência de características psicopáticas, apresentam maiores níveis de sofrimento comparativamente com os indivíduos com altos níveis de características psicopáticas (Vahl et al., 2016).

Por ser o primeiro ambiente em que a criança é inserida, a família desempenha um papel relevante na formação da personalidade. É no seio familiar que a criança inicia o seu desenvolvimento e as suas relações interpessoais, e ao longo de toda a vida experimenta o processo de construção de si mesmo. Contudo, nem todas as crianças podem contar com uma base sólida chamada família, pois muitas vezes não possuem em casa referências básicas para serem seguidas, imitadas e tidas como modelo, comprometendo o saudável desenvolvimento da personalidade (Bernado, da Silva, & dos Santos, 2017).

Devido ao aumento da prevalência e ao aumento dos casos de vitimação infantojuvenil (Vieira & Grossi, 2018), atualmente, verifica-se uma grande necessidade de encontrar respostas de intervenção nesta área, e daí surge a pertinência do estudo deste tipo de temáticas que a par de consciencializar, convida a que cada um realize a sua própria análise crítica acerca da urgência de uma prática psicológica eficaz e responsável neste ramo onde a teoria é dominante enquanto que a intervenção é muitas vezes deficitária, escassa ou até inexistente.

Desta forma e tendo em consideração o racional teórico, os objetivos principais da presente investigação são: (a) analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e os traços psicopáticos; (b) explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função das variáveis sociodemográficas, tais como o sexo, a idade dos adolescentes, ter ou não irmãos e com quem vive; e (c) perceber se a exposição a ambientes abusivos e de suporte prediz a emergência de traços psicopáticos.

Método

Participantes

Participaram na investigação 839 indivíduos pertencendo ao Ensino Básico e Secundários. Estes foram selecionados de forma não aleatória (por conveniência) dos quais foram excluídos 111, tendo sido considerados como *outliers*. Resultaram 728 participantes, dos quais 431 (59.2%) indivíduos pertenciam ao sexo masculino e 297 (40.8%) pertenciam ao sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e 20 anos, com média das idades igual a 15.78 anos ($DP = 1.934$).

Dos 728 participantes, 213 frequentavam o ensino regular; 2 o CEF (curso de educação e formação) e 513 os cursos profissionais. No que respeita ao ano de escolaridade, 53 indivíduos frequentavam o 7º ano de escolaridade, 75 o 8º ano, 83 o 9º ano, 180 o 10º ano, 161 o 11ºano e 176 o 12ºano.

Em relação à fratria de irmãos, 605 (83.1%) participantes têm irmãos e 123 (16.9%) não têm irmãos, com uma média igual a 1.23 irmãos ($DP=1.017$). Relativamente ao estado civil dos pais dos 728 participantes, 22 pais são solteiros, 589 são casados, 19 vivem em união de facto, 82 são divorciados. Em relação às mães, 15 são solteiras, 592 são casadas, 20 vivem em união de facto e 85 são divorciadas.

Do total da amostra, 189 (26.0%) dos participantes viviam com os pais; 391 (53.7%) viviam com os pais e irmãos, e os restantes 148 (20.3%) viviam com outros (só mãe, só pai, avós, tios/padrinhos e instituições).

Instrumentos

Com o intuito de adquirir dados pessoais acerca dos participantes, foi aplicado um questionário sociodemográfico e escolar, que objetiva recolher informação relativa ao sujeito, da sua família e do seu subsistema fraternal.

Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory - EASE-PI (Nicholas & Bieber, 1997), tem como objetivo analisar a exposição a ambientes abusivos e de suporte, nomeadamente práticas abusivas e de suporte efetuadas pelo pai e mãe. É constituída por 70 itens distribuídos por duas subescalas: a de abuso (emocional, físico e sexual) e a de suporte (Amor/Supporte; Promoção da Independência e Modelagem Positiva), com um formato de resposta de escala de *Likert* em cinco pontos, desde 0 (nunca) a 4 (Sempre). Desta forma, sugere-se que quanto maior a pontuação obtida em cada dimensão, maior é o tipo de abuso perpetrado nas subescalas de abuso, e por outro lado, maior é o suporte obtido nas subescalas

de suporte. No que respeita às propriedades psicométricas, o EASE-PI original, obteve boa consistência interna em todas as subescalas, calculadas a partir do alfa de *Cronbach*, apresentando um nível de .88 na subescala de comportamento abusivo emocional (CAE), de .91 na subescala de comportamento abusivo físico (CAF) e .90 na subescala de comportamento abusivo sexual. Relativamente às subescalas associadas ao suporte, apresenta um nível de alfa de *Cronbach* de .84 na subescala de amor/suporte (A/S), .78 na subescala de promoção de independência (PI) e de .87 na subescala de modelagem positiva (MP). Além disso, a sua confiabilidade foi analisada por teste-reteste, mostrando-se bastante estável (Nicholas & Bieber, 1997).

No presente estudo, e atendendo aos objetivos do estudo, utilizaram-se as subescalas de abuso físico, de abuso emocional e de suporte. A subescala de abuso sexual não foi utilizada por não se enquadrar nos objetivos da presente investigação. Relativamente aos valores da confiabilidade, obtiveram-se valores que apresentam uma boa consistência interna nas diferentes subescalas. As subescalas referentes à mãe, apresentaram alfas de *Cronbach* de .85 na subescala de comportamento abusivo emocional (CAE), .78 para a subescala de comportamento abusivo físico (CAF), .91 para a subescala de amor/suporte (A/S), .71 para a subescala de promoção de independência (PI), e .72 para a subescala de modelagem positiva (MP). Relativamente aos valores da confiabilidade, as subescalas referentes ao pai, apresentaram alfas de *Cronbach* de .81 na subescala de comportamento abusivo emocional (CAE), .76 para a subescala de comportamento abusivo físico (CAF), .94 para a subescala de amor/suporte (A/S), .72 para a subescala de promoção de independência (PI), e .77 para a subescala de modelagem positiva (MP).

Relativamente à análise fatorial confirmatória, o ajustamento dos valores foi confirmado, sendo $\chi^2(197)=760.274$; $p=.000$; Ratio=3.859; CFI=.92; GFI=.91; RMR=.116 e RMSEA=.06 para as subescalas referentes à Mãe, e de $\chi^2(196)=778.047$; $p=.000$; Ratio=3.970; CFI=.93; GFI=.91; RMR=.153 e RMSEA=.06 para as subescalas referentes ao pai.

Youth Psychopathic Inventory Traits Reconstructed -YPI-RE (Andershed, Kerr, Satin, & Levander, 2002, adaptada para a população portuguesa por Simões, Gonçalves, & Lopes, 2016, e posteriormente reformulada por Simões & Relva, 2019) tem como propósito avaliar a ocorrência de facetas proto-psicopáticas na população adolescente entre os 12-18 anos de idade (uma vez que a idade dos participantes varia entre 12 e 20 anos de idade, importa referir que este motivo não invalidou a fiabilidade dos resultados, sendo que a idade de 19 e 20 anos, correspondeu apenas a 2 participantes). Este inventário é composto por 10 dimensões que cor-

respondem à descrição clássica da psicopatia: encanto-desonesto, grandiosidade, mentira, manipulação, ausência de remorsos, frieza emocional, ausência de emoções, impulsividade, falta de sentido de responsabilidade e busca de emoções.

As diferentes subescalas organizam-se em quatro facetas também denominadas como super-dimensões: (a) dimensão interpessoal, incluindo as dimensões de encanto desonesto, grandiosidade, mentira e manipulação; (b) dimensão afetiva, incluindo as dimensões de ausência de remorsos e ausência de emoções (c) dimensão comportamental, incluindo as dimensões de falta de sentido de responsabilidade, impulsividade e busca de emoções; e (d) frieza emocional.

Este instrumento é composto por 50 itens com um formato de resposta tipo *Likert* em cinco pontos, desde 1 (Nunca) a 5 (Sempre). Relativamente às características psicométricas, a escala original apresenta boas medidas de consistência interna, com valores de alfa de *Cronbach* de .71 para a subescala de encanto desonesto, .84 para a subescala de grandiosidade, .84 para a subescala da mentira, .84 para a subescala da manipulação, .71 para a subescala de ausência de remorsos, .70 para a subescala de ausência de emoções, .83 para a subescala da frieza emocional, .80 para a subescala de busca de emoções, .79 para a subescala de impulsividade e .75 para a subescala falta de sentido de responsabilidade (Simões & Relva, 2019).

No presente estudo os valores da confiabilidade, conferem uma boa consistência interna nas diferentes subescalas, com valores de alfa de *Cronbach* de .81 para a subescala de grandiosidade, .79 para a subescala da mentira, .76 para a subescala da manipulação, .76 para a subescala da frieza emocional, .79 para a subescala de busca de emoções, .76 para a subescala de impulsividade. As restantes subescalas apresentam alfas de *Cronbach*, não tão satisfatórios, como é o caso da subescala de encanto desonesto com um valor de .67, .64 para a subescala de ausência de remorsos, .59 para a subescala de ausência de emoções, e .69 para a subescala de falta de sentido de responsabilidade. No artigo de validação da escala YPI, para a população portuguesa, verifica-se que as diferentes subescalas manifestam um bom ajuste, à exceção das dimensões ausência de emoções e ausência de remorsos. Este facto vai ao encontro do exposto anteriormente (Simões, Gonçalves, & Lopes, 2010, 2016; Simões & Gonçalves, 2017). Embora as dimensões de encanto desonesto e falta de sentido de responsabilidade, apresentem um valor de $\alpha < .70$, este é considerado o valor no limite da confiabilidade adequada (Marôco et al., 2014).

Relativamente à análise fatorial confirmatória, o ajustamento dos valores foi confirmado, sendo $\chi^2 (125) = 295.773$; $p = .000$; $Ratio = 2.366$; $CFI = .97$; $GFI = .96$; $RMR = .152$ e $RMSEA = .04$.

Procedimentos

Numa primeira fase da investigação e de modo a obter uma melhor compreensão e suporte teórico acerca da temática em estudo, foi realizada a recolha bibliográfica, através do recurso a base de dados científicas (e.g., *B-on*, *PubMed*, *EBSCO*, entre outras), pesquisando particularmente revistas, artigos científicos e jornais, com o enfoque direcionado para as variáveis em estudo.

Posteriormente, procedeu-se à seleção dos instrumentos de avaliação para administrar na presente investigação, e foi requerido o consentimento aos autores originais dos instrumentos a utilizar. Após o parecer dos autores, procedeu-se à construção do protocolo de investigação. Durante o processo de tradução e adaptação da escala EASE-PI, seguiram-se recomendações estabelecidas internacionalmente (Hambleton, Merenda, & Spielberger, 2005). Inicialmente procedeu-se à tradução do instrumento para português. De seguida um tradutor bilingue fez a respetiva retroversão para inglês, tendo sido posteriormente comparada com o instrumento original. Aceite a versão provisória da tradução das escalas para português, foi então realizado um estudo pré-teste com 20 indivíduos com idades entre os 12 e os 18 anos, para que estes analisassem a qualidade da tradução, detetassem eventuais problemas e apresentassem considerações e sugestões que visassem a melhoria semântica da escala. Chegou-se assim à versão final da escala. Seguidamente, foi submetido à Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no qual obteve parecer favorável quanto à sua realização. Por fim, e com o objetivo de conseguir autorização para a presente investigação, foi enviado um pedido de inquéritos em meio escolar à Direção-Geral de Educação (DGE), tendo aprovação.

Os dados foram recolhidos em turmas de diferentes escolas TEIP, sediadas no norte de Portugal. Procedeu-se à obtenção de autorização dos diretores dos estabelecimentos de ensino, e de seguida, foram entregues aos diretores de turma os consentimentos informados. Os alunos com idades inferiores a 18 anos fizeram chegar aos respetivos encarregados de educação, os consentimentos informados.

Após a obtenção das autorizações institucionais, os questionários, anónimos, foram autoadministrados e o seu preenchimento foi voluntário, sem recurso a qualquer tipo de incentivo externo. O período de recolha da amostra, decorreu ao longo de dois meses (janeiro e fevereiro) do ano 2019. O tempo máximo de aplicação dos instrumentos, não excedeu os 50 minutos.

O horário de administração foi previamente acordado com os professores responsáveis pelas turmas, acontecendo geralmente, antes ou depois do período de lecionação. A todos os

participantes, foram esclarecidos os objetivos da investigação no momento anterior ao preenchimento do protocolo. Para evitar a homogeneidade amostral, os participantes foram recrutados em diferentes áreas de ensino, nomeadamente, na área de ensino regular, ensino profissional e cursos CEF.

Estratégias de análise de dados

A presente investigação apresenta um cariz metodológico quantitativo, transversal e correlacional, uma vez que se pretende verificar a relação entre as variáveis presentes no estudo, corroborando-os com resultados alcançados em estudos anteriormente realizados.

Numa fase inicial, procedeu-se à codificação do protocolo sendo elaborada uma base de dados para posterior análise, com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences - SPSS*, na sua versão 25.0 para o sistema *Windows*.

Numa fase posterior, foi realizada a limpeza da amostra através da identificação de *missings*, de forma a identificar elementos cujas respostas se poderiam distanciar da média, podendo afetar a média e desvio padrão da amostra. Neste sentido, procedeu-se à identificação de *outliers* multivariados (calculando a distância de *Mahalanobis*), que permite usar a média e a variância para cada variável, de modo a identificar os participantes com valores críticos e que se encontram significativamente afastados da média geral da amostra (Field, 2005).

Foram testados os pressupostos da normalidade, procedendo-se à análise da assimetria através dos coeficientes de assimetria (*skeweness*) e achatamento (*kurtosis*), assumindo-se o cumprimento da normalidade, uma vez que os valores compreendiam o intervalo -1 e 1. Foi analisada a informação estatística relativamente ao teste de *Kolmogorov-Smirnov*, particularmente o valor de significância (*p*), os gráficos de Histogramas, os *Q-QPlots* e os *Boxplot* (Marôco, 2007).

Após as análises anteriormente realizadas foram assegurados os pressupostos da normalidade, pelo que se procedeu à análise estatística com recurso a testes paramétricos. Para estimar a consistência interna dos instrumentos, foram calculados os valores de *alpha de Cronbach* (Marôco, 2014).

Seguidamente, através do programa estatístico *AMOS* na versão 23.0 foram realizadas Análises Confirmatórias de 1ª ordem, de modo a testar a adequação dos instrumentos utilizados na presente investigação, por intermédio da análise dos índices de ajustamento do modelo.

Numa fase posterior, procedeu-se à análise estatística dos dados, por meio de uma análise descritiva, envolvendo o cálculo de frequências, médias e desvios padrões das variáveis

em estudo. Após as análises descritivas efetuaram-se as análises correlacionais interescares através r de *Person* com o objetivo de medir o grau de correlação linear entre as variáveis quantitativas. Estas podem ser positivas ou negativas, e apresentar um grau de associação baixo, moderado ou forte (Pallant, 2005). Para Cohen (1988), a correlação é fraca quando existe uma variação de $r = .10$ a $.29$ ou $r = -.10$ a $-.29$; moderada quando $r = .30$ a $.49$ ou $r = -.30$ a $-.49$ e forte quando $r = .50$ a 1.0 ou $r = -.50$ a -1.0 .

Realizaram-se análises diferenciais multivariadas (MANOVAS), recorrendo ao teste do qui-quadrado e eta quadrado, de modo a avaliar as diferenças significativas entre as variáveis sociodemográficas e os instrumentos. De acordo com Cohen (1988), os valores do eta quadrado podem variar de 0 a 1, sendo que não existe efeito de magnitude, quando o valor é $< .01$, o efeito é pequeno quando o valor é $\geq .01$, moderado quando é $> .06$ e forte quando o valor é $> .14$. Foram realizadas ainda regressões múltiplas hierárquicas de modo a verificar a predição das variáveis independentes (dimensões do inventário EASE-PI) sobre as dependentes (traços psicopáticos), tornando-se pertinente a criação de variável *dummy* para a variável sociodemográfica sexo.

Resultados

Relativamente à escala EASE-PI, esta subdivide-se em duas categorias: (a) **Fatores de abuso**, incluindo as dimensões do Comportamento Abusivo Emocional (CAE) e Comportamento Abusivo Físico (CAF); (b) **Fatores de suporte**, incluindo as dimensões do Amor/Suporte (AS); Promoção de Independência (PI); Modelagem Positiva (MP). No que diz respeito às dimensões do inventário YPI-RE, estas subdividem-se em quatro grandes dimensões: (a) **Dimensão interpessoal**, incluindo as dimensões de encanto desonesto (EDS), grandiosidade (GRD), mentira (MNT) e manipulação (MNP); (b) **Dimensão Afetiva**, incluindo as dimensões de ausência de remorsos (ARM) e ausência de emoções (AE); (c) **Dimensão Comportamental**, incluindo as dimensões de impulsividade (IMP), falta de sentido de responsabilidade (FRP) e busca de emoções (BEM); e (d) **Frieza Emocional** (FRZ).

Associação entre as diferentes dimensões do inventário EASE-PI e YPI-RE

Com o objetivo de verificar as associações entre as diferentes dimensões do inventário EASE-PI e as diferentes dimensões do inventário YPI-RE, foram realizadas análises de **correlações interescares**, com recurso às correlações de *Pearson*.

Nas correlações correspondentes ao pai e à mãe (Tabela 1), verificam-se associações positivas e significativas de magnitude fraca, entre os fatores abusivos do inventário EASE-PI

e todas as dimensões do YPI-RE: o comportamento abusivo emocional e o encanto desonesto ($r = .169, p = .000$ no pai; $r = .130, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e o encanto desonesto ($r = .197, p = .000$ no pai; $r = .163, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo emocional e a grandiosidade ($r = .176, p = .000$ no pai; $r = .164, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a grandiosidade ($r = .189, p = .000$ no pai; $r = .161, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo emocional e a mentira ($r = .243, p = .000$ no pai; $r = .241, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a mentira ($r = .262, p = .000$ no pai; $r = .295, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo emocional e a manipulação ($r = .261, p = .000$ no pai; $r = .277, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a manipulação ($r = .255, p = .000$ no pai; $r = .260, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo emocional e a ausência de remorsos ($r = .210, p = .000$ no pai; $r = .227, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a ausência de remorsos ($r = .202, p = .000$ no pai; $r = .232, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a frieza emocional ($r = .090, p = .015$ no pai); o comportamento abusivo emocional e a ausência de emoções ($r = .148, p = .000$ no pai; $r = .138, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a ausência de emoções ($r = .118, p = .001$ no pai; $r = .140, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo emocional e a impulsividade ($r = .217, p = .000$ no pai; $r = .227, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a impulsividade ($r = .178, p = .000$ no pai; $r = .219, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo emocional e a falta de sentido de responsabilidade ($r = .235, p = .000$ no pai; $r = .232, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a falta de responsabilidade ($r = .272, p = .000$ no pai; $r = .267, p = .000$ na mãe); o comportamento abusivo emocional e a busca de emoções ($r = .148, p = .000$ no pai; $r = .128, p = .001$ na mãe); o comportamento abusivo físico e a busca de emoções ($r = .171, p = .000$ no pai; $r = .163, p = .000$ na mãe).

Verificam-se também, correlações negativas e significativas de magnitude fraca entre os fatores de suporte do inventário EASE-PI e todas as dimensões do YPI-RE: o amor/suporte e o encanto desonesto ($r = -.112, p = .003$ no pai); o amor/suporte e a grandiosidade ($r = -.112, p = .002$ no pai; $r = -.105, p = .000$ na mãe); o amor/suporte e a mentira ($r = -.163, p = .000$ no pai; $r = -.189, p = .000$ na mãe); o amor/suporte e a manipulação ($r = -.225, p = .000$ no pai; $r = -.224, p = .000$ na mãe); o amor/suporte e a ausência de remorsos ($r = -.177, p = .000$ no pai; $r = -.198, p = .000$ na mãe); o amor/suporte e a frieza emocional ($r = -.108, p = .004$ no pai; $r = -.172, p = .000$ na mãe); o amor/suporte e a ausência de emoções ($r = -.120, p = .001$ no pai; $r = -.103, p = .006$ na mãe); o amor/suporte e a impulsividade ($r = -.213, p = .000$ no pai; $r = -.172, p = .000$ na mãe); o amor/suporte e a falta de sentido de responsabilidade ($r = -.233, p = .000$ no pai; $r = -.242, p = .000$ na mãe); o amor/suporte e a busca de emoções ($r = -.116, p = .002$ no pai); a promoção de independência e o encanto desonesto ($r = -.108, p = .004$ no pai); a promoção de independência e a

grandiosidade ($r = -.161, p = .000$ no pai; $r = -.127, p = .001$ na mãe); a promoção de independência e a mentira ($r = -.165, p = .000$ no pai; $r = -.156, p = .000$ na mãe); a promoção de independência e a manipulação ($r = -.123, p = .001$ no pai; $r = -.127, p = .001$ na mãe); a promoção de independência e a ausência de remorsos ($r = -.105, p = .005$ no pai; $r = -.113, p = .002$ na mãe); a promoção de independência e a frieza emocional ($r = -.141, p = .000$ no pai; $r = -.119, p = .001$ na mãe); a promoção de independência e a falta de sentido de responsabilidade ($r = -.074, p = .046$ no pai; $r = -.084, p = .024$ na mãe); a modelagem positiva e o encanto desonesto ($r = -.091, p = .014$ no pai); a modelagem positiva e a grandiosidade ($r = -.143, p = .000$ no pai; $r = -.139, p = .000$ na mãe); a modelagem positiva e a mentira ($r = -.163, p = .000$ no pai; $r = -.198, p = .000$ na mãe); a modelagem positiva e a manipulação ($r = -.227, p = .000$ no pai; $r = -.241, p = .000$ na mãe); a modelagem positiva e a ausência de remorsos ($r = -.157, p = .000$ no pai; $r = -.154, p = .000$ na mãe); a modelagem positiva e a frieza emocional ($r = -.143, p = .000$ no pai; $r = -.223, p = .000$ na mãe); a modelagem positiva e a ausência de emoções ($r = -.085, p = .000$ no pai); a modelagem positiva e a impulsividade ($r = -.157, p = .000$ no pai; $r = -.145, p = .000$ na mãe); a modelagem positiva e a falta de sentido de responsabilidade ($r = -.220, p = .000$ no pai; $r = -.237, p = .000$ na mãe); a modelagem positiva e a busca de emoções ($r = -.143, p = .000$ no pai).

Tabela 1

Correlações entre as dimensões do EASE-PI e YPI-RE, média e desvio-padrão (N=728)

	<i>M±DP</i>	Pai					Mãe				
		CAE	CAF	AS	PI	MP	CAE	CAF	AS	PI	MP
EDS (YPI-RE)	10.80 ±3.82 0	.169*	.197*	-	-	-.091*	.130*	.163*	-.050	-.068	-.058
		*	*	.112*	.108*		*	*			
GRD (YPI-RE)	7.84± 3.631	.176*	.189*	-	-	-	.164*	.161*	-	-	-
		*	*	.112*	.161*	.143*	*	*	.105*	.127*	.139*
				*	*	*			*	*	*
MNT (YPI-RE)	7.31± 2.840	.243*	.262*	-	-	-	.241*	.295*	-	-	-
		*	*	.163*	.165*	.163*	*	*	.189*	.156*	.198*
				*	*	*			*	*	*
MNP (YPI-RE)	7.33± 2.921	.261*	.255*	-	-	-	.277*	.260*	-	-	-
		*	*	.225*	.123*	.227*	*	*	.224*	.127*	.241*
				*	*	*			*	*	*
ARM (YPI-RE)	8.74± 3.358	.210*	.202*	-	-	-	.227*	.232*	-	-	-
		*	*	.177*	.105*	.157*	*	*	.198*	.113*	.154*
				*	*	*			*	*	*
FRZ (YPI-RE)	12.59 ±4.63 0	.060	.090*	-	-	-	.028	.050	-	-	-
				.108*	.141*	.143*			.172*	.119*	.223*
				*	*	*			*	*	*
AE (YPI-RE)	11.32 ±3.38 2	.148*	.118*	-	-.037	-.085*	.138*	.140*	-	-.063	-.064
		*	*	.120*			*	*	.103*		
				*					*		

IMP (YPI-RE)	10.96 ±3.86 6	.217* *	.178* *	- .213* *	-0.042 -	- .157* *	.227* *	.219* *	- .172* *	-0.071 -	- .145* *
FRP (YPI-RE)	9.31± 3.464	.235* *	.272* *	- .233* *	-0.074* -	- .220* *	.232* *	.267* *	- .242* *	-0.084* -	- .237* *
BEM (YPI-RE)	11.75 ±4.67 5	.148* *	.171* *	- .116* *	.019 -	-0.086* -	.128* *	.163* *	-0.059 -	.026 -	-0.047 -
<i>M</i>		24.81	15.50	68.33	23.82	25.46	25.08	16.33	71.74	24.03	26.26
<i>DP</i>		6.737	3.645	12.242	4.470	4.164	7.486	4.334	9.444	4.259	3.490

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$. Os negritos representam correlações significativas.

Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função do sexo

De modo a serem analisadas as diferenças da exposição a ambientes abusivos e de suporte, e traços psicopáticos em função do sexo, foi efetuada a análise de variância multivariada (MANOVA). De acordo com os resultados observados, verificou-se que existem diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino, [$F_{(20,706)} = 16.283, p = .000, \eta_p^2 = .316$, Wilks - $\lambda = .684, PO = 1.000$], o efeito de magnitude é forte e o poder observado é elevado.

Conforme é possível verificar na tabela 2, relativamente ao inventário EASE-PI, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos na variável comportamento abusivo físico, tanto no pai como na mãe [$F_{(1,725)} = 9.051; p = .003; \eta_p^2 = .012$ na mãe; $F_{(1,725)} = 32.114; p = .000; \eta_p^2 = .042$ no pai], sendo que o sexo masculino ($M = 16.70; DP = 4.495$, na mãe; $M = 16.11; DP = 4.143$ no pai), apresenta uma média superior, comparativamente ao sexo feminino ($M = 15.80; DP = 4.084$, na mãe; $M = 14.62; DP = 2.527$ no pai). Relativamente ao inventário YPI-RE, foram encontradas também diferenças significativas na variável encanto desonesto [$F_{(1,725)} = 4.807; p = .029; \eta_p^2 = .007$], sendo que o sexo masculino ($M = 11.06; DP = 3.929$) apresenta uma média superior, comparativamente com o sexo feminino ($M = 10.43; DP = 3.630$); na variável grandiosidade [$F_{(1,725)} = 40.121; p = .000; \eta_p^2 = .052$], sendo que o sexo masculino ($M = 8.53; DP = 3.950$) apresenta uma média superior, comparativamente com o sexo feminino ($M = 6.84; DP = 2.833$); na variável mentira [$F_{(1,725)} = 50.366; p = .000; \eta_p^2 = .065$], sendo que o sexo masculino ($M = 7.90; DP = 3.154$) apresenta uma média superior, comparativamente com o sexo feminino ($M = 6.46; DP = 2.030$); na variável frieza emocional [$F_{(1,725)} = 117.885; p = .000; \eta_p^2 = .140$], sendo que o sexo masculino ($M = 14.02; DP = 4.389$) apresenta uma média superior, comparativamente com o sexo feminino ($M = 10.51; DP = 4.167$); na variável manipulação [$F_{(1,725)} = 16.988; p = .000; \eta_p^2 = .023$], sendo que o sexo

masculino ($M= 7.68$; $DP=3.082$) apresenta uma média superior, comparativamente com o sexo feminino ($M= 6.82$; $DP= 2.590$); na variável ausência de emoções [$F_{(1,725)} = 17.631$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .024$], sendo que o sexo masculino ($M= 11.74$; $DP= 3.527$) apresenta uma média superior, comparativamente com o sexo feminino ($M= 10.70$; $DP= 3.060$); na variável falta de sentido de responsabilidade [$F_{(1,725)} = 33.366$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .044$], sendo que o sexo masculino ($M= 9.89$; $DP= 3.531$) apresenta uma média superior, comparativamente com o sexo feminino ($M= 8.48$; $DP= 3.191$); e por último na variável busca de emoções [$F_{(1,725)} = 46.786$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .061$], sendo que o sexo masculino ($M= 12.69$; $DP= 4.867$) apresenta uma média superior, comparativamente com o sexo feminino ($M= 10.38$; $DP= 4.010$).

Tabela 2

Análise diferencial dos inventários EASE-PI e YPI-RE em função do sexo

		Sexo		<i>p</i>	<i>Sentido da significância</i>	η_p^2
		Masculino(M) M±DP	Feminino(F) M±DP			
CAF (EASE-PI)	Mãe	16.70±4.495	15.80±4.084	.003	M>F	.012
	Pai	16.11±4.143	14.62±2.527	.000	M>F	.042
EDS (YPI-RE)		11.06±3.929	10.43±3.630	.029	M>F	.007
GRD (YPI-RE)		8.53±3.950	6.84±2.833	.000	M>F	.052
MNT (YPI-RE)		7.90±3.154	6.46±2.030	.000	M>F	.065
MNP (YPI-RE)		7.68±3.082	6.82±2.590	.000	M>F	.023
FRZ (YPI-RE)		14.02±4.389	10.51±4.167	.000	M>F	.140
AE (YPI-RE)		11.74±3.527	10.70±3.060	.000	M>F	.024
FRP (YPI-RE)		9.89±3.531	8.48±3.191	.000	M>F	.044
BEM (YPI-RE)		12.69±4.867	10.38±4.010	.000	M>F	.061

Nota: Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função da idade

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU)

entre 15 e 24 anos (*youth*), sendo este critério utilizado especialmente para fins estatísticos e políticos (Eisenstein, 2005). Perante esta definição e de forma a facilitar a interpretação dos resultados em função da idade, dividiu-se a idade em dois grupos (1º Grupo=12 anos até 15 anos e 2º Grupo=16 anos até 20 anos).

Para perceber os determinantes da exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos quanto à idade, realizou-se uma MANOVA, onde se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as diferentes faixas etárias, [$F_{(20,706)} = 7.125, p = .000, \eta_p^2 = .168$, Wilks - $\lambda = .832, PO = 1.000$], o efeito de magnitude é forte e o poder observado é elevado.

Perante a análise da tabela 3, relativamente ao inventário EASE-PI, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na variável comportamento abusivo emocional, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 6.768; p = .009; \eta_p^2 = .009$ na mãe; $F_{(1,725)} = 14.199; p = .000; \eta_p^2 = .019$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 24.03; DP = 7.196$, na mãe; $M = 23.54; DP = 5.809$ no pai), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M = 25.76; DP = 7.601$, na mãe; $M = 25.65; DP = 7.168$ no pai); na variável comportamento abusivo físico, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 17.728; p = .000; \eta_p^2 = .024$ na mãe; $F_{(1,725)} = 12.603; p = .000; \eta_p^2 = .017$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 15.44; DP = 3.828$, na mãe; $M = 14.89; DP = 2.683$ no pai), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M = 16.92; DP = 4.546$, na mãe; $M = 15.91; DP = 4.111$ no pai); na variável amor/suporte, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 32.540; p = .000; \eta_p^2 = .043$ na mãe; $F_{(1,725)} = 42.349; p = .000; \eta_p^2 = .055$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 74.30; DP = 8.430$, na mãe; $M = 72.07; DP = 10.386$ no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M = 70.05; DP = 9.701$, na mãe; $M = 65.88; DP = 12.751$ no pai); na variável promoção de independência, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 7.869; p = .005; \eta_p^2 = .011$ na mãe; $F_{(1,725)} = 9.773; p = .002; \eta_p^2 = .013$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 24.65; DP = 4.262$, na mãe; $M = 24.51; DP = 4.126$ no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M = 23.63; DP = 4.632$, na mãe; $M = 23.36; DP = 4.632$ no pai); na variável modelagem positiva, tanto no pai como na mãe, [$F_{(1,725)} = 32.492; p = .000; \eta_p^2 = .043$ na mãe; $F_{(1,725)} = 35.588; p = .000; \eta_p^2 = .047$ no pai], sendo que os adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 27.18; DP = 3.175$, na mãe; $M = 26.61; DP = 3.586$ no pai), apresentam uma média

superior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 25.65$; $DP= 3.556$, na mãe; $M= 24.70$; $DP= 4.345$ no pai).

Relativamente ao inventário YPI-RE, destacaram-se assim diferenças significativas na variável encanto desonesto [$F_{(1,725)} = 27.253$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .036$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 9.92$; $DP= 3.643$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 11.39$; $DP= 3.827$); na variável grandiosidade [$F_{(1,725)} = 13.284$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .018$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 7.24$; $DP= 3.107$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 8.23$; $DP= 3.892$); na variável mentira [$F_{(1,725)} = 6.071$; $p=.014$; $\eta_p^2 = .008$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 6.97$; $DP= 2.480$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 7.54$; $DP= 3.034$); na variável manipulação [$F_{(1,725)} = 16.194$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .022$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 6.77$; $DP= 2.532$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 7.70$; $DP= 3.099$); na variável ausência de remorsos [$F_{(1,725)} = 25.436$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .034$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 7.96$; $DP= 2.934$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 9.25$; $DP= 3.520$); na variável frieza emocional [$F_{(1,725)} = 9.920$; $p=.002$; $\eta_p^2 = .013$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 11.92$; $DP= 4.828$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 13.03$; $DP= 4.446$); na variável ausência de emoções [$F_{(1,725)} = 12.857$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .017$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 10.76$; $DP= 3.382$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 11.69$; $DP= 3.334$); na variável impulsividade [$F_{(1,725)} = 34.952$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .046$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 9.91$; $DP= 3.645$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 11.65$; $DP= 3.856$); na variável falta de sentido de responsabilidade [$F_{(1,725)} = 73.079$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .092$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 7.98$; $DP= 2.732$), apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 10.19$; $DP= 3.613$); e por último na variável busca de emoções [$F_{(1,725)} = 21.057$; $p=.000$; $\eta_p^2 = .028$], sendo que os adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos ($M= 10.76$; $DP= 4.489$), apresentam uma média inferior,

comparativamente com os adolescentes com idades entre os 16 e os 20 anos ($M= 12.40$; $DP= 4.886$).

Tabela 3

Análise diferencial dos inventários EASE-PI e YPI-RE em função da idade

		Idade		<i>p</i>	<i>Sentido da significância</i>	η_p^2
		12 Anos até 15 Anos (1) M±DP	16 Anos até 20 Anos (2) M±DP			
CAE (EASE-PI)	Mãe	24.03±7.196	25.76±7.601	.009	1<2	.009
	Pai	23.54±5.809	25.65±7.168	.000	1<2	.019
CAF (EASE-PI)	Mãe	15.44±3.828	16.92±4.546	.000	1<2	.024
	Pai	14.89±2.683	15.91±4.111	.000	1<2	.017
A/S (EASE-PI)	Mãe	74.30±8.430	70.05±9.701	.000	1>2	.043
	Pai	72.07±10.386	65.88±12.751	.000	1>2	.055
PI (EASE-PI)	Mãe	24.65±4.262	23.63±4.213	.005	1>2	.011
	Pai	24.51±4.126	23.36±4.632	.002	1>2	.013
MP (EASE-PI)	Mãe	27.18±3.175	25.65±3.556	.000	1>2	.043
	Pai	26.61±3.586	24.70±4.345	.000	1>2	.047
EDS (YPI-RE)		9.92±3.643	11.39±3.827	.000	1<2	.036
GRD (YPI-RE)		7.24±3.107	8.23±3.892	.000	1<2	.018
MNT (YPI-RE)		6.97±2.480	7.54±3.034	.014	1<2	.008
MNP (YPI-RE)		6.77±2.532	7.70±3.099	.000	1<2	.022
ARM (YPI-RE)		7.96±2.934	9.25±3.520	.000	1<2	.034
FRZ (YPI-RE)		11.92±4.828	13.03±4.446	.002	1<2	.013
AE (YPI-RE)		10.76±3.382	11.69±3.334	.000	1<2	.017
IMP (YPI-RE)		9.91±3.645	11.65±3.856	.000	1<2	.046
FRP (YPI-RE)		7.98±2.732	10.19±3.613	.000	1<2	.092
BEM (YPI-RE)		10.76±4.489	12.40±4.686	.000	1<2	.028

Nota: Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função de ter ou não irmãos

Para perceber os determinantes da exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos, quanto aos irmãos, realizou-se uma MANOVA, onde se verificam diferenças estatisticamente significativas, [$F_{(20,706)} = 1.635, p = .040, \eta_p^2 = .044, \text{Wilks} - \lambda = .956, PO = .959$], sendo o efeito de magnitude pequeno, bem como o poder observado.

Perante a análise da tabela 4, relativamente ao inventário EASE-PI, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na variável comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe, [$F_{(1,725)} = 6.339; p = .012; \eta_p^2 = .009$], sendo que os adolescentes que têm irmãos ($M = 25.40; DP = 7.796$), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que não têm irmãos ($M = 23.50; DP = 5.478$); na variável comportamento abusivo físico, exercido pela mãe, [$F_{(1,725)} = 5.430; p = .020; \eta_p^2 = .007$], sendo que os adolescentes que têm irmãos ($M = 16.49; DP = 4.480$), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que não têm irmãos ($M = 15.56; DP = 3.441$); na variável amor/suporte, exercido pela mãe e pelo pai, [$F_{(1,725)} = 7.984; p = .005; \eta_p^2 = .011$, na mãe; $F_{(1,725)} = 9.621; p = .002; \eta_p^2 = .013$ no pai] sendo que os adolescentes que têm irmãos ($M = 71.30; DP = 9.720$ na mãe; $M = 67.69; DP = 12.544$ no pai) apresentam uma média inferior, comparativamente com os adolescentes que não têm irmãos ($M = 73.89; DP = 7.627$ na mãe; $M = 71.48; DP = 10.105$ no pai); e por último, relativamente ao inventário YPI-RE, destacaram-se assim diferenças significativas na variável grandiosidade [$F_{(1,725)} = 4.334; p = .038; \eta_p^2 = .006$], sendo que os adolescentes que têm irmãos ($M = 7.94; DP = 3.715$), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que não têm irmãos ($M = 7.33; DP = 3.156$).

Tabela 4

Análise diferencial dos inventários EASE-PI e YPI-RE em função de ter ou não irmãos

		Irmãos		<i>p</i>	<i>Sentido da significância</i>	η_p^2
		Sim (1) M±DP	Não (2) M±DP			
CAE (EASE-PI)	Mãe	25.40±7.796	23.50±5.478	.012	1>2	.009
	Pai	24.99±6.919	23.90±5.694	.094	n.s.	.004
CAF (EASE-PI)	Mãe	16.49±4.480	15.56±3.441	.020	1>2	.007
	Pai	15.57±3.709	15.20±3.308	.177	n.s.	.003
A/S (EASE-PI)	Mãe	71.30±9.720	73.89±7.627	.005	1<2	.011
	Pai	67.69±12.544	71.48±10.105	.002	1<2	.013

GRD (YPI-RE)	7.94±3.715	7.33±3.156	.038	1>2	.006
-----------------	------------	------------	-------------	-----	------

Nota: Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

Análise diferencial da exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função de com quem vive

Com o intuito de serem analisadas as diferenças da exposição a ambientes abusivos e de suporte, e traços psicopáticos em função de com quem vive, foi efetuada a análise de variância multivariada (MANOVA) e uma análise *post-hoc*, para determinar quais variáveis dependentes (i.e., pais, pais e irmãos ou outros) contribuem para esse efeito, e verificou-se o seguinte resultado, $F_{(40,1410)} = 3.091$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .081$, Wilks - $\lambda = .845$, $PO = 1.000$. Deste modo, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os jovens que vivem apenas com os pais, dos que vivem com os pais e os irmãos, e dos que vivem com outras pessoas que não o casal de pais (só com a mãe/pai; avós; tios; padrinhos, ou em instituições), constatando-se que o efeito de magnitude é moderado e o poder observado é elevado.

Conforme é possível verificar na tabela 5, relativamente ao inventário EASE-PI, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, na variável comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe, [$F_{(1,725)} = 4.748$; $p = .009$], sendo que os adolescentes que vivem com outros ($M = 26.72$; $DP = 9.943$) apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que vivem com os pais ou com os pais e irmãos ($M = 24.87$; $DP = 6.218$ pais; $M = 24.56$; $DP = 6.873$ pais e irmãos); na variável comportamento abusivo físico, exercido pela mãe, [$F_{(1,725)} = 4.735$; $p = .009$], sendo que os adolescentes que vivem com outros ($M = 17.29$; $DP = 5.179$) apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que vivem com os pais ou com os pais e irmãos ($M = 16.32$; $DP = 4.025$ pais; $M = 15.97$; $DP = 4.407$ pais e irmãos); na variável amor/suporte, exercido pela mãe, [$F_{(1,725)} = 3.573$; $p = .029$], sendo que os adolescentes que vivem com os pais e irmãos ($M = 72.30$; $DP = 8.873$) apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que vivem com os pais ou com outros ($M = 72.01$; $DP = 8.732$ pais; $M = 69.89$; $DP = 11.416$ outros); na variável amor/suporte, exercido pelo pai, [$F_{(1,725)} = 12.559$; $p = .000$], sendo que os adolescentes que vivem com os pais ($M = 69.83$; $DP = 10.083$) apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que vivem com os pais e irmãos ou com outros ($M = 69.27$; $DP = 11.337$ pais e irmãos; $M = 63.94$; $DP = 15.670$ outros); na variável modelagem positiva, tanto no pai como na mãe, $F_{(1,725)} = 7.622$; $p = .001$ na mãe; $F_{(1,725)} = 21.797$; $p = .000$ no pai], sendo que os adolescentes que vivem com os pais e irmãos ($M = 26.65$; $DP = 3.138$, na mãe; $M = 26.04$; $DP =$

3.678 no pai), apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes com os pais ou com outros ($M= 72.01$; $DP= 8.732$, na mãe que vivem com os pais ; $M= 69.83$; $DP= 10.083$ no pai que vivem com os pais; $M= 69.89$; $DP= 11.416$, na mãe que vivem com outros ; $M= 63.94$; $DP= 15.670$ no pai que vivem com outros).

Relativamente ao inventário YPI-RE, destacaram-se assim diferenças significativas na variável encanto desonesto [$F_{(1,725)} = 5.874$; $p= .003$], sendo que os adolescentes que vivem com os pais ($M= 11.22$; $DP= 3.833$) apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que vivem com os pais e irmãos ou com outros ($M= 10.95$; $DP= 3.792$ pais e irmãos; $M= 9.89$; $DP= 3.757$ outros); e por último na variável falta de sentido de responsabilidade [$F_{(1,725)} = 5.023$; $p= .007$], sendo que os adolescentes que vivem com outros ($M= 10.08$; $DP= 3.868$) apresentam uma média superior, comparativamente com os adolescentes que vivem com os pais ou com os pais e irmãos ($M= 9.41$; $DP= 3.399$ pais; $M= 8.98$; $DP= 3.289$ pais e irmãos).

Tabela 5

Análise diferencial dos inventários EASE-PI e YPI-RE em função de com quem vive

		Com quem vive			<i>p</i>	<i>Sentido da significância</i>	η_p^2
		Pais (1) M±DP	Pais e irmãos (2) M±DP	Outros (3) M±DP			
CAE (EASE-PI)	Mãe	24.87±6.218	24.56±6.873	26.72±9.943	.009	3>1;3>2	.013
	Pai	24.86±6.344	24.52±6.641	25.51±7.433	.324	n.s.	.003
CAF (EASE-PI)	Mãe	16.32±4.025	15.97±4.407	17.29±5.179	.009	3>1;3>2	.013
	Pai	15.61±3.612	15.40±3.678	15.64±3.616	.891	n.s.	.000
A/S (EASE-PI)	Mãe	72.01±8.732	72.30±8.873	69.89±11.416	.029	2>1; 1>3	.010
	Pai	69.83±10.083	69.27±11.337	63.94±15.670	.000	1>2; 1>3	.034
MP (EASE-PI)	Mãe	26.14±3.340	26.65±3.138	25.36±4.251	.001	2>1; 1>3	.021
	Pai	25.78±3.504	26.04±3.678	23.51±5.413	.000	2>1;2>3	.057
EDS (YPI-RE)		11.22±3.833	10.95±3.792	9.89±3.757	.003	1>2; 2>3	.016
FRP (YPI-RE)		9.41±3.399	8.98±3.289	10.08±3.868	.007	3>1; 3>2	.014

Nota: Os negritos representam valores estatisticamente significativos.

Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos

Para responder ao último objetivo do estudo, ou seja, para perceber se a exposição a ambientes abusivos e de suporte, predizem a emergência de traços psicopáticos, realizaram-se

análises de regressão múltipla hierárquica, nas quais se utilizaram como variáveis dependentes as diferentes dimensões do inventário YPI-RE (Encanto Desonesto, Grandiosidade, Mentira, Manipulação, Ausência de Remorsos, Ausência de Emoções, Frieza Emocional, Impulsividade, Falta de Responsabilidade e Busca de Emoções).

As análises de regressão múltipla hierárquica, permitem avaliar o relacionamento de uma variável dependente com diversas variáveis independentes (Tabachnick & Fidell, 2019). O bloco 1 correspondeu à variável *dummy*, sexo (sendo 0 o sexo feminino e 1 o sexo masculino) e o bloco 2 correspondeu às variáveis da EASE-PI.

No que diz respeito à dimensão **Encanto Desonesto**, o bloco 1 explica .7% da variância total ($R^2 = .007$), contribuindo individualmente com .5% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .005$), apresentando um contributo significativo [$F(1,726) = 4.884; p = .027$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [$F(11,716) = 4.117; p = .000$], e explica 5.9% do total da variância ($R^2 = .059$), contribuindo individualmente com 4.5% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .045$). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que uma das variáveis independentes apresenta uma contribuição significativa ($p \leq .05$), predizendo a presença de encanto desonesto: o amor/suporte, exercido pela mãe, prediz positivamente a presença de encanto desonesto ($\beta = .188; p = .025$) (Tabela 6).

Tabela 6

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Encanto Desonesto)

		R^2	R^2 Change	B	SE	β	t	p
Encanto Desonesto (YPI-RE)								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.007	.005					
Bloco 2	EASE-PI	.059	.045					
	CAE (EASE-PI)							
	Mãe			.014	.041	.028	.351	.726
	Pai			.040	.043	.070	.934	.351
	CAF (EASE-PI)							
	Mãe			.076	.056	.087	1.362	.174
	Pai			.080	.062	.076	1.285	.199
	A/S (EASE-PI)							
	Mãe			.076	.034	.188	2.244	.025
	Pai			-.044	.027	-.142	-1.626	.104
	PI (EASE-PI)							
	Mãe			.032	.073	.036	.445	.656
	Pai			-.077	.068	-.090	-1.136	.256
	MP (EASE-PI)							
	Mãe			-.090	.084	-.082	-1.069	.285
	Pai			.092	.077	.101	1.195	.232

Nota. EASE-PI= *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*; B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

Relativamente à dimensão **Grandiosidade**, o bloco 1 explica 5.2% da variância total ($R^2 = .052$), contribuindo individualmente com 5.1% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .051$), apresentando um contributo significativo [$F(1,726) = 40.048; p = .000$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [$F(11,716) = 8.019; p = .000$], e explica 1.10% do total da variância ($R^2 = .110$), contribuindo individualmente com 9.6% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .096$). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que uma das variáveis independentes apresenta uma contribuição significativa ($p \leq .05$), predizendo a presença de Grandiosidade: a promoção de independência, exercido pelo pai, prediz negativamente a presença de grandiosidade ($\beta = -.174; p = .024$) (Tabela 7).

Tabela 7

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Grandiosidade)

		R^2	$R^2 \text{ change}$	B	SE	β	t	p
Grandiosidade (YPI-RE)								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.052	.051					
Bloco 2	EASE-PI	.110	.096					
	CAE (EASE-PI)							
	Mãe			.072	.038	.149	1.924	.055
	Pai			.009	.040	.017	.238	.812
	CAF (EASE-PI)							
	Mãe			-.002	.052	-.002	-.037	.970
	Pai			.052	.058	.052	.903	.367
	A/S (EASE-PI)							
	Mãe			.047	.031	.122	1.504	.133
	Pai			.007	.025	.022	.263	.793
	PI (EASE-PI)							
	Mãe			.062	.067	.073	.924	.356
	Pai			-.141	.063	-.174	-2.254	.024
	MP (EASE-PI)							
	Mãe			-.104	.078	-.100	-1.332	.183
	Pai			-.019	.072	-.021	-.262	.793

Nota. EASE-PI= *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*; B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

Na variável **Mentira**, o bloco 1 explica 6.2% da variância total ($R^2 = .062$), contribuindo individualmente com 6.1% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .061$), apresentando um contributo significativo [$F(1,726) = 48.153; p = .000$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [$F(11,716) = 12.894; p = .000$], e explica 16.5% do total da variância ($R^2 = .165$), contribuindo individualmente com 15.3% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .153$). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se

que duas das variáveis independentes apresentam contribuições significativas ($p \leq .05$), predizendo a presença de Mentira: o comportamento abusivo físico, exercido pela mãe, prediz positivamente a presença de mentira ($\beta = .196$; $p = .001$); e a modelagem positiva, exercida pela mãe, prediz negativamente a presença de mentira ($\beta = -.176$; $p = .015$) (Tabela 8).

Tabela 8

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Mentira)

		R^2	R^2 <i>change</i>	B	SE	β	T	p
Mentira (YPI-RE)								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.062	.061					
Bloco 2	EASE-PI	.165	.153					
	CAE			.008	.028	.020	.268	.789
	(EASE-PI)							
	Pai			.055	.030	.131	1.847	.065
	CAF			.128	.039	.196	3.260	.001
	(EASE-PI)							
	Pai			-.010	.044	-.013	-.227	.821
	A/S			.033	.024	.110	1.399	.162
	(EASE-PI)							
	Pai			-.013	.019	-.057	-.692	.489
	PI			.030	.051	.044	.578	.564
	(EASE-PI)							
	Pai			-.066	.047	-.104	-1.396	.163
	MP			.143	.059	-.176	-2.429	.015
	(EASE-PI)							
	Pai			.073	.054	.107	1.353	.177

Nota. EASE-PI= *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*; B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

No que diz respeito à dimensão **Manipulação**, o bloco 1 explica 2.1% da variância total ($R^2 = .021$), contribuindo individualmente com 2 % da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .020$), apresentando um contributo significativo [$F(1,726) = 15.779$; $p = .000$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [$F(11,716) = 10.140$; $p = .000$], e explica 13.5% do total da variância ($R^2 = .135$), contribuindo individualmente com 12.1% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .121$). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que duas das variáveis independentes apresentam contribuições significativas ($p \leq .05$), predizendo a presença de manipulação: o comportamento abusivo emocional, exercido pela mãe, prediz positivamente a presença de manipulação ($\beta = .150$; $p = .049$); e a modelagem positiva, exercida pela mãe, prediz negativamente a presença de manipulação ($\beta = -.178$; $p = .016$) (Tabela 9).

Tabela 9

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Manipulação)

		R^2	R^2 change	B	SE	β	T	p
Manipulação (YPI-RE)								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.021	.020					
Bloco 2	EASE-PI	.135	.121					
	CAE			.059	.030	.150	1.972	.049
	(EASE-PI)			.013	.031	.030	.417	.677
	CAF			.030	.041	.045	.734	.463
	(EASE-PI)			.067	.046	.084	1.466	.143
	A/S			.035	.025	.115	1.428	.154
	(EASE-PI)			-.027	.020	-.112	-1.340	.181
	PI			.009	.054	.012	.168	.867
	(EASE-PI)			.014	.050	.021	.275	.783
	MP			-.149	.062	-.178	-2.414	.016
	(EASE-PI)			.017	.057	.024	.303	.762

Nota. EASE-PI= *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*; B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

Relativamente à dimensão **Ausência de remorsos**, o bloco 1 explica .3% da variância total ($R^2 = .003$), contribuindo individualmente com .1% da variância para o modelo (R^2 change = .001), não apresentando um contributo significativo [$F(1,726) = 2.010$; $p = .157$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [$F(11,716) = 5.299$; $p = .000$], e explica 7.5% do total da variância ($R^2 = .075$), contribuindo individualmente com 6.1% da variância para o modelo (R^2 change = .061). Analisando de forma individual, o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que nenhuma apresenta uma contribuição significativa ($p \leq .05$).

No que diz respeito à variável **Ausência de Emoções**, o bloco 1 explica 2.3% da variância total ($R^2 = .023$), contribuindo individualmente com 2.2% da variância para o modelo (R^2 change = .022), apresentando um contributo significativo [$F(1,726) = 17.145$; $p = .000$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [$F(11,716) = 3.987$; $p = .000$], e explica 5.8% do total da variância ($R^2 = .058$), contribuindo individualmente com 4.3% da variância para o modelo (R^2 change = .043). Analisando de forma individual, o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que nenhuma apresenta uma contribuição significativa ($p \leq .05$).

Em função da variável **Frieza Emocional**, o bloco 1 explica 13.9% da variância total ($R^2 = .139$), contribuindo individualmente com 13.7% da variância para o modelo (R^2 change =

.137), apresentando um contributo significativo [F(1,726)= 116.779; $p=.000$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [F(11,716)= 16.350; $p=.000$], e explica 20.1% do total da variância ($R^2 = .201$), contribuindo individualmente com 18.8% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .188$). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que duas das variáveis independentes apresentam contribuições significativas ($p \leq .05$), predizendo a presença de frieza emocional: a promoção de independência, exercida pelo pai, prediz negativamente a presença de frieza emocional ($\beta = -.149$; $p = .041$); e a modelagem positiva, exercida pela mãe, prediz negativamente a presença de frieza emocional ($\beta = -.250$; $p = .000$) (Tabela 10).

Tabela 10

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Frieza Emocional)

		R^2	$R^2 \text{ change}$	B	SE	β	T	p
Frieza Emocional (YPI-RE)								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.139	.137					
Bloco 2	EASE-PI	.201	.188					
	CAE (EASE-PI)							
	Mãe			-.042	.045	-.068	-.931	.352
	Pai			.027	.048	.039	.563	.573
	CAF (EASE-PI)							
	Mãe			-.051	.063	-.048	-.817	.414
	Pai			-.034	.070	-.026	-.482	.630
	A/S (EASE-PI)							
	Mãe			-.021	.038	-.043	-.559	.576
	Pai			.003	.030	.008	.096	.923
	PI (EASE-PI)							
	Mãe			.087	.082	.080	1.071	.284
	Pai			-.155	.076	-.149	-2.043	.041
	MP (EASE-PI)							
	Mãe			-.331	.094	-.250	-3.513	.000
	Pai			.064	.086	.058	.746	.456

Nota. EASE-PI= *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*; B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

Relativamente à dimensão **Impulsividade**, o bloco 1 explica .1% da variância total ($R^2 = .001$), contribuindo individualmente com .0% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .000$), não apresentando um contributo significativo [F(1,726)= .980; $p = .322$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [F(11,716)= 6.586; $p = .000$], e explica 9.2% do total da variância ($R^2 = .092$), contribuindo individualmente com 7.8% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .078$). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que quatro das variáveis independentes apresentam contribuições significativas ($p \leq .05$), predizendo a presença de Impulsividade: o comportamento abusivo físico,

exercido pela mãe, prediz positivamente a presença de impulsividade ($\beta=.134$; $p=.033$); o amor/suporte, exercido pela mãe, prediz positivamente a presença de impulsividade ($\beta=.171$; $p=.038$); o amor/suporte, exercido pelo pai, prediz negativamente a presença de impulsividade ($\beta=-.310$; $p=.000$); e a promoção de independência, exercida pelo pai, prediz positivamente a presença de impulsividade ($\beta=.200$; $p=.010$) (Tabela 11).

Tabela 11

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Impulsividade)

		R^2	R^2 change	B	SE	β	T	p
Impulsividade (YPI-RE)								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.001	.000					
Bloco 2	EASE-PI	.092	.078					
	CAE (EASE-PI)			.014 .057	.040 .043	.028 .100	.357 1.347	.721 .178
	CAF (EASE-PI)			.119 -.003	.056 .062	.134 -.003	2.137 -.047	.033 .962
	A/S (EASE-PI)			.070 -.098	.034 .027	.171 -.310	2.083 -3.630	.038 .000
	PI (EASE-PI)			-.111 .173	.073 .067	-.122 .200	-1.531 2.574	.126 .010
	MP (EASE-PI)			-.149 .133	.084 .077	-.134 .143	-1.773 1.725	.077 .085

Nota. EASE-PI= *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*; B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

Na dimensão **Falta de Sentido de Responsabilidade**, o bloco 1 explica 4% da variância total ($R^2 = .040$), contribuindo individualmente com 3.9% da variância para o modelo (R^2 change = .039), apresentando um contributo significativo [$F(1,726) = 30.182$; $p = .000$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [$F(11,716) = 11.586$; $p = .000$], e explica 15.1% do total da variância ($R^2 = .151$), contribuindo individualmente com 13.8% da variância para o modelo (R^2 change = .138). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que uma das variáveis independentes apresenta uma contribuição significativa ($p \leq .05$), predizendo a falta de sentido de responsabilidade: a modelagem positiva, exercida pela mãe, prediz negativamente a falta de sentido de responsabilidade ($\beta = -.160$; $p = .030$) (Tabela 12).

Tabela 12

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Falta de Sentido de Responsabilidade)

		R^2	R^2 <i>change</i>	B	SE	β	t	p
Falta de Sentido de Responsabilidade (YPI-RE)								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.040	.039					
Bloco 2	EASE-PI	.151	.138					
	CAE			.009	.035	.019	.252	.801
	(EASE-PI)							
	Pai			.024	.037	.047	.650	.516
	CAF			.078	.048	.097	1.609	.108
	(EASE-PI)							
	Pai			.090	.054	.095	1.674	.094
	A/S			.009	.029	.024	.299	.765
	(EASE-PI)							
	Pai			-.041	.023	-.144	-1.736	.083
	PI			.012	.063	.015	.196	.845
	(EASE-PI)							
	Pai			.071	.058	.092	1.216	.224
	MP			-.158	.073	-.160	-2.179	.030
	(EASE-PI)							
	Pai			.029	.067	.035	.435	.664

Nota. EASE-PI= *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*; B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

Por último, na variável **Busca de emoções**, o bloco 1 explica 5.9% da variância total ($R^2 = .059$), contribuindo individualmente com 5.8% da variância para o modelo (R^2 *change* = .058), apresentando um contributo significativo [$F(1,726) = 45.706$; $p = .000$]. O bloco 2 tem um contributo significativo [$F(11,716) = 7.786$; $p = .000$], e explica 10.7% do total da variância ($R^2 = .107$), contribuindo individualmente com 9.3% da variância para o modelo (R^2 *change* = .093). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que duas das variáveis independentes apresentam contribuições significativas ($p \leq .05$), predizendo a presença de busca de emoções: o amor/suporte, exercido pela mãe, prediz positivamente a presença de busca de emoções ($\beta = .179$; $p = .029$); e o amor/suporte, exercido pelo pai, prediz negativamente a presença de busca de emoções ($\beta = -.225$; $p = .008$) (Tabela 13).

Tabela 13

Análise Preditiva: Papel preditor do sexo e da exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos (Busca de Emoções)

		R^2	R^2 change	B	SE	β	t	p
Busca de Emoções (YPI-RE)								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.059	.058					
Bloco 2	EASE-PI	.107	.093					
	CAE (EASE-PI)							
	Mãe			.042	.048	.068	.875	.382
	Pai			.030	.051	.043	.580	.562
	CAF (EASE-PI)							
	Mãe			.110	.067	.102	1.644	.101
	Pai			.015	.074	.011	.198	.843
	A/S (EASE-PI)							
	Mãe			.088	.040	.179	2.191	.029
	Pai			-.086	.032	-.225	-2.647	.008
	PI (EASE-PI)							
	Mãe			.017	.087	.015	.193	.847
	Pai			.094	.081	.090	1.164	.245
	MP (EASE-PI)							
	Mãe			-.086	.101	-.064	-.855	.393
	Pai			.081	.092	.072	.878	.380

Nota. EASE-PI= *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory*; B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

Discussão

A presente investigação teve como objetivos, analisar a associação entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e os traços psicopáticos, explorar as diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função de variáveis sociodemográficas (i.e., sexo, idade dos adolescentes, ter ou não irmãos e com quem vive), e por último, perceber se a exposição a ambientes abusivos e de suporte prediz a emergência de traços psicopáticos. Mesmo existindo na literatura estudos sobre a temática, poucos avaliam a coocorrência com, pelo menos, mais de uma experiência adversa. Assim sendo, o presente estudo, para além de avaliar a coocorrência de uma ampla gama de experiências adversas, utiliza, também, uma amostra de adolescentes portugueses com idades entre os 12 e os 20 anos.

De acordo com os resultados obtidos referentes ao primeiro objetivo, foi possível verificar que os fatores abusivos (comportamento abusivo emocional e comportamento abusivo físico), exercidos pelos pais ou cuidadores, encontram-se positivamente relacionados com todas as características proto-psicopáticas, com a exceção da característica frieza emocional. Isto significa que, na presença de comportamentos abusivos, as características psicopáticas parecem ser evidenciadas. Por outro lado, os fatores de suporte (amor/suporte, promoção de independência e modelagem positiva), também eles exercidos pelos pais ou cuidadores, relacionam-se negativamente com os traços psicopáticos, ou seja, quando estamos perante fatores de suporte,

a emergência dos traços psicopáticos parece diminuir. Estes resultados mostram que as experiências adversas específicas, estão associadas a diferentes dimensões de traços psicopáticos, sugerindo que diversas formas de abuso e negligência têm um impacto no desenvolvimento saudável da criança/adolescente, de várias maneiras específicas. Enquanto que o abuso físico se relaciona positivamente com as dimensões comportamentais das características psicopáticas, o abuso emocional estabelece ligação com as características insensíveis/não emocionais, ou seja, o domínio afetivo da psicopatia (Carvalho, Maciel, & Pereira, 2019). O temperamento e as características do ambiente entram em constante interação ao longo do desenvolvimento da criança/jovem, podendo contribuir para a emergência de traços psicopáticos e na manutenção dos mesmos. O ambiente age como reforçador ou não de tais comportamentos (Miller, Cater, Howell, & Graham-Bermann, 2014). Os resultados obtidos, são congruentes com o estudo de Miller e Knutson (1997), que afirmam existir uma associação positiva entre a história infantil punitiva e o comportamento antissocial. Este facto também se verifica na investigação de Barbieri e Pavelqueires (2012), onde se comprova que o meio familiar e social negligente, contribui para o surgimento de psicopatia. A família tem um papel essencial no desenvolvimento e formação da criança/jovem. Se os pais ou cuidadores, apresentarem padrões de comportamentos agressivos, haverá uma probabilidade significativa para que esta criança/jovem apresente um comportamento hostil e agressivo, podendo também vir a desenvolver uma perturbação do comportamento desafiador/opositor ou acarretar futuros problemas (Bernado, da Silva, & dos Santos, 2017). Em sentido contrário, a exposição a ambientes de suporte, funciona como fator protetor, para a emergência de traços psicopáticos. Num estudo de Marin et al. (2013), defende-se que uma criança/jovem, envolvida num ambiente familiar e social saudável, com desejos de autonomia e comportamentos exploratórios, contribui para uma personalidade mais extrovertida e amigável. No entanto, é importante sublinhar que existem evidências de que nem todas as crianças que sofreram algum abuso, irão manifestar traços de comportamento psicopáticos, ou comportamentos delinquentes, como demonstra o estudo de Smith e Thornberry (1995), em que 55% das crianças que sofreram algum tipo de abuso, não manifestaram comportamentos antissociais, mais tardiamente.

Relativamente à diferença entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função do sexo dos sujeitos, os resultados sugerem que é maior no sexo masculino comparado com o sexo feminino, salientando as diferenças estatisticamente significativas encontradas no comportamento abusivo físico, exercido pelos progenitores, indo ao encontro de outros estudos (e.g., Durand & Plata, 2017; Durand, 2018; Hicks et al., 2012; Lee &

Salekin, 2010; Krischer & Sevecke, 2008; Machado, Matos, & Moreira, 2003). Também Figueiredo (1998), alerta-nos para a importância de não generalizarmos resultados, pois existem evidências em que não se pode afirmar que os abusos são maiores nos rapazes do que nas raparigas, têm apenas uma expressão diferente. Em função das características psicopáticas, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, no encanto desonesto, grandiosidade, mentira e manipulação, correspondendo à grande-dimensão interpessoal, verificando-se valores mais elevados também no sexo masculino. Por outro lado, Del Ben (2005) ressalta os fatores patológicos que desenvolvem a psicopatia, referindo que a genética e alguns fatores cerebrais são também responsáveis pelo comportamento antissocial, que nascem com o indivíduo e se desenvolvem até a fase adulta. A literatura geral acerca da estrutura de personalidade psicopática é bastante consistente, encontrando-se associada, na sua maioria, aos comportamentos antissociais, delinquentes ou agressivos como correlatam (e.g., Edens, Guy, & Fernandez, 2003; Farrington, 2005; Loney, Frick, Clements, Ellis, & Kerlin, 2003; Nicholls & Petrila, 2005; Robinson, 2005; Seagrave & Grisso, 2002), mas a literatura sobre as diferenças entre sexos na delinquência e nos traços psicopáticos com que se possam corroborar estes resultados, é ainda escassa. Ainda assim, a investigação existente é sugestiva de uma estrutura de personalidade com traços mais marcados de psicopatia no sexo masculino (e.g., Campbell, Porter, & Santor, 2004; Marsee, Silverthorn, & Frick, 2005; Penney & Moretti, 2007; Strand & Belfrage, 2005; Ugueto, 2005), embora noutros estudos (e.g., Verona, Sadeh, & Javdani, 2010) também não se tenham encontrado diferenças entre sexos. Uma explicação possível reside na existência de pressões sociais para que rapazes e raparigas se comportem de forma diferente, em função de estereótipos de género, o que significa que nos primeiros é mais encorajado o tipo de comportamentos que podem configurar a base para uma conduta delinvente e antissocial, ocorrendo o contrário no caso das raparigas (Bottcher, 2001).

Perante a análise das diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e os traços psicopáticos em função da idade, verificou-se que a existência de comportamentos abusivos emocionais e físicos, exercidos por ambos os pais, é menor no grupo da faixa etária entre os 12 e os 15 anos, comparativamente com os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos. No sentido oposto, constatou-se ainda que os fatores de suporte, como por exemplo, o amor/suporte, a promoção de independência e a modelagem positiva, são maiores nos jovens dos 12 e os 15 anos, em comparação com a outra faixa etária, o que seria de esperar, já que os comportamentos abusivos são menores nesta faixa etária. Num estudo de Weber e Ton (2011), verificou-se que no início da adolescência, existe uma relação de maior dependência em relação aos pais, sendo que esta relação sofre modificações posteriormente, quando se

inicia o processo de crescente autonomia dos filhos, e a independência passa a ser a regra para um maior afastamento entre pais e filhos. Os jovens mais velhos manifestam maior grau de liberdade, não só na exploração do *self*, mas também no estabelecimento de novas relações de vinculação, nomeadamente a importância da relação com os pares (Jongenelen et al., 2007). Por outro lado, relativamente às características psicopáticas, na presente investigação, os valores são mais elevados nos jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos. Estes resultados podem ser explicados por investigações realizadas acerca da personalidade, como é descrito pelos autores Caspi, Roberts e Shiner (2005), onde nos afirmam que apesar de já existirem traços semelhantes na infância relacionados com os traços de psicopatia, estes podem ser menos coerentes, tornando-se mais evidentes numa fase posterior da adolescência.

No que diz respeito às diferenças entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função de ter ou não irmãos, verificaram-se diferenças significativas nos fatores de abuso, referentes à mãe (comportamento abusivo físico e comportamento abusivo emocional), fornecendo informação de que este tipo de comportamentos abusivos é maior quando os indivíduos têm irmãos. Este facto vai em sentido contrário com o papel socialmente estabelecido em relação à mulher/mãe, a quem é conferido o dever de cuidar e educar. Isto pode ser parcialmente explicado, pelo stresse e sobrecarga diária decorrente do acumular de funções assumidas pela mulher na sociedade contemporânea, somando-se à responsabilidade pela educação dos filhos, e às exigências de fornecer as necessidades materiais do lar muitas vezes sozinha (Ferreira, Côrtes, & Gontijo, 2019). Por outro lado, manifesta também diferenças significativas nos fatores de suporte (amor/suporte), exercido tanto pelo pai como pela mãe, evidenciando que este é menor quando os jovens têm irmãos. Segundo Ng, Mofrad e Uba (2014), uma possível explicação, para estes resultados, tem a ver com o nível de maturidade das crianças, pois, algumas vezes, as crianças mais velhas tendem a ser “substitutas” dos pais. Este facto vai ao encontro de investigações (e.g., Carvalho, Relva, & Fernandes, 2018; Pinheiro, Fernandes, & Relva, 2017) realizadas no âmbito das relações fraternas e tratamento parental diferenciado, em que nos fornecem informação sobre a família, como sendo um lugar de aprendizagem, interação e um espaço para a vivência de relações afetivas profundas. Como em todas as relações familiares, o laço fraterno passará por diversas mudanças ao longo dos ciclos da vida, e na adolescência, os irmãos procuram-se, em especial, para conversar a respeito de questões sobre as quais têm dificuldade em falar com os progenitores, contribuindo para o aumento da cumplicidade entre os irmãos e reduz o amor/suporte dos pais (Alarcão 2000; Pereira & Arpini, 2017). Numa investigação de Poonam e Punia (2012), onde avaliaram o impacto dos fatores parentais e contextuais no tratamento diferenciado dos filhos ao nível do afeto,

privilégios e disciplina, concluíram que os pais e as mães eram mais carinhosos com os irmãos mais novos, corroborando os resultados obtidos na presente investigação. Analisando de forma detalhada as características psicopáticas, apenas foram encontradas diferenças significativas, na dimensão de grandiosidade, indicando que esta característica é maior quando os jovens têm irmãos. Apesar da escassa literatura acerca da temática que relacionem os traços de psicopatia com a fratria, sabemos que as relações fraternas são muito complexas e são caracterizadas por um misto de sentimentos: se por um lado temos o companheirismo, a solidariedade e a enteadajuda (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011), por outro, temos o ciúme, a rivalidade e a violência (Relva, Fernandes, & Alarcão, 2012). Encontra-se documentado, que os irmãos mais velhos com as suas ações aumentam os riscos de ocorrência de comportamentos antissociais nos irmãos mais novos, em primeiro lugar pela coerção, seguido de imitação de outras interações coercivas com os pais e com ação direta nos irmãos, e em segundo lugar, pelo aliciamento e incitamento, junto dos irmãos mais novos, para a realização, por parte destes, de ações e atividades delinquentes ou antissociais (Simões & Gonçalves, 2017; Simões & Martins, 2019). Como é mencionado por Kowal, Krull e Kramer (2004), é inevitável que o tratamento dos pais seja diferente para cada um dos filhos, uma vez que cada um tem as suas próprias especificidades e necessidades; todavia salienta-se que embora este fenómeno seja ineludível, o modo como os filhos percebem a forma como são tratados define até que ponto esta diferenciação poderá ser favorável ou desfavorável para o seu desenvolvimento biopsicossocial, pois desde que os filhos vejam as suas necessidades satisfeitas, poderão avaliar positivamente as suas relações com os pais e com os irmãos. Este resultado, contribui para a importância da realização de investigações acerca da temática, no contexto português.

Relativamente à diferença entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos em função de com quem vive, verificou-se que os fatores abusivos (comportamento abusivo emocional e comportamento abusivo físico) exercidos pela mãe, são maiores quando os jovens vivem com outros (e.g., só com a mãe/pai; avós; tios; padrinhos, ou em instituições). Este facto pode ser explicado pela ausência de interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades. As práticas parentais dos pais em relação aos seus filhos são cruciais à promoção de comportamentos socialmente adequados, como comprovado num estudo de Szelbracikowski e Dessen (2007). Porém cada caso deve ser analisado individualmente, para evitar generalizações. Outro resultado obtido, debruça-se sobre os fatores de suporte, onde se verificaram diferenças entre o pai e a mãe, relativamente ao amor/suporte praticado por cada um deles (i.e., na mãe, o amor/suporte realizado, é maior quando os jovens vivem com os pais e irmãos; no pai, o amor/suporte exercido, é maior quando os jovens

vivem apenas com os pais). Estes resultados podem ser suportados pela investigação de Kowal et al. (2004), onde estudaram a percepção de justiça, ao nível do tratamento parental diferenciado. Os resultados encontrados indicam que existem duas formas de tratamento em que os filhos podem percecionam índices de maior diferenciação parental: o facto de sentirem que são desfavorecidos injustamente, ou então, que são favorecidos injustamente. E aquilo que influencia o bem-estar emocional dos filhos não é o facto de serem favorecidos ou não, mas sim a forma como percecionam a justiça do tratamento parental, ou seja, torna-se fundamental que os filhos sintam que recebem o que realmente merecem e necessitam (Kowal et al., 2004). Ainda nos fatores de suporte, salientam-se os resultados obtidos na modelagem positiva exercida por ambos os progenitores/cuidadores, onde se comprovou ser maior quando os jovens vivem com os pais e irmãos, corroborando investigações acima citadas (Alarcão 2000; Pereira & Arpini, 2017; Poonam & Punia 2012). Relativamente às características psicopáticas, na presente investigação, verificou-se que a característica de encanto desonesto, é maior quando os jovens vivem apenas com os pais. Este facto pode ser explicado pela existência de outros estudos que reforçam o estereótipo de filhos únicos como crianças com habilidades sociais, muitas vezes, aquém do esperado, como baixa autoestima e poucos amigos, solitários, egoístas e dependentes (Mancillas, 2006). No mesmo sentido, verificou-se que a falta de sentido de responsabilidade é maior quando os jovens vivem com outros. Conforme mencionado anteriormente, a pouca supervisão e ausência de interação positiva, pode contribuir para que estes jovens se sintam desenraizados do seio familiar, culminando num conjunto de comportamentos desajustados (Szelbracikowski & Dessen, 2007; Whittle, Hamilton-Giachritsis, Beech, & Collings, 2013).

Em resposta ao último objetivo e principal questão abordada nesta investigação, (i.e., perceber se a exposição a ambientes abusivos e de suporte prediz a emergência de traços psicopáticos), na presente amostra, foi possível verificar que a exposição a ambientes abusivos e de suporte predizem (positiva/negativamente) a presença de todos os traços psicopáticos, à exceção das características de ausência de remorsos e ausência de emoções. No estudo de Barbieri e Godoy Pavelqueires (2012), explicam que a falta de afetividade e a exposição a ambientes abusivos na infância e adolescência, podem influenciar o surgimento de traços psicopáticos na vida adulta, ou seja, a psicopatia desenvolve-se através do meio social negligenciado, indo ao encontro dos resultados obtidos. Assim sendo, na presente amostra, a exposição a ambientes abusivos, é um fator de risco saliente na predição de coocorrência de traços psicopáticos nos jovens adolescentes. Minuciosamente, analisando cada traço de psicopatia, comprovou-se que

o amor/suporte prediz positivamente o encanto desonesto, ou seja, isto significa que na presença de amor/suporte, o encanto desonesto aumenta, corroborando os resultados de pesquisas anteriores (Mancillas, 2006); verificou-se também que a promoção de independência prediz negativamente a grandiosidade, concluindo que o incentivo à independência por parte dos pais diminui a característica de grandiosidade nos indivíduos, indo ao encontro de investigações precedentes (Marin et al., 2013); constatou-se ainda que o comportamento abusivo físico prediz positivamente a mentira, isto é, a emergência de comportamentos abusivos físicos contribui para o surgimento de mentira, e no sentido oposto a modelagem positiva prediz negativamente a mentira, ou seja, na presença de comportamentos positivos por parte dos pais/cuidadores, a mentira diminui, como verificado em pesquisas anteriores, uma vez que os jovens envolvidos em ambientes familiares saudáveis, tendem a manifestar menos características psicopáticas no decorrer do seu desenvolvimento (Braga et al., 2017; McCord & McCord, 1964); verificou-se ainda que o comportamento abusivo emocional, prediz positivamente a manipulação, melhor dizendo, quando existe comportamento abusivo emocional a manipulação por parte dos sujeitos aumenta, indo ao encontro dos resultados de estudos anteriores (Barbieri & Pavelqueires, 2012; Graham, Kimonis, Wasserman, & Kline, 2012; Miller & Knutson, 1997), e por outro lado, a modelagem positiva prediz negativamente a manipulação, evidenciando que quando se está perante práticas parentais positivas, a manipulação tende a ser menor (Mondin, 2017); verificou-se que a promoção de independência e a modelagem positiva predizem negativamente a frieza emocional, ou seja, quando os pais/cuidadores promovem a independência dos jovens e manifestam estilos parentais ajustados, a frieza emocional por parte dos sujeitos é menor, indo ao encontro dos resultados evidenciados em outras pesquisas (Egeland et al., 1993); comprovou-se ainda que o comportamento abusivo físico, o amor/suporte exercido pela mãe, e a promoção de independência predizem positivamente a impulsividade, e em sentido contrário, o amor e suporte exercido pelo pai, prediz negativamente a impulsividade, ou seja, pais/cuidadores que manifestem afeto, contribuem para a diminuição de ocorrência de impulsividade dos seus filhos (Kimonis, Cross, Howard, & Donoghue, 2013; Mondin, 2017); constatou-se que a modelagem positiva prediz negativamente a falta de sentido de responsabilidade, isto é, na presença de práticas parentais positivas a falta de sentido de responsabilidade por parte dos jovens, tende a diminuir (Lidchi, 2016); e por último o amor/suporte exercido pela mãe, prediz positivamente a busca de emoções, ou seja, a afetividade manifestada pela mãe, contribui para a procura de novas emoções dos sujeitos, e em contrapartida, o amor/suporte exercido pelo pai, prediz negativamente a busca de emoções, este resultado pode ser explicado pela forma como os jovens percebem o amor/suporte, ou seja, o fundamental é que os filhos

sintam que recebem o que realmente merecem e necessitam, sendo que o afeto manifestado pela mãe, propicia a procura de novas emoções, ao contrário do que acontece com o pai (Szelbracikowski & Dessen, 2007).

Face ao exposto, parece-nos que a exposição a práticas disciplinares inadequadas, a permanência em ambientes abusivos e a ausência de ambientes de suporte, podem contribuir para o emergir/desenvolver do comportamento antissocial dos jovens. Tais comportamentos são vistos como produtores de efeitos danosos à autorregulação das emoções e, também, como reforçamento de comportamentos agressivos e disruptivos (Kim, Hetherington, & Reiss, 1999; Wu et al., 2002).

Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros

O presente estudo procurou analisar a exposição a ambientes abusivos e de suporte na emergência de traços psicopáticos numa amostra de adolescentes portugueses. Apesar da escassa literatura acerca desta temática, existem evidências empíricas que refutam que as crianças com comportamentos antissociais, nos primeiros anos escolares, incluindo a agressividade, aprenderam a emitir tais comportamentos no contexto familiar (Barbieri & Pavelqueires, 2012). Na sua maioria, estes jovens, são expostos a ambientes abusivos, ausência de afeto familiar e prática de competências parentais negativas. Primeiramente destaca-se o cariz único e inovador da presente investigação, dada a escassez de estudos sobretudo nacionais que explorem a associação entre as variáveis em estudo, especialmente no que concerne à relação dos traços psicopáticos e a fratria.

A presente investigação comporta diversas contribuições, implicações e limitações que importam ressaltar. No que respeita às implicações práticas, desejamos que este estudo possa ser um impulsionador para pesquisas mais aprofundadas sobre os efeitos da exposição a ambientes abusivos na predição de traços psicopáticos, uma vez que encontramos associações positivas e negativas entre as duas variáveis, bem como compreender realmente quais as variáveis e influências que poderão estar envolvidas na forma como os jovens percecionam o tratamento parental diferenciado.

O presente estudo possui diversas limitações que devem ser consideradas. Primeiro e, apesar da amostra compreender 728 jovens, não é representativa da população portuguesa, e a amplitude de idades é limitada (i.e., entre os 12 e os 20 anos). Se por um lado, é uma vantagem no que diz respeito às consequências na sintomatologia psicopatológica e comportamento desviante na idade adulta e, ainda, na descrição do acontecimento com maior detalhe e precisão,

por outro, seria proveitoso compreender o impacto noutras faixas etárias. Segundo, foi utilizada uma metodologia transversal, o que impossibilitou a realização de relações causais entre as variáveis. Terceiro, o estudo baseou-se em escalas de autorrelato, o que pode ter repercutido em enviesamentos devido a distorções de memória, uma vez que, várias pessoas têm dificuldade em recordar certos eventos traumáticos. É demonstrado na literatura que, relatos retrospectivos de acontecimentos traumáticos, tendem a subestimar a ocorrência atual (Della Femina, Yeager, & Lewis, 1990; Williams, 1995).

Apesar de a pesquisa nesta área, nas últimas décadas, se ter vindo a afirmar, ao nível nacional os estudos são ainda incipientes, conforme já referido anteriormente, fornecendo uma visão pouco integrada das dinâmicas que estes fenómenos acarretam. Assim, em termos de pistas futuras, é crucial que futuramente se realizem estudos com modelos longitudinais prospectivos, de forma a clarificar o início da exposição a ambientes abusivos e a sua severidade na saúde mental, o que poderá ajudar a promover intervenções precoces; seria pertinente aumentar o tamanho da amostra e alargar a faixa etária com o intuito de obter resultados mais significativos; avaliar questões relacionadas com a violência a nível sexual; e por último a inclusão da dimensão comportamento abusivo sexual do EASE-PI, poderá também revelar-se uma mais valia.

Com a realização desta investigação, enfatiza-se a importância da profissionalização de técnicos direcionados para as áreas de abuso, bem como a relevância para que se desenvolvam ações junto das comunidades, incluindo pais, profissionais da saúde, educação e adolescentes, no sentido de sensibilizar, quer para a magnitude desta problemática, quer para as consequências nefastas que pode acarretar para os seus intervenientes diretos e indiretos. A prevenção de comportamentos antissociais a partir do reforço e valorização dos fatores protetores pode ser uma possibilidade para desacelerar e até conter a crescente criminalidade entre os jovens, principalmente entre aqueles que vivem sob situações consideradas de alto risco.

Com os principais resultados obtidos na presente investigação, podem ser formuladas medidas preventivas e intervenções precoces e planeadas para com os pais/cuidadores, ajudando as crianças/jovens, que se encontram em situações de vulnerabilidade, evitando ou amenizando as consequências negativas no seu desenvolvimento. Em relação à prevenção primária, os serviços escolares e pré-escolares, juntamente com os centros de saúde, devem aumentar a conscientização e prevenir os maus-tratos aos jovens. No que diz respeito à intervenção com famílias em risco, o sistema de justiça juvenil e as instituições que atuam em matéria da infância e juventude, devem fornecer serviços relacionados à saúde mental e educação dos pais. Torna-

se importante que exista uma forte cooperação entre o sistema de justiça juvenil e os sistemas de proteção de crianças e jovens para criar programas de prevenção à delinquência.

Referências bibliográficas

- Alberto, I. (2014). Maus tratos e negligência de crianças: Modelos e formatos de intervenção. In Alberto, I., *Vítimas de crime e violência: Práticas de intervenção* (pp.13-26). Braga: Psiquilíbrios.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- American Psychiatric Association (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathic traits in non-referred youths: A new assessment tool. In E. Blaauw & L. Sheridan (Eds.). *Psychopaths: Current international perspectives* (pp.131-158). Den Haag: Elsevier.
- Angst, R. (2017). Psicologia e resiliência: Uma revisão de literatura. *Psicologia Argumento*, 27(58), 253-260. doi:0103-7013.
- Andrews, D., & Bonta, J. (2003). *The psychology of criminal conduct* (3ª ed.). Cincinnati, OH: Anderson.
- Andrews, D., & Bonta, J. (2010). *The psychology of criminal conduct* (5nd ed.). Cincinnati, OH: Anderson.
- Arruabarrena, I., & de Pául, J. (2002). Evaluación de un programa de tratamiento para familias maltratantes y negligentes y familias alto-riesgo. *Psychosocial Intervention*, 11(2), 213-227.
- Baptista, R. S., França, I. S. X., Costa, C. M. P., & Brito, V. R. S. (2008). Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. *Ata Paulista de Enfermagem*, 21(4), 602-608. doi: 10.1590/S0103-21002008000400011.

- Barbieri, V., & de Godoy Pavelqueires, J. (2012). Personalidade paterna como fator prognóstico no tratamento da tendência antissocial. *Paidéia*, 22(51), 101-110. doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100012.
- Bernado, M. O., da Silva, R. T., & dos Santos, M. F. R. (2017). Transtorno desafiador opositor e a influência do ambiente sociofamiliar. *Revista Transformar*, 11, 129-150.
- Bernstein, D. P., Stein, J. A., & Handelsman, L. (1998). Predicting personality pathology among adult patients with substance use disorders: Effects of childhood maltreatment. *Addictive Behaviors*, 23, 855-868. doi:10.1016/S0306 4603(98)00072-0.
- Bernstein, D. P., Stein, J. A., Newcomb, M. D., Walker, E., Pogge, D., Ahluvalia, T., Stokes, J., Handelsman, L., Medrano, M., Desmond, D., & Zule, W. (2003). Development and validation of a brief screening version of the Childhood Trauma Questionnaire. *Child Abuse Neglect*, 27, 169- 190. doi:10.1016/S0145-2134(02)00541-0.
- Blair, J., & Coles, M. (2000). Expression recognition and behavioural problems in early adolescence. *Cognitive Development*, 15, 421-434. doi:10.1016/S0885-2014(01)00039-9.
- Bottcher, J. (2001). Social practices of gender: How gender relates to delinquency in the everyday lives of high-risk youths. *Criminal Justice Periodicals*, 39(4), 893-932. doi: 10.1111/j.1745-9125.2001.tb00944.x.
- Braga, T., Gonçalves, L., Basto-Pereira, M., & Maia, Â. (2017). Unraveling the link between maltreatment and juvenile antisocial behavior: A meta-analysis of prospective longitudinal studies. *Aggression and Violent Behavior*, 33, 37-50.
- Calza, T. Z., Dell'Aglio, D. D., & Castellá Sarriera, J. (2016). Direitos da criança e do adolescente e maus-tratos: Epidemiologia e notificação. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 14-27.
- Campbell, M., Porter, S., & Santor, D. (2004). Psychopathic traits in adolescent offenders: An evaluation of criminal history, clinical, and psychosocial correlates. *Behavioral Sciences and the Law*, 22(1), 23-47. doi: 10.1002/bsl.572.

- Carvalho, F., Maciel, L., & Basto-Pereira, M. (2019). Two sides of child maltreatment: from psychopathic traits to altruistic attitudes inhibition. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 1-8. doi.org/10.1007/s40653-019-00280-2.
- Carvalho, J. L. D., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise Psicológica*, 36(1), 61-73. doi: 10.14417/ap.1354.
- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*, 56, 453-484.
- Cleckley, H. (1941). *The mask of sanity: An attempt to reinterpret the so-called psychopathic personality*. St. Louis: Oxford-Mosby.
- Cohen, J. (1988). Set correlation and contingency tables. *Applied Psychological Measurement*, 12(4), 425-434.
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. E., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., et al. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(1), 9-21. doi: 10.1590/S0101- 81082003000400003.
- Del Ben, C. M. (2004). Neurobiologia do transtorno de personalidade antissocial. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 32, 27-36. doi.org/10.1590/S0101-60832005000100004.
- Della Femina, D., Yeager, C. A., & Lewis, D. O. (1990). Child abuse: Adolescent records vs. adult recall. *Child Abuse & Neglect*, 14(2), 227-231.
- Delfino, V., Biasoli-Alves, Z. M. M., Sagim, M. B., & Venturini, F. P. (2005). A identificação da violência doméstica e da negligência por pais de camada média e popular. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 14, 38-46. doi: 10.1590/S0104- 07072005000500005.
- Docherty, M., Kubik, J., Herrera, C. M., & Boxer, P. (2018). Early maltreatment is associated with greater risk of conduct problems and lack of guilt in adolescence. *Child Abuse & Neglect*, 79, 173-182. doi:10.1016/j.chiabu.2018.01.032.

- Durand, G. (2018). Demystification of the relationship between psychopathy and happiness. *Journal of Happiness Studies*, 19(2), 381-395. doi.10.1007/s10902-016-9823-0.
- Durand, G., & Plata, E. M. (2017). The effects of psychopathic traits on fear of pain, anxiety, and stress. *Personality and Individual Differences*, 119(C), 198-203. doi.10.1016/j.paid.2017.07.024.
- Edens, J., Guy, L., & Fernandez, K. (2003). Psychopathic traits predict attitudes toward a juvenile capital murderer. *Behavioral Sciences and the Law*, 21(6), 807-828. doi: 10.1002/bsl.567.
- Egeland, B., Carlson, E., & Sroufe, L., A. (1993). Resilience as process. *Development and Psychopathology*, 5, 517-528. doi: 10.1017/S0954579400006131.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: Definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*, 2(2), 6-7. doi:10.10.123/456.
- Farrington, D. (2005). The importance of child and adolescent psychopathy. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33(4), 489-497. doi: 10.1007/s10802-005-5729-8.
- Ferreira, C. L. S., Côrtes, M. C. J. W., & Gontijo, E. D. (2019). Promoção dos direitos da criança e prevenção de maus tratos infantis. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 3997-4008. doi.org/10.1590/1413-812320182411.04352018.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. London: Sage Publications.
- Figueiredo, B. (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente (II): Considerações a respeito do impacto desenvolvimental. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 197-216.
- Frick, P., O'Brien, B., Wootton, J., McBurnett, K. (1994). Psychopathy and conduct problems in children. *Journal of Abnormal Psychology*, 103, 700-707.
- Frick, P. J., Kimonis, E. R., Dandreaux, D. M., & Farrell, J. M. (2003). The 4 years stability of psychopathic traits in non-referred youth. *Behavioral Sciences and the Law*, 21, 1-24.

- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771-787. doi.org/10.1590/S0103-65642011005000031.
- Graham, N., Kimonis, E. R., Wasserman, A. L., & Kline, S. M. (2012). Associations among childhood abuse and psychopathy facets in male sexual offenders. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 3(1), 66-75. doi.10.1037/a0025605.
- Hambleton, R., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. London: Psychology Press.
- Hare, R. (2003). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist* (2nd ed.). Toronto: Multi-Health Systems.
- Hawes, S. W., Byrd, A. L., Waller, R., Lynam, D. R., & Pardini, D. A. (2017). Late childhood interpersonal callousness and conduct problem trajectories interact to predict adult psychopathy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58(1), 55-63. doi:10.1111/jcpp.12598.
- Henriques, R. P. (2009). De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: A evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 285-302.
- Hicks, B. M., Carlson, M. D., Blonigen, D. M., Patrick, C. J., Iacono, W. G., & McGue, M. (2012). Psychopathic personality traits and environmental contexts: Differential correlates, gender differences, and genetic mediation. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 3(3), 209-227. doi.10.1037/a0025084.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29, 589-611. doi:10.1016/j.adolescence.2005.08.010.

- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2007). Vinculação na adolescência. In I. Soares, *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 99-120). Braga: Psiquilíbrios.
- Kim, E., Park, J., & Kim, B. (2016) Type of childhood maltreatment and the risk of criminal recidivism in adult probationers: A cross-sectional study. *BMC Psychiatry, 16*, 294-303.
- Kim, J., Hetherington, E., & Reiss, D. (1999). Associations among family relationships, anti-social peers and adolescents externalizing behaviors: Gender and family type differences. *Child Development, 70*, 1209-1230.
- Kimonis, E. R., Cross, B., Howard, A., & Donoghue, K. (2013). Maternal care, maltreatment and callous-unemotional traits among urban male juvenile offenders. *Journal of Youth and Adolescence, 42*(2), 165-177. doi.10.1007/s10964-012-9820-5.
- Kowal, A., Krull, J., & Kramer, L. (2004). How the differential treatment of siblings is linked with parent-child relationship quality. *Journal of Family Psychology, 18*(4), 658-665. doi.10.1037/0893-3200.18.4.658.
- Krischer, M. K., & Sevecke, K. (2008). Early traumatization and psychopathy in female and male juvenile offenders. *International Journal of Law and Psychiatry, 31*(3), 253-262. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2008.04.008>.
- Lang, S., Klinteberg, A. F. B., & Alm, P. O. (2002). Adult psychopathy and violent behavior in males with early neglect and abuse. *Acta Psychiatrica Scandinavica, 106*, 93-100. doi: 10.1034/j.1600-0447.106.s412.20.x.
- Leça, A., et al. (2011). *Maus tratos em crianças e jovens. Guia prático de abordagem, diagnóstico e intervenção.* (pp-10-20). Lisboa. [Em linha] Disponível em « https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/ficheiros-externos/doc-guia_maus-tratos_2-marco-2011-12h-pdf.aspx.» [Acedido em: 21/11/2019].

- Lee, Z., & Salekin, R. T. (2010). Psychopathy in a noninstitutional sample: Differences in primary and secondary subtypes. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, *1*(3), 153-169. doi:10.1037/a0019269.
- Lidchi, V. (2016). *Maus-tratos e proteção de crianças e adolescentes: Uma visão ecossistêmica*. Rio de Janeiro: Editora do Instituto NOOS.
- Lynam, D. R. (1996). Early identification of chronic offenders: Who is the fledgling psychopathy? *Psychological Bulletin*, *120*, 209-234. doi:10.1037/0033-2909.120.2.209.
- Lynam, D. R. (2002). Psychopathy from the perspective of the five factor model. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Personality disorders and the five-factor model of personality* (2nd ed., pp. 325-350). Washington, DC: American Psychological Association.
- Lynam, D. R., Caspi, A., Moffitt, T. E., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2007). Longitudinal evidence that psychopathy scores in early adolescence predict adult psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, *116*, 155-165.
- Lynam, D. R., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2008). The stability of psychopathy from adolescence into adulthood the search for moderators. *Criminal Justice and Behavior*, *35*, 228-243. doi:10.1177/0093854807310153.
- Lynam, D. R., Charnigo, R., Moffitt, T. E., Raine, A., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2009). The stability of psychopathy across adolescence. *Development and Psychopathology*, *21*(4), 1133-1153. doi:10.1017/S0954579409990083.
- Loney, B., Frick, P., Clements, C., Ellis, M., & Kerlin, K. (2003). Callous-unemotional traits, impulsivity and emotional processing in adolescents with antisocial behavior problems. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, *32*(1), 66-80. doi:10.1207/S15374424JCCP3201_07.

- Mancillas, A. (2006). Challenging the stereotypes about only children: A review of the literature and implications for practice. *Journal of Counseling & Development, 84*(3), 268-275.
- Marsee, M., Silverthorn, P., & Frick, P. (2005). The association of psychopathic traits with aggression and delinquency in non-referred boys and girls. *Behavioral Sciences and the Law, 23*(6), 803- 817. doi: 10.1002/bsl.662.
- Martins, M. J. D. (2012). Condutas agressivas na adolescência: Fatores de risco e de proteção. *Análise Psicológica, 23*(2), 129-135. doi:10.14417/ap.77.
- Marin, A.H., Martins, G.D.F., Freitas, A.P.C.O., Silva, I. M., Lopes, R.C., & Piccinini, C.A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 29*(2),123-132. doi:10.1590/s0102-37722013000200001.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marôco, J. (2014). *Análise das equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Portugal: ReportNumber.
- Marôco, J. P., Campos, J. A. D. B., Vinagre, M. D. G., & Pais-Ribeiro, J. L. (2014). Adaptação transcultural Brasil-Portugal da Escala de Satisfação com o Suporte Social para estudantes do ensino superior. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 27*(2), 247-256. doi: 10.1590/1678-7153.201427205.
- McCord, W., & McCord, J. (1964). *The psychopath: An essay on the criminal mind*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Miller, K.S. & Knutson, J. F. (1997). Reports of severe physical punishment and exposure to animal cruelty by inmates convicted of felonies and by university students. *Child Abuse and Neglect, 21*(1), 59-82.

- Miller, L. E., Cater, A. K., Howell, K. H. & Graham-Bermann, S. A. (2014). Perpetration patterns and environmental contexts of IPV in Sweden: Relationships with adult mental health. *Child Abuse & Neglect*, 38(1), 147-158.
- Mondin, E. M. C. (2017). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244.
- Monteiro, G., & Popenga, M. (2016). Fatores que contribuem para a formação de uma personalidade psicopática em crianças e adolescentes: Uma análise neurobiológica e social. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7, 365-376.
- Ng-Mak, D. S., Salzinger, S., Feldman, R. S., & Stueve, C. A. (2004). Pathologic adaptation to community violence among inner-city youth. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74(2), 196-208. doi:10.1037/0002-9432.74.2.196.
- Ng, W., Mofrad, S., & Uba, I. (2014). Effect of birth order on the differential parental treatment of children. *Asian Social Science*, 10(14), 132-137. doi.0.5539/ass.v10n14p132.
- Nicholas, K., & Bieber, S. (1997). Assessment of perceived parenting behaviors: The Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory (EASE-PI). *Journal of Family Violence*, 12(3), 275-291.
- Nicholls, T., & Petrila, J. (2005). Gender and psychopathy: An overview of important issues and introduction to the special issue. *Behavioral Sciences and the Law*, 23(6), 729-741. doi: 10.1002/bsl.677.
- Obradovic, J, Pardini, D, A., Long, Jeffrey, D., & Loeber, Rolf (2007). Measuring interpersonal callousness in boys from childhood to adolescence: An examination of longitudinal invariance and temporal stability. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 36 (3), 276-292.

- Ometto, M., de Oliveira, P. A., Milioni, A. L., Dos Santos, B., Scivoletto, S., Busatto, G. F., ... & Cunha, P. J. (2016). Social skills and psychopathic traits in maltreated adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 25(4), 397-405.
- Organização Mundial da Saúde (1994). *CID-10: Classificação estatística internacional de doenças com disquete* (Vol. 1, 1ª ed.). Brasil: SciELO.
- Organização Mundial de Saúde (2002). Relatório mundial sobre saúde e violência. In E. G. Krug., L. L. Dahlberg., J. A. Mercy., A. B. Zwi., & R. Lozano (Eds.). *Abuso infantil e negligência por pais e outros cuidadores* (pp. 57-81). Genebra: Universal Copyright Convention.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual*. Berkshire: Allen & Unwin.
- Pechorro, P., Ray, J. V., Salas-Wright, C. P., Marôco, J., & Goncalves, R. A. (2015). Adaptation of the Basic Empathy Scale among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law*, 21(7), 699-714. doi:10.1080/1068316X.2015.1028546.
- Penney, S., & Moretti, M. (2007). The relation of psychopathy to concurrent aggression and antisocial behavior in high-risk adolescent girls and boys. *Behavioral Sciences and the Law*, 25(1), 21-41. doi: 10.1002/bsl.715.
- Pereira, C. R. R., & Arpini, D. M. (2017). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia Argumento*, 30(69), 275-285.
- Pinheiro, A. F., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). Fratria: Tratamento parental diferenciado e estados emocionais negativos. *Psicologia*, 31(1), 17-26. doi.org/10.17575/rpsicol.v31i1.1140
- Pires, A. L., & Miyazaki, M. C. O. S. (2005). Maus-tratos contra crianças e adolescentes: Revisão da literatura para profissionais da saúde. *Arquivos de Ciência da Saúde*, 12(1), 42-9.

- Pooman, P., & Punia, S. (2012). Impact of parental and contextual facts on differential treatment of siblings in the families. *Studies on Home and Community Science*, 6(2), 107-112. doi.org/10.1080/09737189.2012.11885375.
- Relva, I., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Revista Interamericana de Psicologia*, 46(3), 375-384. doi.org/10.13140/RG.2.1.2801.8800.
- Robinson, M. J. (2005). *Psychopathy and compliance correlates for male delinquents in a community program* (Tese de doutoramento não publicada). University of Rhode Island, Rhode Island, USA.
- Rogers, R. (2000). The uncritical acceptance of risk assessment in forensic practice. *Law and Human Behavior*, 24 (5), 595-605. doi: 10.1023/A:1005575113507.
- Ryan, J., Williams, A., & Courtney, M. (2013). Adolescent neglect, juvenile delinquency and the risk of recidivism. *Journal Youth Adolescence*, 42, 454-465.
- Salekin, R. T. (2006). Psychopathy in children and adolescents: Key issues in conceptualization and assessment. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 389-414). New York: Guilford Press.
- Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Environmental influences on child and adolescent psychopathy. In D. Farrington., S. Ullrich., & R. Salekin (Ed.), *Handbook of child & adolescent psychopathy* (pp. 203-230). New York: Guilford Press.
- Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Child and adolescent psychopathy: An introduction. In R. Salekin & D. Lynam (Ed.), *Handbook of child & adolescent psychopathy* (pp. 389-414). New York: Guilford Press.
- Schmidt, B., Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2016). Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: Uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 9, 2-18. doi: 10.4013/ctc.2016.91.01.

- Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior, 26*, 219-239. doi: 10.1023/A:1014696110850
- Silva, A. B. B. (2014). *Mentes perigosas: O psicopata mora ao lado*. São Paulo: Globo.
- Silva, M. R. S., Schek, G., & Silveira, M. D. P. (2014). Necessidades das famílias e as práticas profissionais na violência intrafamiliar. *Ciência, Cuidado e Saúde, 13*(2), 335-342. doi: 10.4025/ciencucuidsaude.v13i2.19646.
- Simões, M., Gonçalves, R. A., & Lopes, J. (2010). Adaptação do “Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI): Estudo Preliminar. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia.
- Simões, M., Gonçalves, R. A., & Lopes, J. (2016). International note: Confirmatory factor analysis and psychometric properties of the Youth Psychopathic Traits inventory in a sample of Portuguese adolescents. *Journal of Adolescence, 47*, 100-103.
- Simões, M., & Gonçalves, R. A. (2017). The problem of adolescent psychopathy: The downward extension of adult. In F. Durbano (Ed.). *Psychopathy - New updates on an old phenomenon*. Italy: IntechOpen. ISBN 978-953-51- 3694-1.
- Simões, M., & Martins, J. (2019). Psicopatia, conflito e relações familiares. In A. P. Monteiro & P. Cunha (Ed.). *Gestão de conflitos na família*. Lisboa: Pactor.
- Simões, M., & Relva, I. C. (2019). *Youth Psychopathic Inventory Traits Reconstructed* (Unpublished manuscript). Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Smith, C., & Thornberry, T. P. (1995). The relationship between childhood maltreatment and adolescent involvement in delinquency. *Criminology, 34*(4), 451-481. doi.org/10.1111/j.1745-9125.1995.tb01186.
- Strand, S., & Belfrage, H. (2005). Gender differences in psychopathy in a Swedish offender sample. *Behavioral Sciences and the Law, 23*(6), 837-850. doi: 10.1002/bsl.674.

- Szelbracikowski, A. C., & Dessen, M. A. (2007). Problemas de comportamento exteriorizado e as relações familiares: Revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 33-40.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2019). *Using multivariate statistics* (Vol. 14, 7ª ed.). Boston: Pearson.
- Turner, H. A., Shattuck, A., Finkelhor, D., & Hamby, S. (2017). Effects of poly-victimization on adolescent social support, self-concept, and psychological distress. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(5), 755-780. doi.org/10.1177/0886260515586376.
- Ugueto, A. (2005). *Psychopathy in delinquent girls: An examination of factor structure* (Tese de doutoramento não publicada). Ohio State University, Ohio, USA.
- Vahl, P., Colins, O. F., Lodewijks, H. P., Lindauer, R., Markus, M. T., Doreleijers, T. A., & Vermeiren, R. R. (2016). Psychopathic traits and maltreatment: Relations with aggression and mental health problems in detained boys. *International Journal of Law and Psychiatry*, 46, 129-136. doi:10.1016/j.ijlp.2016.02.006.
- Verona, E., Sadeh, N., & Javdani, S. (2010). The influences of gender and culture on child and adolescent psychopathy. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 317-342). New York: Guilford Press.
- Vieira, M. S., & Grossi, P. K. (2018). A política de assistência social e o enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil. *Ser Social*, 19(41), 479-498.
- Watts, A. L., Donahue, K., Lilienfeld, S. O., & Latzman, R. D. (2017). Gender moderates psychopathic traits' relations with self-reported childhood maltreatment. *Personality and Individual Differences*, 119, 175-180. doi:10.1016/j.paid.2017.07.011.
- Weber, L. N. D., & Ton, C. (2011). Maternal practices and social skills of Brazilian Youngsters. *International Journal of Development and Educational Psychology*, 1(1), 399-408.
- Weber, L. N. D., Viezzer, A. P., Brandenburg, O. J., & Zocche, C. R. E. (2002). Famílias que maltratam: Uma tentativa de socialização pela violência. *PsicoUSF*, 7(2), 163-173.

- Weiler, B. L., & Widom, C. S. (1996). Psychopathy and violent behaviour in abused and neglected young adults. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 6, 253-271. doi:10.1002/cbm.99.
- Williams, L. M. (1995). Recovered memories of abuse in women with documented child sexual victimization histories. *Journal of Traumatic Stress*, 8(4), 649-673.
- Whittle, H., Hamilton-Giachritsis, C., Beech, A., & Collings, G. (2013). A review of young people's vulnerabilities to online grooming. *Aggression and Violent Behavior*, 18(1), 135–146. doi.10.1016/j.avb.2012.11.008.
- Wu, P., Robinson, C. C., Yang, C., Hart, C. H., Olsen, S. F., Porter, C. L., Jin, S., Wo, J., & Wu, X. (2002). Similarities and differences in mother's parenting of preschoolers in China and the United States. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 481-491.

Considerações finais

A concretização do presente trabalho, teve como objetivo analisar a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a relação com a empatia, bem como a emergência de traços psicopáticos em adolescentes portugueses.

Assim, tendo por base os resultados que emergem de dois estudos empíricos, serão abordadas algumas considerações, reportando os resultados alcançados, as limitações encontradas ao longo do processo de investigação e por fim enumeradas algumas pistas para futuras investigações.

A exposição de crianças e jovens, a ambientes abusivos no contexto familiar e o meio social negligenciado, interfere com o desenvolvimento de empatia e de outras competências inerentes ao desenvolvimento do ser humano, contribuindo também para o desenvolvimento de traços psicopáticos. São vários os fatores de vulnerabilidade associados à exposição a ambientes abusivos, como por exemplo as relações familiares, as características parentais, a personalidade dos progenitores, a fraca vinculação com os menores, a existência de conflitos conjugais, a monoparentalidade e as baixas competências parentais. Desta forma, estes fatores apresentam consequências que comprometem a vida das crianças e/ou jovens, em vários domínios: físico/orgânico, cognitivo, comportamental e psicoafectivo.

Por outro lado, a exposição de crianças e jovens a ambientes de suporte, funcionam como fatores protetores de tais abusos, pois práticas parentais que envolvam o apoio dos pais no processo de cuidado dos filhos, com ênfase na comunicação, nas estratégias construtivas de resolução de conflitos, na expressão de amor e afeto, aceitação da criança e valorização pessoal, encorajamento da competência social e incentivo ao desenvolvimento da autonomia, relacionam-se com aspetos desenvolvimentais adaptativos, beneficiando o desenvolvimento da criança.

Os resultados do presente trabalho, parecem ir de encontro com estudos anteriormente realizados no âmbito dos abusos a crianças e jovens e o desenvolvimento de empatia, sugerindo que os fatores de apoio se correlacionam com a empatia cognitiva, e os fatores de abuso se correlacionam com a empatia afetiva. Isto pode ser explicado pela interpretação que cada sujeito realiza perante cada ambiente, sendo que a empatia cognitiva corresponde ao reconhecimento emocional e compreensão da subjetividade dos outros, e por outro lado, a empatia afetiva diz respeito à predisposição de cada um, para experienciar sentimentos de compaixão e bem-estar dos outros. Os resultados demonstraram ainda, a existência de níveis de empatia (cognitiva e afetiva) mais elevados nas raparigas comparativamente com os rapazes,

isto pode ser explicado por existir um encorajamento para a demonstração das emoções nas raparigas, e por outro lado, uma inibição emocional nos rapazes. Outro resultado pertinente, diz respeito aos comportamentos abusivos emocionais e físicos, exercidos por ambos os pais, ser menor no grupo da faixa etária entre os 12 e os 15 anos, comparativamente com os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos, e por outro lado, constatou-se ainda que os fatores de suporte, como o amor/suporte, a promoção de independência e a modelagem positiva, bem como a empatia afetiva e cognitiva, são maiores nos jovens mais novos. Este facto pode ser explicado, pelo motivo de que no início da adolescência, existe uma relação de maior dependência em relação aos pais, sendo que esta relação sofre modificações posteriormente, quando se inicia o processo de crescente autonomia dos filhos, e a independência passa a ser a regra para um maior afastamento entre pais e filhos.

Relativamente à análise entre a exposição a ambientes abusivos e de suporte e a emergência de traços psicopáticos, os resultados obtidos vão de encontro com outras pesquisas já realizadas, no entanto, apresentam novas conclusões acerca da emergência de traços psicopáticos, quando manipuladas as variáveis de exposição a ambientes abusivos. Deste modo, verificou-se que na presença de comportamentos abusivos, as características psicopáticas parecem ser evidenciadas, e por outro lado, os fatores de suporte (amor/suporte, promoção de independência e modelagem positiva), exercidos pelos pais ou cuidadores, relacionam-se negativamente com os traços psicopáticos, ou seja, quando estamos perante fatores de suporte, a emergência dos traços psicopáticos diminui. Os resultados demonstraram também que a exposição a ambientes abusivos e de suporte e traços psicopáticos, são maiores no sexo masculino, quando comparado com o sexo feminino, bem como nos jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos. Foi ainda possível verificar, que a exposição a ambientes abusivos e de suporte predizem (positiva/negativamente) a presença de todos os traços psicopáticos, à exceção das características de ausência de remorsos e ausência de emoções. Deste modo, os estudos empíricos aqui apresentados pretendem alertar para a importância da criação de vínculos afetivos de qualidade com as figuras significativas de afeto e o impacto que estes têm no processo de regulação emocional, particularmente na emergência de traços psicopáticos. Importa salientar que os dados não são representativos da população portuguesa, e deste modo não se podem generalizar para toda a população.

Neste seguimento, como limitações destacam-se o cariz transversal da investigação e o facto de a amostragem não poder ser representativa dos adolescentes portugueses, os instrumentos utilizados serem de autorrelato e suscetíveis de conduzirem a enviesamentos, e

ainda a escassa literatura acerca da temática que relacionem os traços de psicopatia com a fratria.

Para investigações futuras, seria oportuno optar pela realização de estudos longitudinais prospectivos, de forma a clarificar o início da exposição a ambientes abusivos e a sua severidade na saúde mental, o que poderá ajudar a promover intervenções precoces; seria pertinente aumentar o tamanho da amostra e alargar a faixa etária com o intuito de obter resultados mais significativos; analisar a perspectiva de mais um elemento da família; avaliar questões relacionadas com a violência a nível sexual e perceber qual o suporte a que estes jovens recorrem; compreender se a exposição a ambientes abusivos prediz o tipo de empatia, e por último a inclusão da dimensão comportamento abusivo sexual do EASE-PI, poderá também revelar-se uma mais valia.

Atendendo aos resultados alcançados no presente estudo, torna-se indispensável formular medidas preventivas e intervenções precoces e planeadas para com os pais/cuidadores, ajudando as crianças/jovens, que se encontram em situações de vulnerabilidade, evitando ou amenizando as consequências negativas no seu desenvolvimento e incrementar programas estruturados que fomentem a intervenção precoce nesta população e apoiem os pais/cuidadores para uma prática de competências parentais saudáveis e eficazes.

Referências gerais

- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alberto, I. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- Alberto, I. (2014). Maus tratos e negligência de crianças: Modelos e formatos de intervenção. In Alberto, I., *Vítimas de crime e violência: Práticas de intervenção* (pp.13-26). Braga: Psiquilíbrios.
- Almeida, A. N., André, I. M., & Almeida, H. N. (1999). Sombras e marcas: Os maus tratos às crianças na família. *Análise Social*, 34(150), 91-121. Universidade de Lisboa.
- American Psychiatric Association (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Anastácio, S., & Lima, L. N. (2017). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Congresso Internacional de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 5, 23-23. Universidade de Coimbra.
- Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathic traits in non-referred youths: A new assessment tool. In E. Blaauw & L. Sheridan (Eds.). *Psychopaths: Current international perspectives* (pp.131-158). Den Haag: Elsevier.
- Andrews, D., & Bonta, J. (2003). *The psychology of criminal conduct* (3ª ed.). Cincinnati, OH: Anderson.
- Andrews, D., & Bonta, J. (2010). *The psychology of criminal conduct* (5ª ed.). Cincinnati, OH: Anderson.
- Angst, R. (2017). Psicologia e resiliência: Uma revisão de literatura. *Psicologia Argumento*, 27(58), 253-260. doi:0103-7013.

- Arruabarrena, I., & de Pául, J. (2002). Evaluación de un programa de tratamiento para familias maltratantes y negligentes y familias alto-riesgo. *Psychosocial Intervention, 11*(2), 213-227.
- Assunção, R., & Matos, P. (2010). A vinculação parental e amorosa em adolescentes: O papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva. In *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1574-1588). Universidade do Minho, Portugal: repositório online.
- Azevedo, M., & Maia, A. (2006). *Maus tratos à criança* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Baptista, R. S., França, I. S. X., Costa, C. M. P., & Brito, V. R. S. (2008). Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. *Ata Paulista de Enfermagem, 21*(4), 602-608. doi: 10.1590/S0103-21002008000400011.
- Barbieri, V., & de Godoy Pavelqueires, J. (2012). Personalidade paterna como fator prognóstico no tratamento da tendência antissocial. *Paidéia, 22*(51), 101-110. doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100012.
- Bernado, M. O., da Silva, R. T., & dos Santos, M. F. R. (2017). Transtorno desafiador opositor e a influência do ambiente sociofamiliar. *Revista Transformar, 11*, 129-150.
- Bernstein, D. P., Stein, J. A., & Handelsman, L. (1998). Predicting personality pathology among adult patients with substance use disorders: Effects of childhood maltreatment. *Addictive Behaviors, 23*, 855-868. doi:10.1016/S0306 4603(98)00072-0.
- Bernstein, D. P., Stein, J. A., Newcomb, M. D., Walker, E., Pogge, D., Ahluvalia, T., Stokes, J., Handelsman, L., Medrano, M., Desmond, D., & Zule, W. (2003). Development and validation of a brief screening version of the Childhood Trauma Questionnaire. *Child Abuse Neglect, 27*, 169- 190. doi:10.1016/S0145-2134(02)00541-0.

- Beyers, J. M., & Loeber, R. (2003). Untangling developmental relations between depressed mood and delinquency in male adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *31*(3), 247-266. doi.org/10.1023/A:1023225428957.
- Blair, J., & Coles, M. (2000). Expression recognition and behavioural problems in early adolescence. *Cognitive Development*, *15*, 421-434. doi:10.1016/S0885-2014(01)00039-9.
- Blair, R. J. R. (1997). Moral reasoning and the child with psychopathic tendencies. *Personality and Individual Differences*, *22*(5), 731-739. doi.org/10.1016/S0191-8869(96)00249-8.
- Blair, R. J. R. (2005). Responding to the emotions of others: Dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations. *Conscientiousness and Cognition*, *14*(4), 698-718. doi: 10.1016/j.concog.2005.06.004.
- Bottcher, J. (2001). Social practices of gender: How gender relates to delinquency in the everyday lives of high-risk youths. *Criminal Justice Periodicals*, *39*(4), 893-932. doi: 10.1111/j.1745-9125.2001.tb00944.x.
- Braga, T., Gonçalves, L., Basto-Pereira, M., & Maia, Â. (2017). Unraveling the link between maltreatment and juvenile antisocial behavior: A meta-analysis of prospective longitudinal studies. *Aggression and Violent Behavior*, *33*, 37–50.
- Briere J. (1992). Methodological issues in the study of sexual abuse effect. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *60*(2), 196-203. doi.org/10.1037/0022-006X.60.2.196.
- Burge, P. (2007). Prevalence of mental disorders and associated services variables among Ontario children who are permanent wards. *Canadian Journal of Psychiatry*, *52*, 305-314. doi.org/10.1177/070674370705200505.
- Calheiros, M. M. (2006). *A construção social do mau-trato e negligência parental: Do senso comum ao conhecimento científico*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Calza, T. Z., Dell'Aglio, D. D., & Castellá Sarriera, J. (2016). Direitos da criança e do adolescente e maus-tratos: Epidemiologia e notificação. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 14-27.
- Camilo, C., & Garrido, M. V. (2003). Desenho e avaliação de programas de desenvolvimento de competências parentais para pais negligentes: Uma revisão e reflexão. *Análise Psicológica*, 3(XXXI), 245-268. doi: 10.14417/S0870-8231201300030003.
- Campbell, M., Porter, S., & Santor, D. (2004). Psychopathic traits in adolescent offenders: An evaluation of criminal history, clinical, and psychosocial correlates. *Behavioral Sciences and the Law*, 22(1), 23-47. doi: 10.1002/bsl.572.
- Canha, J. (2003). *Criança maltratada: O papel de uma pessoa de referência na sua recuperação. Estudo prospectivo de 5 anos*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Caridade, S., Sani, A., & Nunes, L. (2019). Vitimação múltipla na violência e no crime: (Des)ajustamento e fatores protetivos. In S. Caridade, A. Sani, L. Nunes, R. Estrada & F. Viana (Eds.), *Abordagens contemporâneas de vitimação, violência e do crime* (pp.19-36). Lisboa: Coisas de Ler.
- Carvalho, F., Maciel, L., & Basto-Pereira, M. (2019). Two sides of child maltreatment: from psychopathic traits to altruistic attitudes inhibition. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 1-8. doi.org/10.1007/s40653-019-00280-2.
- Carvalho, J. L. D., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *Análise Psicológica*, 36(1), 61-73. doi: 10.14417/ap.1354.
- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*, 56, 453-484.

- Cleckley, H. (1941). *The mask of sanity: An attempt to reinterpret the so-called psychopathic personality*. St. Louis: Oxford-Mosby.
- Cohen, J. (1988). Set correlation and contingency tables. *Applied Psychological Measurement, 12*(4), 425-434.
- Comodo, C. N., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Intergeracionalidade das habilidades sociais entre pais e filhos adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 33*, 1-9. doi:10.1590/0102.3772e33311.
- Crick, N. R. (1996). The role of overt aggression, relational aggression, and prosocial behavior in the prediction of children's future social adjustment. *Child Development, 67*, 2317-2327. doi:10.2307/1131625.
- Dancey, C., & Reidy, J. (2014). *Statistics without maths for psychology*. London: Pearson Higher Ed.
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. E., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., et al. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 25*(1), 9-21. doi: 10.1590/S0101- 81082003000400003.
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. E., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., et al. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 25*(1), 9-21. doi: 10.1590/S0101- 81082003000400003.
- Del Ben, C. M. (2004). Neurobiologia do transtorno de personalidade antissocial. *Revista de Psiquiatria Clínica, 32*, 27-36. doi.org/10.1590/S0101-60832005000100004.
- Delfino, V., Biasoli-Alves, Z. M. M., Sagim, M. B., & Venturini, F. P. (2005). A identificação da violência doméstica e da negligência por pais de camada média e popular. *Texto & Contexto - Enfermagem, 14*, 38-46. doi: 10.1590/S0104- 07072005000500005.
- Della Femina, D., Yeager, C. A., & Lewis, D. O. (1990). Child abuse: Adolescent records vs. adult recall. *Child Abuse & Neglect, 14*(2), 227-231.

- Docherty, M., Kubik, J., Herrera, C. M., & Boxer, P. (2018). Early maltreatment is associated with greater risk of conduct problems and lack of guilt in adolescence. *Child Abuse & Neglect*, 79, 173-182. doi:10.1016/j.chiabu.2018.01.032.
- Dunn, J. (2007). Siblings and socialization. In J. Grusec & P. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 309-327). New York: The Guilford Press.
- Duque, C. (2008). *Maus-tratos: Que intervenção? A abordagem da Psicologia Legal*. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/3100666/MAUS-TRATOS-Que-intervencao-A-Abordagem-da-Psicologia-Legal>. [Acedido em 25.07.2019].
- Durand, G. (2018). Demystification of the relationship between psychopathy and happiness. *Journal of Happiness Studies*, 19(2), 381-395. doi.10.1007/s10902-016-9823-0.
- Durand, G., & Plata, E. M. (2017). The effects of psychopathic traits on fear of pain, anxiety, and stress. *Personality and Individual Differences*, 119(C), 198-203. doi.10.1016/j.paid.2017.07.024.
- Edens, J., Guy, L., & Fernandez, K. (2003). Psychopathic traits predict attitudes toward a juvenile capital murderer. *Behavioral Sciences and the Law*, 21(6), 807-828. doi: 10.1002/bsl.567.
- Egeland, B., Carlson, E., & Sroufe, L., A. (1993). Resilience as process. *Development and Psychopathology*, 5, 517-528. doi: 10.1017/S0954579400006131.
- Eisenberg, N., & Lennon, R. (1983). Sex differences in empathy and related capacities. *Psychological Bulletin*, 94(1), 100-131. doi.org/10.1037/0033-2909.94.1.100.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: Definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*, 2(2), 6-7. doi:10.10.123/456.
- Farrington, D. (2005). The importance of child and adolescent psychopathy. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33(4), 489-497. doi: 10.1007/s10802-005-5729-8.

- Fernandes, L. D. M., Leme, V. B. R., Elias, L. C. D. S., & Soares, A. B. (2018). Preditores do desempenho escolar ao final do ensino fundamental: Histórico de reprovação, habilidades sociais e apoio social. *Temas em Psicologia, 26*(1), 215-228. doi.org/10.9788/TP2018.1 -09Pt.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia, 20*, 297-304. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300001>.
- Ferreira, C. L. S., Côrtes, M. C. J. W., & Gontijo, E. D. (2019). Promoção dos direitos da criança e prevenção de maus tratos infantis. *Ciência & Saúde Coletiva, 24*, 3997-4008. doi.org/10.1590/1413-812320182411.04352018.
- Feshbach, N. (1987). Parental empathy and child adjustment/maladjustment. In N. Eisenbrg, & J. Strayer (Eds.), *Empathy and its development* (pp. 271-291). New York: Cambridge University Press.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. London: Sage Publications.
- Figueiredo, B. (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente (II): Considerações a respeito do impacto desenvolvimental. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 3*, 197-216.
- Flores, R. L. (2004). The effect of poverty on young children's ability to organize everyday events. *Journal of Children and Poverty, 10*, 99-118. doi: doi.org/10.1080/1079612042000271558.
- Frick, P. J., Kimonis, E. R., Dandreaux, D. M., & Farrell, J. M. (2003). The 4 years stability of psychopathic traits in non-referred youth. *Behavioral Sciences and the Law, 21*, 1-24.
- Frick, P., O'Brien, B., Wootton, J., McBurnett, K. (1994). Psychopathy and conduit problems in children. *Journal of Abnormal Psychology, 103*, 700-707.

- Fung, A. L., Gao, Y., & Raine, A. (2010). The utility of the child and adolescent psychopathy construct in Hong Kong, China. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 39*, 134-140. doi:10.1080 /15374410903401138.
- George, C., & Main, M. (1979). Social interaction of young abused children: Approach, avoidance and aggression. *Child Development, 50*, 306-318.
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP, 22*(4), 771-787. doi.org/10.1590/S0103-65642011005000031.
- Goldstein, A. P., & Michaels, G. Y. (1985). *Empathy: Development, training, and consequences*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Graham, N., Kimonis, E. R., Wasserman, A. L., & Kline, S. M. (2012). Associations among childhood abuse and psychopathy facets in male sexual offenders. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment, 3*(1), 66-75. doi.10.1037/a0025605.
- Hambleton, R., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. London: Psychology Press.
- Hare, R. (2003). *Manual for the Revised Psychopathy Checklist* (2nd ed.). Toronto: Multi-Health Systems.
- Hawes, S. W., Byrd, A. L., Waller, R., Lynam, D. R., & Pardini, D. A. (2017). Late childhood interpersonal callousness and conduct problem trajectories interact to predict adult psychopathy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 58*(1), 55-63. doi:10.1111/jcpp.12598.
- Henriques, R. P. (2009). De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: A evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental, 12*(2), 285-302.

- Herba, C. M., Landau, S., Russel, T., Ecker, C., & Philips, M. L. (2006). The development of emotion-processing in children: Effects of age, emotion, and intensity. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47 (11), 1098-1106. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01652.
- Hicks, B. M., Carlson, M. D., Blonigen, D. M., Patrick, C. J., Iacono, W. G., & McGue, M. (2012). Psychopathic personality traits and environmental contexts: Differential correlates, gender differences, and genetic mediation. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 3(3), 209-227. doi:10.1037/a0025084.
- Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. NY: Cambridge University Press.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29, 589-611. doi:10.1016/j.adolescence.2005.08.010.
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2007). Vinculação na adolescência. In I. Soares, *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 99-120). Braga: Psiquilíbrios
- Jovev, M., McKenzie, T., Whittle, S., Simmons, J. G., Allen, N. B., & Chanen, A.M. (2013). Temperament and maltreatment in the emergence of borderline and antisocial personality pathology during early adolescence. *Journal of the Canadian Academy Child Adolescent Psychiatry*, 22(3), 220-229.
- Kim, E., Park, J., & Kim, B. (2016) Type of childhood maltreatment and the risk of criminal recidivism in adult probationers: A cross-sectional study. *BMC Psychiatry*, 16, 294-303.
- Kim, J., Hetherington, E., & Reiss, D. (1999). Associations among family relationships, antisocial peers and adolescents externalizing behaviors: Gender and family type differences. *Child Development*, 70, 1209-1230.

- Kimonis, E. R., Cross, B., Howard, A., & Donoghue, K. (2013). Maternal care, maltreatment and callous-unemotional traits among urban male juvenile offenders. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(2), 165-177. doi:10.1007/s10964-012-9820-5.
- Klimes-Dougan, B., & Kistner, J. (1990). Physically abused preschooler's response to peers' distress. *Development Psychology*, 26, 599-602. doi:10.1037/0012-1649.26.4.599.
- Kowal, A., Krull, J., & Kramer, L. (2004). How the differential treatment of siblings is linked with parent-child relationship quality. *Journal of Family Psychology*, 18(4), 658-665. doi:10.1037/0893-3200.18.4.658.
- Krischer, M. K., & Sevecke, K. (2008). Early traumatization and psychopathy in female and male juvenile offenders. *International Journal of Law and Psychiatry*, 31(3), 253-262. doi:10.1016/j.ijlp.2008.04.008.
- Lang, S., Klinteberg, A. F. B., & Alm, P. O. (2002). Adult psychopathy and violent behavior in males with early neglect and abuse. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 106, 93-100. doi: 10.1034/j.1600-0447.106.s412.20.x.
- Leça, A., et al. (2011). *Maus Tratos em crianças e jovens, guia prático de abordagem, diagnóstico e intervenção*. (pp- 10-20). Lisboa. [Em linha] Disponível em « https://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/ficheiros-externos/doc-guia_maus-tratos_2-marco-2011-12h-pdf.aspx» [Acedido em: 21/11/2019].
- Lee, Z., & Salekin, R. T. (2010). Psychopathy in a noninstitutional sample: Differences in primary and secondary subtypes. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 1(3), 153-169. doi:10.1037/a0019269.
- Lidchi, V. (2016). *Maus-tratos e proteção de crianças e adolescentes: Uma visão ecossistêmica*. Rio de Janeiro: Editora do Instituto NOOS.

- Loney, B., Frick, P., Clements, C., Ellis, M., & Kerlin, K. (2003). Callous-unemotional traits, impulsivity and emotional processing in adolescents with antisocial behavior problems. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 32*(1), 66-80. doi: 10.1207/S15374424JCCP3201_07.
- Luke, N., & Banerjee, R. (2013). Differentiated associations between childhood maltreatment experiences and social understanding: A meta-analysis and systematic review. *Developmental Review, 33*(1), 1-28. doi:10.1016/j.dr.2012.10.001.
- Lynam, D. R. (1996). Early identification of chronic offenders: Who is the fledgling psychopathy?, *Psychological Bulletin, 120*, 209-234. doi:10.1037/0033-2909.120.2.209.
- Lynam, D. R. (2002). Psychopathy from the perspective of the five factor model. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Personality disorders and the five-factor model of personality* (2nd ed., pp. 325-350). Washington, DC: American Psychological Association.
- Lynam, D. R., Caspi, A., Moffitt, T. E., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2007). Longitudinal evidence that psychopathy scores in early adolescence predict adult psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology, 116*, 155-165.
- Lynam, D. R., Charnigo, R., Moffitt, T. E., Raine, A., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2009). The stability of psychopathy across adolescence. *Development and Psychopathology, 21*(4), 1133-1153. doi:10.1017/S0954579409990083.
- Lynam, D. R., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2008). The stability of psychopathy from adolescence into adulthood the search for moderators. *Criminal Justice and Behavior, 35*, 228-243. doi:10.1177/0093854807310153.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica, 33*, 69-83.
- Magalhães, T. (2002). *Maus-tratos em crianças e jovens: Guia prático para profissionais*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Magalhães, T. (2010). *Abuso de crianças e jovens: Da suspeita ao diagnóstico*. Porto: Lidel.
- Mancillas, A. (2006). Challenging the stereotypes about only children: A review of the literature and implications for practice. *Journal of Counseling & Development*, 84(3), 268-275.
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A.P.C.O., Silva, I.M., Lopes, R.C., & Piccinini, C.A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2),123-132. doi:10.1590/s0102-37722013000200001.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marôco, J. (2014). *Análise das equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Portugal: ReportNumber.
- Marôco, J. P., Campos, J. A. D. B., Vinagre, M. D. G., & Pais-Ribeiro, J. L. (2014). Adaptação transcultural Brasil-Portugal da Escala de Satisfação com o Suporte Social para estudantes do ensino superior. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 247-256. doi: 10.1590/1678-7153.201427205.
- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90. doi:978-989-96763-1-2.
- Marsee, M., Silverthorn, P., & Frick, P. (2005). The association of psychopathic traits with aggression and delinquency in non-referred boys and girls. *Behavioral Sciences and the Law*, 23(6), 803- 817. doi: 10.1002/bsl.662.
- Martins, M. J. D. (2012). Conduas agressivas na adolescência: Fatores de risco e de protecção. *Análise Psicológica*, 23(2), 129-135. doi:10.14417/ap.77.

- Martins, R. P. M. P., Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Manfroi, E. C., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2017). Práticas parentais: Associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia Argumento*, 32(78), 89-100. doi.org/10.7213/psicol.argum.32.078.AO04.
- Matos, R., Almeida, T., & Vieira, A. (2014). Questões de Género em Gangues juvenis em Portugal. Perspetivas de atores que intervêm no fenómeno. In V. Duarte & M. I. Cunha (Eds.), *Violências e delinquências juvenis femininas: Género e (in)visibilidades sociais* (pp.115-140). Famalicão: Editora Húmus.
- McCord, W., & McCord, J. (1964). *The psychopath: An essay on the criminal mind*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Miller, K.S. & Knutson, J. F. (1997). Reports of severe physical punishment and exposure to animal cruelty by inmates convicted of felonies and by university students. *Child Abuse and Neglect*, 21(1), 59-82.
- Miller, L. E., Cater, A. K., Howell, K. H. & Graham-Bermann, S. A. (2014). Perpetration patterns and environmental contexts of IPV in Sweden: Relationships with adult mental health. *Child Abuse & Neglect*, 38(1), 147-158.
- Mondin, E. M. C. (2017). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244.
- Montano, T. (2010). *Promoção e proteção dos direitos das crianças: Guia de orientações para os profissionais da educação na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo*. Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. [Em linha] Disponível em: <<http://www.cnpcjr.pt/left.asp?03.0>>. [Consultado em 03/12/2019].

- Monteiro, G., & Popenga, M. (2016). Fatores que contribuem para a formação de uma personalidade psicopática em crianças e adolescentes: Uma análise neurobiológica e social. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7, 365-376.
- Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark, C., & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 523-532.
- Ng, W., Mofrad, S., & Uba, I. (2014). Effect of birth order on the differential parental treatment of children. *Asian Social Science*, 10(14), 132-137. doi:10.5539/ass.v10n14p132.
- Ng-Mak, D. S., Salzinger, S., Feldman, R. S., & Stueve, C. A. (2004). Pathologic adaptation to community violence among inner-city youth. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74(2), 196-208. doi:10.1037/0002-9432.74.2.196.
- Nicholas, K., & Bieber, S. (1997). Assessment of perceived parenting behaviors: The Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory (EASE-PI). *Journal of Family Violence*, 12(3), 275-291.
- Nicholls, T., & Petrila, J. (2005). Gender and psychopathy: An overview of important issues and introduction to the special issue. *Behavioral Sciences and the Law*, 23(6), 729-741. doi: 10.1002/bsl.677.
- Obradovic, J., Pardini, D. A., Long, Jeffrey, D., & Loeber, Rolf (2007). Measuring interpersonal callousness in boys from childhood to adolescence: An examination of longitudinal invariance and temporal stability. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 36 (3), 276-292.
- Ometto, M., de Oliveira, P. A., Milioni, A. L., Dos Santos, B., Scivoletto, S., Busatto, G. F., ... & Cunha, P. J. (2016). Social skills and psychopathic traits in maltreated adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 25(4), 397-405.

- Organização Mundial da Saúde (1994). *CID-10: Classificação estatística internacional de doenças com disquete* (Vol. 1, 1ª ed.). Brasil: SciELO.
- Organização Mundial de Saúde (2002). Relatório mundial sobre saúde e violência. In E. G. Krug., L. L. Dahlberg., J. A. Mercy., A. B. Zwi., & R. Lozano (Eds.). *Abuso infantil e negligência por pais e outros cuidadores* (pp. 57-81). Genebra: Universal Copyright Convention.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual*. Berkshire: Allen & Unwin.
- Pechorro, P., Ray, J. V., Salas-Wright, C. P., Marôco, J., & Goncalves, R. A. (2015). Adaptation of the basic empathy scale among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law, 21*(7), 699-714. doi.org/10.1080/1068316X.2015.1028546.
- Penney, S., & Moretti, M. (2007). The relation of psychopathy to concurrent aggression and antisocial behavior in high-risk adolescent girls and boys. *Behavioral Sciences and the Law, 25*(1), 21-41. doi: 10.1002/bsl.715.
- Pereira, C. R. R., & Arpini, D. M. (2017). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia Argumento, 30*(69), 275-285. doi: 10.7213/psicolargum.v30i69.23283.
- Pesce, R. (2009). Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. *Ciências & Saúde Coletiva, 14*(2), 507-518.
- Peters, S. D, Wyatt G. E, & Finkelhor D. (1986). *Prevalence: A sourcebook on child sexual abuse*. Beverly Hills: Springer publishing company.
- Pinheiro, A. F., Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2017). Fratria: Tratamento parental diferenciado e estados emocionais negativos. *Psicologia, 31*(1), 17-26. doi.org/10.17575/rpsicol.v31i1.1140.

- Pires, A. L., & Miyazaki, M. C. O. S. (2005). Maus-tratos contra crianças e adolescentes: Revisão da literatura para profissionais da saúde. *Arquivos de Ciência da Saúde*, 12(1), 42-9.
- Pires, M. F., & Roazzi, A. (2016). Empatia e sua avaliação: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Amazônica*, 17(1), 158-172.
- Pooman, P., & Punia, S. (2012). Impact of parental and contextual facts on differential treatment of siblings in the families. *Studies on Home and Community Science*, 6(2), 107-112. doi.org/10.1080/09737189.2012.11885375.
- Relva, I., Fernandes, O. M., & Alarcão, M. (2012). Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida. *Revista Interamericana de Psicologia*, 46(3), 375-384. doi.org/10.13140/RG.2.1.2801.8800.
- Relva, I., Fernandes, O. M., & Mota, C. (2012). An exploration of sibling violence predictors. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 5, 46-62. doi: 10.1108/17596591311290740.
- Robinson, M. J. (2005). *Psychopathy and compliance correlates for male delinquents in a community program* (Tese de doutoramento não publicada). University of Rhode Island, Rhode Island, USA.
- Rogers, R. (2000). The uncritical acceptance of risk assessment in forensic practice. *Law and Human Behavior*, 24 (5), 595-605. doi: 10.1023/A:1005575113507.
- Ryan, J., Williams, A., & Courtney, M. (2013). Adolescent neglect, juvenile delinquency and the risk of recidivism. *Journal Youth Adolescence*, 42, 454-465.
- Salekin, R. T. (2006). Psychopathy in children and adolescents: Key issues in conceptualization and assessment. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 389-414). New York: Guilford Press.

- Salekin, R. T. (2016). Psychopathy in childhood: Toward better informing the DSM–5 and ICD-11 conduct disorder specifiers. *Personality Disorders: Theory, Research and Treatment*, 7, 180-191. doi:10.1037/per0000150.
- Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Child and adolescent psychopathy: An introduction. In R. Salekin & D. Lynam (Ed.), *Handbook of child & adolescent psychopathy* (pp. 389-414). New York: Guilford Press.
- Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Child and adolescent psychopathy: An introduction. In R. Salekin & D. Lynam (Ed.), *Handbook of child & adolescent psychopathy* (pp. 389-414). New York: Guilford Press.
- Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Environmental influences on child and adolescent psychopathy. In D. Farrington., S. Ullrich., & R. Salekin (Ed.), *Handbook of child & adolescent psychopathy* (pp. 203-230). New York: Guilford Press.
- Sampaio, L. R., Camino, C. P. D. S., & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspetos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29 (2), 212-227.
- Schmidt, B., Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2016). Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: Uma revisão integrativa. *Contextos Clínicos*, 9, pp. 2-18. doi: 10.4013/ctc.2016.91.01.
- Schwenck, C., et al. (2012). Empathy in children with autism and conduct disorder: Group-specific profiles and developmental aspects. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 53(6), 651-659. doi:10.1111/j.1469-7610.2011.02499.
- Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior*, 26, 219-239. doi: 10.1023/A:1014696110850
- Silva, A. B. B. (2014). *Mentes perigosas: O psicopata mora ao lado*. São Paulo: Globo.

- Silva, M. R. S., Schek, G., & da Rosa Silveira, M. D. P. (2014). Necessidades das famílias e as práticas profissionais na violência intrafamiliar. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 13(2), 335-342. doi: 10.4025/ciencucuidsaude.v13i2.19646.
- Silva, S. (2010). *Arte de educar*. Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Simões, M., & Gonçalves, R. A. (2017). The problem of adolescent psychopathy: The downward extension of adult. In F. Durban (Ed.). *Psychopathy - New updates on an old phenomenon*. Italy: IntechOpen. ISBN 978-953-51-3694-1.
- Simões, M., & Martins, J. (2019). Psicopatia, conflito e relações familiares. In A. P. Monteiro & P. Cunha (Ed.). *Gestão de conflitos na família*. Lisboa: Pactor.
- Simões, M., & Relva, I. C. (2019). *Youth Psychopathic Inventory Traits Reconstructed* (Unpublished manuscript). Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Simões, M., Gonçalves, R. A., & Lopes, J. (2010). Adaptação do “Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI)”: Estudo Preliminar. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia.
- Simões, M., Gonçalves, R. A., & Lopes, J. (2016). International note: Confirmatory factor analysis and psychometric properties of the Youth Psychopathic Traits inventory in a sample of Portuguese adolescents. *Journal of Adolescence*, 47, 100-103.
- Smith, C., & Thornberry, T. P. (1995). The relationship between childhood maltreatment and adolescent involvement in delinquency. *Criminology*, 34(4), 451-481. doi.org/10.1111/j.1745-9125.1995.tb01186.
- Stamm, B. H. & Friedman, M. J. (2000). Cultural diversity in the appraisal and expression of trauma. In A. Y. Shalev, R. Yehuda, A. C. McFarlane (Ed.). *International handbook of human response to trauma*, (p.69-85). New York: Springer Science.

- Strand, S., & Belfrage, H. (2005). Gender differences in psychopathy in a Swedish offender sample. *Behavioral Sciences and the Law*, 23(6), 837-850. doi: 10.1002/bsl.674.
- Strayer, J. (1992). Perspectivas afectivas y cognitivas sobre la empatia. En N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.). *La empatia y su desarrollo* (pp. 241-270). Bilbao: Desclée de Brower.
- Szelbrackowski, A. C., & Dessen, M. A. (2007). Problemas de comportamento exteriorizado e as relações familiares: Revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 33-40.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Principal components and factor analysis: Using Multivariate Statistics* (3^a ed.). California: Harper Collins College.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2019). *Using multivariate statistics* (Vol. 14, 7^a ed.). Boston: Pearson.
- Thompson, R. A. (1992). Empatía y comprensión emocional: El desarrollo temprano de la empatía. En N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.). *La empatía y su desarrollo* (pp. 133-161). Bilbao: Desclée de Brower.
- Turner, H. A., Shattuck, A., Finkelhor, D., & Hamby, S. (2017). Effects of poly-victimization on adolescent social support, self-concept, and psychological distress. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(5), 755-780. doi.org/10.1177/0886260515586376.
- Ugueto, A. (2005). *Psychopathy in delinquent girls: An examination of factor structure* (Tese de doutoramento não publicada). Ohio State University, Ohio, USA.
- Vahl, P., Colins, O. F., Lodewijks, H. P., Lindauer, R., Markus, M. T., Doreleijers, T. A., & Vermeiren, R. R. (2016). Psychopathic traits and maltreatment: Relations with aggression and mental health problems in detained boys. *International Journal of Law and Psychiatry*, 46, 129-136. doi:10.1016/j.ijlp.2016.02.006.
- Van der Graff, J., Branje, S., DeWeid, M., Hawk, S., VanLier, P. & Meeus, W. (2013). Perspective taking and empathic concern in adolescence: Gender differences in developmental changes. *Developmental Psychology*, 50(3). doi: 10.1037/a0034325.

- Verona, E., Sadeh, N., & Javdani, S. (2010). The influences of gender and culture on child and adolescent psychopathy. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 317-342). New York: Guilford Press.
- Vieira, M. S., & Grossi, P. K. (2018). A política de assistência social e o enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil. *Ser Social, 19*(41), 479-498.
- Warden, D., & Mackinnon, S. (2003). Prosocial children, bullies and victims: An investigation of their sociometric status, empathy and social problem-solving strategies. *British Journal of Developmental Psychology, 21*, 376-385. doi:10.1348/026151003322277757.
- Watts, A. L., Donahue, K., Lilienfeld, S. O., & Latzman, R. D. (2017). Gender moderates psychopathic traits' relations with self-reported childhood maltreatment. *Personality and Individual Differences, 119*, 175-180. doi:10.1016/j.paid.2017.07.011.
- Weber, L. N. D., & Ton, C. (2011). Maternal practices and social skills of Brazilian Youngsters. *International Journal of Development and Educational Psychology, 1*(1), 399-408.
- Weber, L. N. D., Viezzer, A. P., Brandenburg, O. J., & Zocche, C. R. E. (2002). Famílias que maltratam: Uma tentativa de socialização pela violência. *PsicoUSF, 7*(2), 163-173.
- Weber, M. (2008). *Fundamentos de sociologia*. Porto: Rés Editora.
- Weiler, B. L., & Widom, C. S. (1996). Psychopathy and violent behaviour in abused and neglected young adults. *Criminal Behaviour and Mental Health, 6*, 253-271. doi:10.1002/cbm.99.
- Whittle, H., Hamilton-Giachritsis, C., Beech, A., & Collings, G. (2013). A review of young people's vulnerabilities to online grooming. *Aggression and Violent Behavior, 18*(1), 135-146. doi:10.1016/j.avb.2012.11.008.
- Williams, L. M. (1995). Recovered memories of abuse in women with documented child sexual victimization histories. *Journal of Traumatic Stress, 8*(4), 649-673.

- Williams, L. M., Mathersul, D., Palmer, D. M., Gur, R. C., Gur, R. E., & Gordon, E. (2009). Explicit identification and implicit recognition of facial emotions: I. Age effects in males and females across 10 decades. *Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology*, *31*, 257-277. doi.org/10.1080/13803390802255635.
- Wispe, L. (1986). The distinction between sympathy and empathy: To call forth a concept, a word is needed. *Journal of Personality and Social Psychology*, *50*, 314-321. doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.314.
- Wu, P., Robinson, C. C., Yang, C., Hart, C. H., Olsen, S. F., Porter, C. L., Jin, S., Wo, J., & Wu, X. (2002). Similarities and differences in mother's parenting of preschoolers in China and the United States. *International Journal of Behavioral Development*, *26*, 481-491.

ANEXOS

Anexo 1: Análise Fatorial Confirmatória de 1ª ordem do *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory-* (EASE-PI) – Pai

Anexo 2: Análise Fatorial Confirmatória de 1ª ordem do *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory-* (EASE-PI) – Mãe

Anexo 3: Análise Fatorial Confirmatória de 1ª ordem da Versão Breve da Escala Básica de Empatia (BES-A)

Anexo 4: Análise Fatorial Confirmatória de 1ª ordem do *Youth Psychopathic Inventory Traits Reconstructed* (YPI-RE)

Anexo 5: Autorização da Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Anexo 6: Documento de Inquirição

Anexo 1

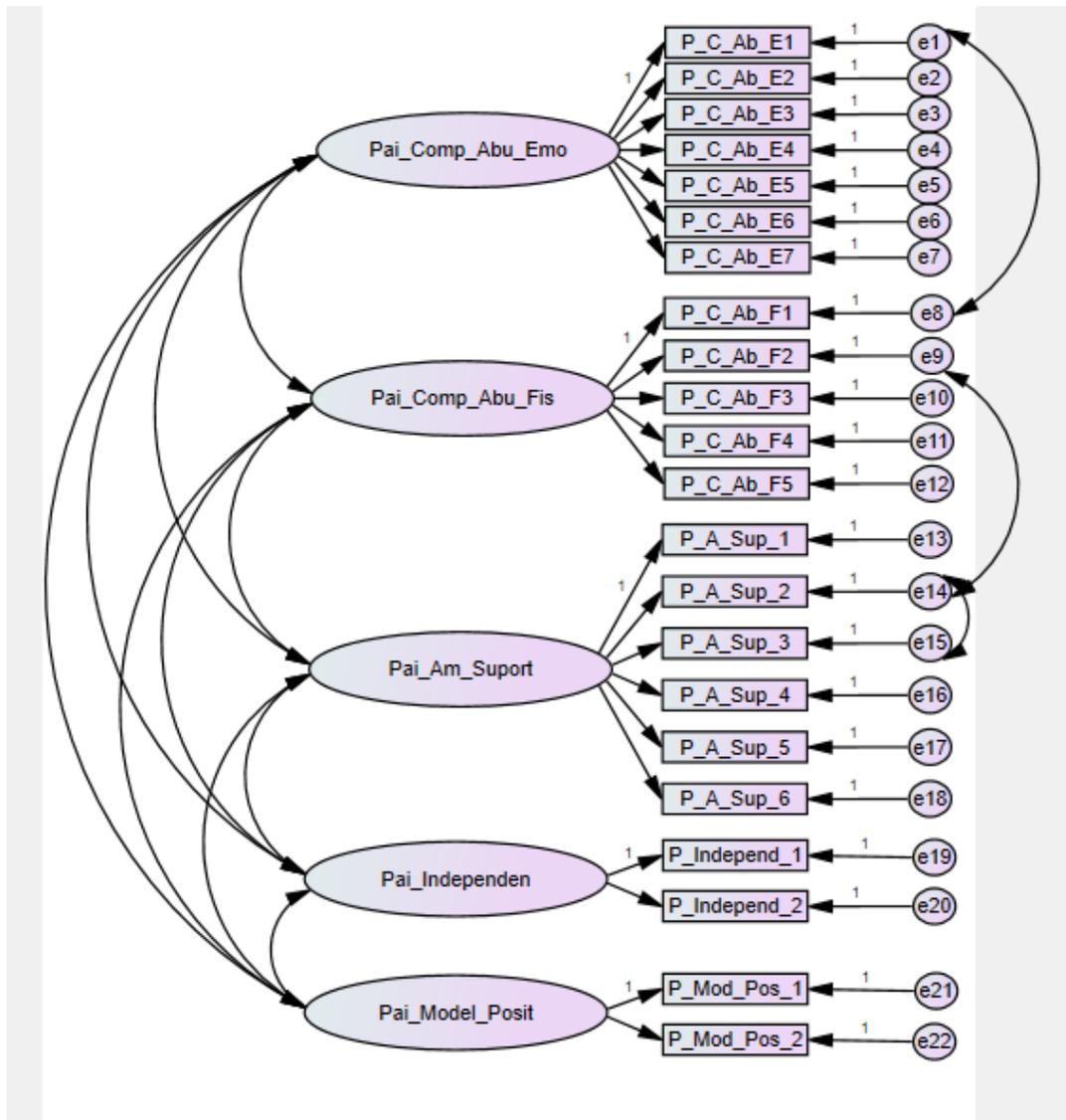


Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª ordem do *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory-* (EASE-PI) – Pai

χ^2 (196)=778.047; p =.000; *Ratio*=3.970; CFI=.93; GFI=.91; RMR=.153 e RMSEA=.06

Anexo 2

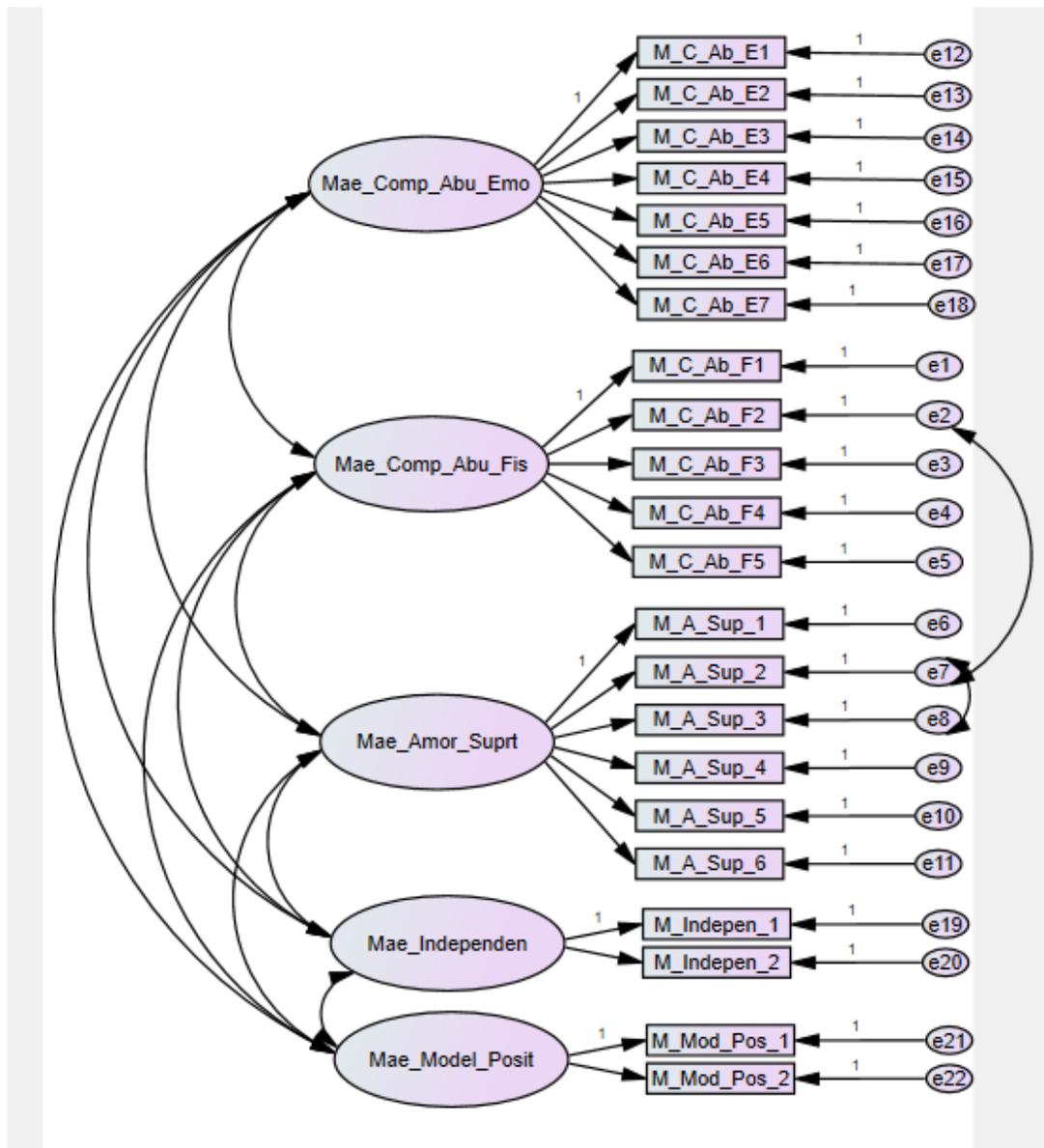


Figura 2. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª ordem do *Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory - (EASE-PI) – Mãe*

$\chi^2(197)=760.274; p=.000; Ratio=3.859; CFI=.92; GFI=.91; RMR=.116$ e $RMSEA=.06$

Anexo 3

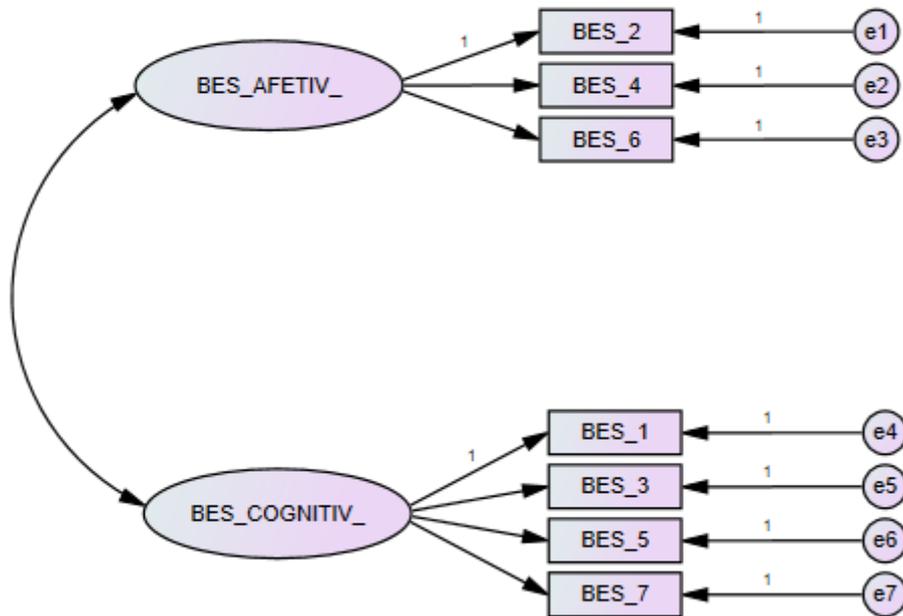


Figura 3. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª ordem da Versão Breve da Escala Básica de Empatia (BES-A)

$\chi^2 (13) = 44.818; p = .000; Ratio = 3.448; CFI = .97; GFI = .98; RMR = .033$ e $RMSEA = .06$.

Anexo 4

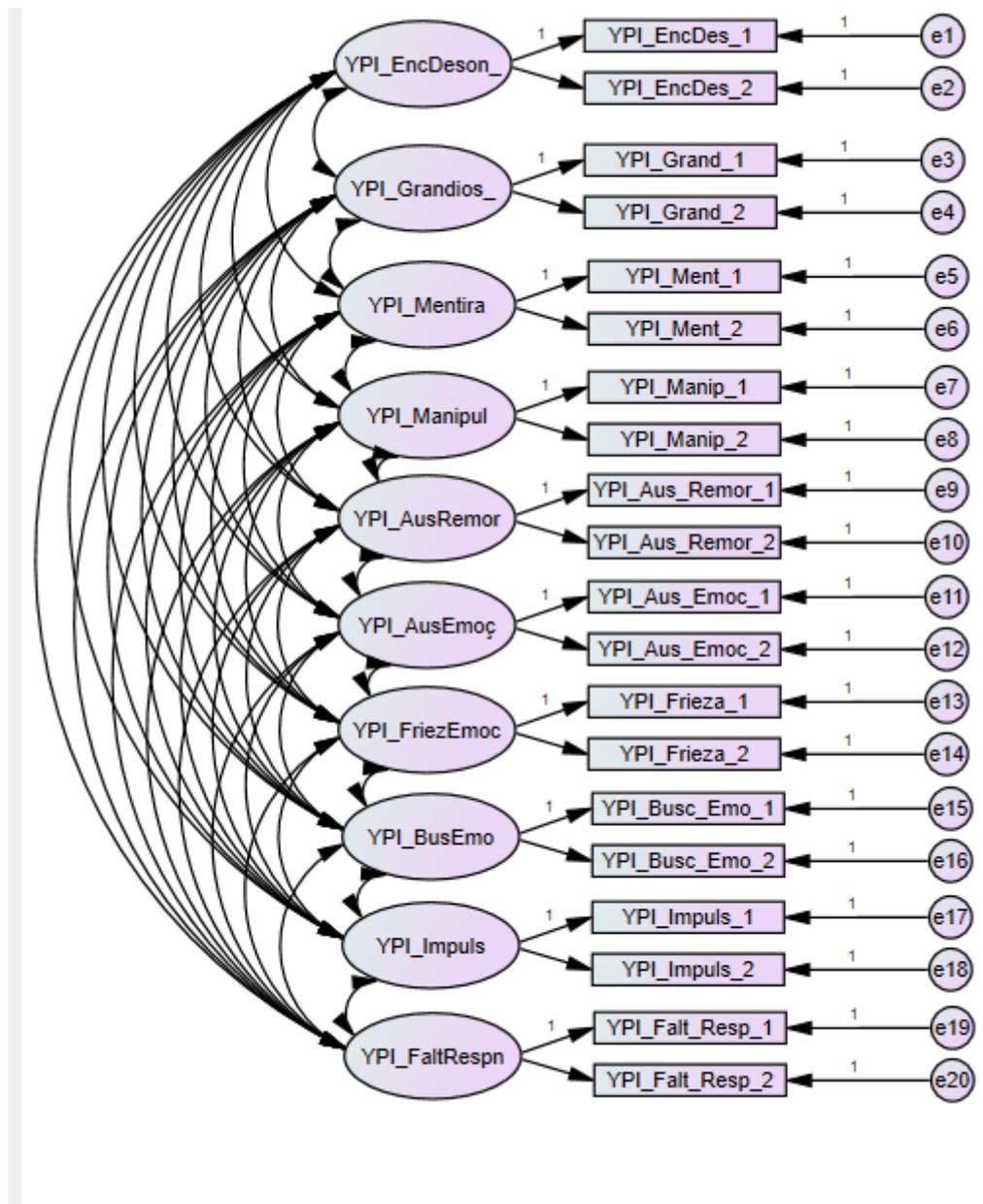


Figura 4. Análise Fatorial Confirmatória de 1ª ordem do *Youth Psychopathic Inventory Traits Reconstructed* (YPI-RE)

χ^2 (125) = 295.773; $p = .000$; Ratio = 2.366; CFI = .97; GFI = .96; RMR = .152 e RMSEA = .04.

Anexo 5

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO		utad
		Comissão de Ética da UTAD
Parecer da Comissão de Ética N:	113/2018	
Data:	22.11.2018	
Assunto:	Doc95-CE-2018 Projeto de investigação "Impacto dos Maus Tratos na Infância e Adolescência na emergência dos Traços Psicopáticos"	
Requerente:	Daniela Martins/ Coord: Margarida Simões; Inês Relva	

Estando garantidos os direitos dos participantes, nomeadamente a participação voluntária, o consentimento informado, o anonimato e a confidencialidade dos dados, a Comissão de Ética não se opõe à realização do estudo apresentado.

A CE relembra que, devido à natureza das questões e a idade da população alvo, tem de ser acautelado o acompanhamento psicológico dos respondentes.

Lembramos, ainda, a necessidade de respeitar a legislação em vigor relativamente à proteção dados.

Pela Comissão de Ética,
O Presidente da Comissão

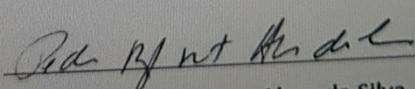

Pedro Miguel Mestre Alves da Silva

Figura 5. Autorização da Comissão de ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Documento de Inquirição

Data ____/____/____

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Sexo: Masculino Feminino

2. Idade: _____ anos

3. Ano de Escolaridade: _____

Ensino Regular CEF Profissional Outro Qual? _____

4. Tens irmãos? Sim Não **Quantos?** _____ **Idades:** _____

5. Estado civil do Pai: Solteiro Casado União de Facto Divorciado Viúvo

6. Estado civil da Mãe: Solteira Casada União de Facto Divorciada Viúva

7. Escolaridade do Pai: 1ºCiclo 2ºCiclo 3ºCiclo Secundário Ensino Superior

8. Escolaridade da Mãe: 1ºCiclo 2ºCiclo 3ºCiclo Secundário Ensino Superior

9. Profissão do Pai: _____ **Profissão da Mãe:** _____

10. Com quem vives? _____

BES-A

(Jolliffe & Farrington, 2006; Adaptada por Pechorro, Ray, Salas-Wright, Maroco, & Goncalves.)

Pedimos a tua colaboração no preenchimento do questionário que se segue. Gostaríamos de saber como pensas e sentes diferentes coisas. Para cada item, diz o quanto concordas ou não com ele. Por favor, assinala com um o número da escala de acordo com o seguinte critério:

Discordo Totalmente	Discordo um pouco	Nem discordo nem concordo	Concordo um pouco	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5

1. Quando as pessoas se sentem em baixo geralmente costumo perceber como elas se sentem.	1	2	3	4	5
2. Depois de falar com um amigo que está triste geralmente também fico triste.	1	2	3	4	5
3. Geralmente costumo perceber quando os meus amigos estão nervosos.	1	2	3	4	5
4. Sou facilmente influenciado pelos sentimentos das outras pessoas.	1	2	3	4	5
5. Geralmente costumo perceber como as pessoas se sentem mesmo antes de elas me dizerem.	1	2	3	4	5
6. Costumo deixar-me influenciar pelos sentimentos dos meus amigos.	1	2	3	4	5
7. Geralmente costumo perceber quando as pessoas estão contentes.	1	2	3	4	5

(EASE-PI)

(Nicholas & Bieber, 1997; tradução Mariana Martins, Margarida Simões & Inês Relva)

A seguir aparecem uma série de frases que se referem a condutas que às vezes os pais têm para com os seus filhos. Deves indicar se os teus pais (ou as pessoas que atuaram como teus pais) realizaram ou não estas condutas contigo. Assinala em primeiro lugar se a tua MÃE as realizava ou realiza atualmente e a seguir se o teu PAI as realizava ou realiza atualmente, tendo em conta que:

Nunca	Quase Nunca	Algumas Vezes	Quase Sempre	Sempre
0	1	2	3	4

	MÃE					PAI				
	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
1- Confortou-te quando estavas magoado(a).										
2- Partiu ou esmagou objetos perto de ti quando estava com raiva de ti.										
3- Fez-te sentir desprotegido(a) ou com receio de seres magoado (a) (emocionalmente).										
4- Resolveu conflitos de forma justa.										
5- Deixou crescer-te ao teu próprio ritmo.										
6- Atirou coisas contra ti.										
7- Fez-te sentir estúpido quando não percebeste alguma coisa.										
8- Permitiu que sentisses que tinhas o controlo da tua própria vida.										
9- Permitiu-te explorares as tuas próprias ideias.										
10- Puxou-te o cabelo.										
11- Acreditou em ti.										
12- Fez coisas que permitiram que soubesses que te ama.										
13- Foi fisicamente carinhoso.										

Nunca	Quase Nunca	Algumas vezes	Quase Sempre	Sempre
0	1	2	3	4

	MÃE					PAI				
	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
14- Agarrou-te, abanou-te ou empurrou-te.										
15- Praticou aquilo que defendia.										
16- Arranhou-te de propósito.										
17- Ajudou-te quando estavas com problemas.										
18- Bateu-te várias vezes ou deu-te uma tarefa?										
19- Gostava de passar tempo contigo.										
20- Tratou-te como se fosses a “ovelha negra” da família.										
21- Bateu-te.										
22- Bateu-te com objetos.										
23- Disse-te que te amava.										
24- Fez-te querer a vingança.										
25- Ajudou-te a ultrapassar os maus momentos.										
26- Tentou sufocar-te.										
27- Forneceu um bom exemplo.										
28- Foi justo em providenciar coisas para ti.										
29- Permitiu que fosses tão independente ou livre quanto o precisasses ser.										
30- Pontapeou-te.										
31- Disse que te odiava.										
32- Ensinou-te bons valores.										

Nunca	Quase Nunca	Algumas vezes	Quase Sempre	Sempre
0	1	2	3	4

	MÃE					PAI				
	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
33- Ameaçou magoar-te (emocionalmente).										
34- Disse-te coisas para te fazer sentir bem.										
35- Disse que podias confiar nele (a).										
36- Ridicularizou os teus sentimentos.										
37- Menosprezou ou gozou com a tua aparência física.										
38- Ignorou-te por longos períodos de tempo.										
39- Ameaçou-te com uma arma (como uma faca ou uma pistola).										
40- Fez declarações ou disse coisas como: "Eu desejava que nunca tivesses nascido".										
41- Respeitou a tua individualidade (singularidade, diferença).										
42- Respeitou os teus sentimentos.										
43- Fez sentir que o que dizias era valioso ou valia a pena.										
44- Proporcionou um ambiente confortável para viver.										
45- Fez-te sentir inútil.										
46- Fez-te sentir como se fosses uma má pessoa.										
47- Respeitou as tuas decisões.										
48- Estava disponível para falar contigo sobre questões sensíveis (tais como sexo, drogas, etc.).										
49- Usou uma arma (como uma faca ou uma pistola) contigo.										

Nunca	Quase Nunca	Algumas vezes	Quase Sempre	Sempre
0	1	2	3	4

	MÃE					PAI				
	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
50- Ridicularizou ou gozou com as tuas opiniões.										
51- Criticou-te ou humilhou-te na frente de outros.										
52- Foi fria(o) ou rejeitou-te.										
53- Disse-te que gostava mais dos teus irmãos do que de ti.										
54- Ameaçou matar-te.										
55- Fez-te sentir-se mal quando comeste um erro.										
56- Deixou-te fazer atividades que a maioria das outras crianças fazia.										
57- Foi flexível sobre regras ou limites (por exemplo, deixou-te ficar fora até mais tarde em noites especiais, etc.).										
58- Fez-te sentir que o seu amor era condicional (só existia se fizesses ou fosses o que ela (ele) quisesse).										
59- Apoiou-te emocionalmente.										
60- Insultou-te ou falou mal contigo.										

YPI-RE

(Andershed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002; Adaptada por Simões, Lopes & Gonçalves e posteriormente reformulada por Simões & Relva, 2019)

Para finalizar, vais encontrar frases que descrevem certas características e comportamentos típicos das pessoas. **Responde a cada frase de acordo com o que sentes mais frequentemente**, e não apenas agora.

Por favor, lê as frases e diz, para cada uma delas, **em que grau concordas ou discordas que ela se aplica a ti**. Lembra-te que não há respostas certas ou erradas, queremos saber o que pensas e sentes, e não o que é “certo” ou “errado”.

Assim, procura ser sincero(a) nas tuas respostas.

Instruções: • Caso já não tenhas pai ou mãe responde como se tivesses.

Itens	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1 - Para mim é fácil convencer e seduzir as outras pessoas para obter o que quero					
2 - Sou simpático (a) e agradável, mesmo quando as pessoas não gostam de mim, para conseguir deles (as) o que quero					
3 - Quando é preciso, uso o meu sorriso e o meu encanto para aproveitar-me dos outros					
4 - Quando alguém pergunta algo tenho uma resposta pronta e convincente, mesmo quando acabei de a inventar					
5 - Quando quero alguma coisa do meu pai tento dar a volta à minha mãe para o convencer					
6 - Sou melhor que os outros em quase tudo					
7 - Considero-me mais importante e com mais valor que as outras pessoas					
8 - Acredito que nasci para ser uma pessoa famosa, importante e influente.					
9 - Tenho mais talentos que as outras pessoas					
10 - O mundo seria bem melhor se eu mandasse					

Itens	Nunca	Raramente	Algumas	Muitas	Sempre
11 - É divertido inventar histórias e levar as pessoas a acreditar nelas					
12 - Minto sem razão ou digo mentiras só para me divertir					
13 - Já me meti em sarilhos por causa das minhas mentiras					
14 - Quando estou a contar alguma história gosto de a exagerar e de inventar					
15 - Dou comigo a mentir sem motivo especial					
16 - Consigo o que quero se disser às pessoas o que elas querem ouvir					
17 - Sinto que sou bom em fazer com que as pessoas acreditem em mim					
18 - Para conseguir alguma coisa das pessoas acho bem enganá-las					
19 - Posso fazer com que as pessoas acreditem em tudo o que quero					
20 - Já usei alguém para conseguir o que queria					
21 - Para mim é fácil manipular as pessoas					
22 - É sinal de fraqueza sentir culpa e remorsos por coisas que faço e que magoam outras pessoas					
23 - Sou capaz de não sentir culpa nem lamentar “cenas” que as outras pessoas sentem ou lamentam					
24 - Fico mais zangado do que culpado quando alguém descobre que faço algo de errado					
25 - É uma perda de tempo sentir culpa e lamentar os nossos erros					
26 - Não lamento as coisas que faço, mesmo quando os outros pensam que estão erradas					

27 - Fico calmo (a) nas situações em que os outros se assustam					
28 - O que assusta os outros não me assusta a mim					
29 - Para mim é sinal de fraqueza ser nervoso(a) e preocupado(a)					
30 - Os sentimentos que afetam os outros a mim não me afetam					
31 - Não percebo as pessoas que choram e ficam emocionadas com o que veem na TV ou no cinema					
32 - Sinto-me mal ou culpado (a) quando faço algo de errado ®					
33 - Peço desculpa às pessoas que magoo ®					
34 - Fico triste quando vejo os outros tristes ou a chorar ®					
35 - Para mim é importante não ferir os sentimentos dos outros ®					
36 - Já fiz coisas perigosas por pura adrenalina					

Itens	Nunca	Raramente	Algumas	Muitas vezes	Sempre
37 - Gosto de estar em locais onde acontecem coisas radicais					
38 - Gosto de fazer coisas só pela excitação que me provocam					
39 - Gosto de fazer coisas excitantes e perigosas, mesmo quando são proibidas ou ilegais					
40 - Aborreço-me com facilidade se estiver a fazer sempre as mesmas coisas					
41 - Quando se metem comigo não respondo por mim					
42 - Quando vejo uma coisa que gosto compro-a mesmo sem precisar dela					
43 - Faço coisas sem medir as consequências					
44 - Digo coisas sem pensar					
45 - Sou uma pessoa impulsiva					
46 - Já faltei à escola ou outras atividades mais vezes que os meus colegas					
47 - Não faço os trabalhos ou outras atividades escolares a tempo					
48 - Chego atrasado(a) às aulas ou outras atividades					
49 - Já me aconteceu pedir uma coisa emprestada e depois perdê-la					
50 - Gasto o dinheiro que os meus pais me dão para as refeições noutras coisas					

Agora gostaria que fizesses uma revisão e verificasses se não ficou nenhuma alínea por responder.

Muito obrigada pela tua colaboração!